ESTHER WAJSKOP TERDIMAN

IMPrensa ÍDICHE EM SÃO PAULO: VIVÊNCIA E DINAMISMO

**SAN PAULER ÍDICHE TSAITUNG
(A GAZETA ISRAELITA DE SÃO PAULO)
1937**

Dissertação de Mestrado
apresentada como exigência parcial
para obtenção do Grau de Mestre de
Língua Hebraica, Literatura e Cultura
Judaicas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, sob
orientação da Prof^ª. Dra. Nancy
Rozenchan.

São Paulo
1997

Aos meus pais, Liza e Jayme Wajskop
Z'l, que me ensinaram a amar o ídiche. Ao
meu marido, Tally Moisa Terdiman Z'l,
que sempre me incentivou.

Este trabalho foi realizado com o apoio
de bolsa da CAPES, pelo que sou grata.

RESUMO

Durante séculos os judeus habitaram os mesmo locais fixos na Europa, Ásia ou África. Seus deslocamentos eram devidos a expulsões ou perseguições. As modificações sociais, políticas e econômicas dos últimos cento e poucos anos conduziram a alterações na concepção do viver judaico. Fez-se necessário buscar condições de vida mais humanas e confortáveis daquelas que tinham, principalmente no Velho Mundo. Novas idéias e aberturas trouxeram os judeus para o Brasil no século 20. Provenientes de diversas partes, mas em especial do leste europeu, estabeleceram-se em São Paulo no período entre-guerras e participaram da vida local, do desenvolvimento do país, enquanto mantinham seus vínculos com a cultura ancestral e, nela, com a língua mãe, o *mame-loshn*, o ídiche.

Os dados sobre a história da comunidade judaicas de São Paulo são falhos, seus registros carecem de consistência. No afã de recuperar uma parcela da vida judaica paulistana, propusemo-nos a realizar um levantamento que pudesse proporcionar subsídios para a reconstrução do que foi viver numa terra nova, com novas formas de sustento, enquanto os corações estavam voltados para o que ocorria nas terras de origem. Assim, analisamos o material publicado pelo jornal *San Pauler Idiche Tsaitung – A Gazeta Israelita de São Paulo*, de tendência sionista, em seus 122 exemplares do ano de 1937, primeiro volume localizado em arquivo local. Escrito, em sua maior parte, em língua ídiche, o jornal serve como meio de

avaliação das experiências, preocupações e sentimentos de grande parcela da comunidade judaica local de então.

Este trabalho procurou traçar ainda um parâmetro com a imprensa local, em português, tendo a escolha recaído sobre o *Correio Paulistano*, também de 1937. O trabalho de cotejo apontou para uma comunidade atuante, atenta aos problemas próprios e aos nacionais, com alto índice de participação ativa em eventos e experiências de diversos matizes. Para além das fronteiras, atesta-se o interesse e pensamentos voltados aos acontecimentos que, naqueles dias, ainda não prenunciavam de forma nítida o alcance da catástrofe que estava por vir.

A leitura, seleção e análise do material publicado conduziu a uma divisão por temas abrangendo os principais assuntos que afetaram a comunidade judaica paulistana.

Consideramos que o material ora apresentado pode servir de subsídio para desenvolver capítulos mais densos da história da vida judaica no Brasil, para onde estes imigrantes vieram e que os abrigou, proporcionando-lhes alento e possibilidade de uma vida digna.

Summary

For centuries the Jews lived in the same fixed places in Europe, Asia, or Africa. Their movings were due to expulsions or persecutions. The social, political and economic modifications begin around hundred years ago have led to changes in the conceptions of the Jewish way of life. There was a need to reach for better human and more comfortable conditions of life, rather than the ones they used to have in the Old World. New ideas and openings brought the Jews to Brasil in the 20th century. Arriving from different parts, but mainly from eastern Europe, they settled in Sao Paulo, in the between-war period and took part in the local life, in the development of the country while they kept their ties with their ancestral culture and within that, with the mother language, the “mame-loshn”, the yiddish. The data about the Jewish community in Sao Paulo are faulty, their records are unreliable. In order to make up for a fragment of the Jewish “paulistana” life, our intention was to make a survey which could provide allowance for the reconstruction of the way of life in a new land with new ways of support. While the hearts of the imigrants were turned back to what was happening in their land of origin. Thus, we have analysed the first issue from the material published in the newspaper *San Pauler Idische Tsaitung* – *A Gaseta Israelita de São Paulo* – of zionist tendency in its 122 issues

from 1937 found in local archives. The newspaper written mostly in the yiddish language is meant to be a means of evaluations of the experiences, preoccupation and feelings of a great part of the local Jewish community of those times.

This essay tries to establish a parameter with the local press in Portuguese, the choice being *Correio Paulistano* also from 1937. The work of comparison pointed out an active community, attentive to both their own and national problems, with a high index of active participation in events and experiences of various ranges. Beyond the frontiers we notice the interest and the thoughts turned to the events which, in those days, didn't foresee clearly yet the results of the catastrophe which was to occur.

The reading, selections and analyses of the published material led to a division in subjects including the main topics which were affected the Jewish community living in Sao Paulo.

We consider that the material presented can be used as an allowance to the development of denser chapters of the history of Jewish life in this country which was chosen by these immigrants and which gave them shelter and provided encouragement and possibilities for a worthy life to them.

Índice

Apresentação	01
Imigração.....	13
Atividades Sociais, Filantrópicas e Culturais.....	32
Os judeus de São Paulo e a cidadania.....	58
A evolução do anti-semitismo em 1937.....	85
Palestina (Eretz Israel).....	156
Diversos.....	184
Bibliografia.....	
Anexos.....	I

Apresentação

Apresentação

A comunidade judaica no Brasil, no ano de 1937, concentrava-se em algumas capitais mais desenvolvidas no país, em especial São Paulo e Rio de Janeiro. Nos anos 30, essa geração de imigrantes continua a atravessar os oceanos em busca de novos portos seguros. A ocorrência de massacres em algumas partes do mundo era um motivo a mais para grandes tomadas de resolução. A imigração dos judeus ao Brasil se iniciara nos primórdios do século passado; os falantes de língua ídiche somente começaram a chegar no Brasil na última década do século XIX.

Fazendo o levantamento de um jornal dessa comunidade em São Paulo, teremos oportunidade de contribuir para a memória , já não tão recente, de seus feitos, atividades, opiniões e preocupações

Ao fazermos uma estatística dos órgãos de imprensa dirigidos especificadamente a ela, temos que levar em conta que se tratava de uma imprensa que visava um pequeno número de leitores, que se comunicava entre si, principalmente em ídiche, e que nem todos os periódicos duravam muito tempo. No entanto, vemos uma imprensa marcada por alto grau de profissionalismo.

Isaac Raizman, historiador e jornalista judeu, em sua obra *A Fertl Yorhundert Yidiche Presse in Brazil*, menciona como uma das causas para a criação de um periódico em língua ídiche, o interesse dos imigrantes em saberem o que se passava com seus irmãos e parentes durante aqueles anos de pré-guerra que assolava o continente europeu, de onde vieram (citado por Falbel, N. *Estudo sobre a comunidade judaica no Brasil*, p. 155, no capítulo “A imprensa ídiche como fonte para o estudo da história dos judeus no Brasil”. A obra de Isaac Raizman editada em Sfat (Israel), em 1968 constitui a primeira obra do gênero sobre a imprensa judaica no Brasil. Do período

que estamos estudando, 1937, encontramos referências às seguintes publicações:

a) O jornal *Di Idiche Folkstsaitung*, que apareceu em 1927, no Rio de Janeiro, em edição inicialmente semanal. Em 1935 torna-se diário, tem existência até 1941 e é editado em ídiche.

b) *Idiche Presse*, também do Rio de Janeiro; semanário fundado em junho de 1931 e publicado até fins de 1940.

c) O periódico paulista *A Civilização*, de 1937 a 1939, editado em português.

d) O *San Pauler Idiche Tsaitung* (a Gazeta Israelita de São Paulo), fundado em 1931, que era editado três vezes por semana e se torna diário; no princípio, só em ídiche e, depois, em ídiche e português.

Os S.P.I.T.* vigorou até 1941 e conhecemos recentemente três exemplares que foram publicados em janeiro e fevereiro de 1959, numa tentativa de reavivar a publicação, mas sem continuidade.

O *San Pauler Idiche Tsaitung*, único jornal em ídiche de São Paulo na época, era o que representava a maioria da coletividade, tendo à frente como fundador, editor, proprietário e redator, Marcos Frankenthal. O S.P.I.T. conseguiu se firmar entre os jornais da coletividade, na época, haja visto o tempo que sobreviveu.

Chama a atenção o número expressivo de publicações específicas de temática judaica entre Rio de Janeiro e São Paulo. (Dois no Rio de Janeiro e um em São Paulo).

* Os jornais serão mencionados também pelas suas iniciais; nas notícias do S.P.I.T., que são a maioria, nos absteremos de repetir a sigla.

O jornal em língua ídiche está diretamente relacionado ao grande contingente de imigrantes da Europa Oriental e Central que foi atraído para a cidade de São Paulo na década de 30, procurando escapar às situações de penúria e ao anti-semitismo. Além de trabalhar para sua sobrevivência, os imigrantes também entregavam-se com ardor aos eventos culturais e políticos de seu pequeno agrupamento, enquanto procuravam manter as suas tradições.

A produção jornalística visava atingir seu público como instrumento de informação, conscientização e integração para uma auto-proteção e integração na vida brasileira, e contra os desmandos que aconteciam em vários países. O S.P.I.T. tinha uma linha sionista, mas dirigia-se a todos os judeus. Pretendia atingir um público identificado pelo ideal sionista e propunha-se a manter aqueles que imigravam sempre ligados entre si, reconhecendo-os como pertencentes a uma coletividade, com vínculos com seus parentes nas antigas pátrias.

Apesar do ídiche estar se revitalizando na academia em vários países, um trabalho com uma imprensa em ídiche será pouco provável, em São Paulo. Seria interessante pesquisar o que escreviam e transmitiam, em forma de editoriais e/ou artigos (assinados ou não) ao público leitor.

Os propósitos da publicação estão expressos, como em qualquer jornal, nos seus artigos de fundo, notas e comentários, em ídiche e, mais tarde, também em português. Ao lado da constante necessidade de união entre os membros da comunidade e, apesar das querelas sempre existentes dentro dos diversos grupos, queria conseguir o respeito dos brasileiros, num país que elegeram como segunda pátria e onde o anti-semitismo aflora com o surgimento do nazismo, na Europa, e com o integralismo, no Brasil.

No direcionamento dessa união, propugnava por uma federação das associações que existiam na sociedade judaica, afim de representá-la, estabelecendo uma linha entre os vários grupos.

Conteúdo do Jornal

Esse jornal tinha uma circulação, peridiocidade e número de páginas que não variavam muito. Às vezes era composto de seis páginas e outras (na maioria das vezes) de oito páginas. Sua publicidade era bastante respeitável, ultrapassando os 50% do impresso no jornal, semelhante à da imprensa em geral.

O S.P.I.T., jornal objeto de nosso estudo, tinha o caráter de pequena empresa jornalística, com diretores e responsáveis, pois devia visar também o lucro, mas que não abandonou sua luta contra o nazi-fascismo, que era uma forma de combater pela sobrevivência do povo judeu.

Em anos posteriores, o S.P.I.T. passou de jornal tri-semanal (4^{as.}, 6^{as.} e domingo), para diário, com exceção de sábado e segundas-feiras, quando não saia. Era dirigido à coletividade israelita do Brasil, principalmente à de São Paulo.

Era um jornal destinado a informar os fatos sociais, culturais e de interesse dos judeus, de um modo geral.

Entre seus colaboradores predominavam judeus da Europa Oriental e dos Estados Unidos; o jornal publicou igualmente contos e artigos de escritores do Brasil, muitos dos quais já não são passíveis de identificação.

Havia seção dedicada ao registro de eventos culturais e sociais da coletividade, inclusive de outras cidades e estados, com anúncios de

congratulações pelos noivados, casamentos, formaturas, etc. e notas de pêsames e falecimentos.

Ainda na área cultural, transcreviam-se contos de escritores consagrados da literatura ídiche e de autores contemporâneos.

Muito do que foi impresso era tradução ao ídiche de artigos publicados no exterior, em hebraico e russo. Havia também uma seção de divulgação de assuntos de medicina, escrito sempre pelo Dr. Moisés Deutch, ainda exercendo sua profissão, em São Paulo.

Em todos os números, havia uma seção destinada ao noticiário geral, notícias sobre os judeus na Europa, Palestina e em outros países, principalmente na página 1. O cabeçalho da primeira página dizia que as notícias vinham “rápidas e diretamente” para o *San Paulel Idiche Tsaitung* pela agência ITA; encontramos sempre noticiário sobre desenvolvimentos políticos na Alemanha, Itália, sobre nazismo, Palestina, judaísmo, anti-semitismo no mundo e muitas notícias sobre a Guerra Civil Espanhola. Além do noticiário internacional, há incursões em artigos e editoriais, sobre países em litígio, como Japão, Rússia, China e Inglaterra. Começam a aparecer relatos das deportações, internamentos em campos de trabalho na Alemanha e as repercussões entre os judeus daqui.

Os editoriais, na página 04, com assinatura Sh. Sh. estão presentes desde o número 474, de 01 de janeiro de 1937. Não conseguimos identificar o dono dessas iniciais, mas tudo indica que eram um pseudônimo do próprio Marcos Frankenthal, diretor e proprietário do jornal.

Marcos Frankenthal, editor desse jornal, nasceu em Jerusalém e faleceu em São Paulo em 21 de novembro de 1967, aos 75 anos de idade. Veio ao Brasil trazido pela J.C.A. (Jewish Colonization Association) para

lecionar numa das colônias judaicas do Rio Grande do Sul (Quatro Irmãos). Erudito em hebraico e ídiche, chegou em São Paulo na década de 20. Depois de ter passado por outro jornal, o *Di Idiche Velt* (O mundo israelita) (1928) onde era diretor e também seu impressor (possuía a tipografia que o imprimia) e que pouco durou, fundou o S.P.I.T., onde tinha um corpo redatorial maior e em 1933 convida o historiador da imprensa judaica no Brasil, Isaac Raizman, a participar do grupo. Trabalham com ele, entre outros, Nelson Wainer e o historiador Elias Lipiner. Regalsky era outro redator assíduo, que assina artigos e comentários em todos os números examinados, a partir do número 489 (10 de fevereiro de 1937). Muitos outros redatores colaboraram, de uma forma ou de outra, na tarefa de informar e refletir sobre os acontecimentos da época.

O Jornal circulou até 1941 e, segundo testemunhas, Frankenthal se arrependeu de tê-lo fechado. Tanto isso deve ser verdade que, em 08 de janeiro de 1959, dezoito anos depois do encerramento da última edição do jornal, vem à luz a nova *San Pauler Idiche Tsaitung*. A numeração traz o número 1, tendo entre parênteses o nº 1582 e o ano 1 e entre parênteses, 11 (vide anexo).

Saíram três números (o nº 2, de 06 de fevereiro de 1959 e o nº 3, de 13 de fevereiro de 1959); como seu diretor responsável, Leonardo Frankenthal (filho de Marcos Frankenthal), advogado atuante em São Paulo, que contatamos, mas que não nos deu maiores informações pois alegou ser muito criança na época. Como redator, Marcos Frankenthal continuou à testa do periódico. Como se pode lembrar, as publicações brasileiras só podiam circular com diretor responsável brasileiro nato.

Apresentação do jornal

O primeiro número que pertence à coleção examinada, de primeiro de janeiro de 1937, ostenta o nº 474.

O anuário de 1937 é numerado da direita para a esquerda, assim como sua paginação, como na leitura ídiche, e informa que a redação e administração se situa à Rua José Paulino, 49, com “Phone 4-6066 – Caixa Postal 2720 – São Paulo – Brasil”, aliás, o mesmo endereço da gráfica que o imprimia (no Bom Retiro) e que aparece em vários anúncios, cujo proprietário era o mesmo do jornal, M. Frankenthal. Era o sexto ano da publicação e seu diretor era N. Frankenthal (Naum Frankenthal), filho de Marcos Frankenthal, que ainda vive no Rio de Janeiro, porém sem condições de ser entrevistado.

O jornal se diz “Orgam dos Israelitas do Brasil” (sic). Há um cabeçalho na primeira página com o nome do jornal, em ídiche, e outro cabeçalho, na última página, com o nome do jornal, em português, e o destaque: “O jornal israelita de maior circulação em todo paiz” (sic).

O jornal é todo escrito em ídiche, até o número 580, de 24 de novembro de 1937, quando aparece uma coluna em português, na primeira página, assinada por N.F. (Naum Frankenthal); os anúncios, inclusive, são redigidos em ídiche, aparecendo, às vezes, o nome e o endereço do anunciante, em português. Há, muitas vezes, a transliteração do português para o ídiche, com letras hebraicas de palavras em português. Os anúncios são dos mais diversos produtos e origem: fábricas, lojas, profissionais liberais, associações de classe e de conterrâneos, de ajuda mútua, organizações sociais, escolas e outros mais, na maioria provindos da própria coletividade judaica. A partir do nº 495, de 24 de fevereiro de 1937, aumenta o número de anúncios de profissionais liberais, chegando a ocupar 50% da página 05, em seção separada dos outros anúncios.

Sabemos que os anúncios comerciais de um periódico nos fornecem elementos para a história econômica da comunidade e nos mostra a evolução dessa sociedade, segundo Falbel e é isso que verificamos no jornal.

Na quarta página há um quadro onde se informa os nomes dos diretores do jornal: Josef Nadlman, Elias Amshtein e N. Frankenthal; nos diz, também, que o jornal foi fundado em 23 de outubro de 1931; não informa a tiragem nem o número de assinantes, mas traz o preço das assinaturas. Tinha, inclusive, representantes em outros estados e cidades, que mandavam suas colaborações.

O Correio Paulistano

Tentando fazer um contraponto com um dos jornais mais tradicionais de São Paulo, o *Correio Paulistano*, fundado em 1854, vimos que a importância do jornal ídiche é inegável.

Diferentemente do *Correio Paulistano*, que traz poucas notícias da Europa em relação aos judeus, o S.P.I.T. narra com implacável crueza uma realidade mais trágica, dolorosa e insuportável que a dos leitores.

Não se pense que o jornal ídiche coloque na mesa respostas cristalizadas às questões que ele mesmo aponta. O mérito do jornal talvez esteja em estimular sua discussão e revelar a importância do conhecimento desses assuntos.

A Pesquisa

Quando iniciamos a pesquisa realizada, envolvendo a consulta às páginas do Jornal S.P.I.T., a coleção dos jornais, composta como

informamos, de apenas quatro volumes remanescentes, (1937, 1938, 1940 e 1941) estava na Biblioteca do Clube A Hebraica, acondicionada em quatro encadernações, provavelmente doados por familiares dos diretores do jornal e longe do público. A escolha para a pesquisa recaiu sobre o primeiro deles, o de 1937, base possível para delinear o padrão e diretrizes do periódico.

A possibilidade de recuperação da memória, das atividades e da vivência oriundas de grupos étnicos depende em parte, da recuperação de seus acervos mantidos ao longo de sua trajetória, sobretudo após o fim de uma época.

O presente trabalho participa do esforço de preservar e tornar pública uma experiência tão peculiar na história da imprensa judaica.

O S.P.I.T. constitui-se em um dos espaços de discussão de sua época, em que ocorreram transformações profundas no cenário nacional e internacional.

A pesquisa foi construída com base em diversos estudos acadêmicos desenvolvidos sobre jornais e revistas, a partir de abordagens diversas. Assim, as obras e roteiro de autoria do Prof. Dr. José Aderaldo Castello, serviram como ponto de partida para o nosso estudo; os trabalhos de Maria Lúcia Fernandes Guelfi, de Cecília de Lara, de Roselis Oliveira de Napoli e de Neusa Pinsard Caccese, que seguem as diretrizes de Castello, publicados pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP, foram modelos extremamente valiosos para apreciar resultados práticos de levantamento deste tipo; a dissertação de mestrado de Marina Consolmagno sobre o jornal *Fanfulla* de São Paulo serviu de contraponto, já que também está abordando um jornal em língua estrangeira, voltado para imigrantes numa nova pátria; noções de arquivo de jornal nos foram proporcionadas pela dissertação de mestrado de

Rosane Montiel e um aspecto diverso, o da censura jornalística nos foi trazido pela dissertação de Maria Aparecida de Aquino.

Como, obviamente, parte considerável do jornal e desta pesquisa está voltado aos judeus no Brasil, obtivemos subsídio valioso sobre o assunto nas obras de H. Rattner, Jacó Guinsburg, Nachman Falbel, Maria Luiza Tucci Carneiro, Boris Fausto, Eva Blay, Jeffrey Lesser, Roney Cytrynowicz e Roberto Grün.

O desenvolvimento da pesquisa está apresentado em seis capítulos: Imigração; Atividades sociais, filantrópicas e culturais; Os judeus de São Paulo e a cidadania; A evolução do anti-semitismo em 1937; Palestina (Eretz Israel) e diversos.

Foram lidos, traduzidos e resumidos os artigos, editoriais e notícias referentes a esses tópicos.

No primeiro, avaliamos os problemas que o imigrante judeu teve ao se estabelecer no novo lar. No segundo, recuperamos a historicidade de sua interligação com os imigrantes que aqui habitavam. No terceiro, tentamos fazer um levantamento das atitudes do jornal em relação tanto ao Estado quanto à sociedade civil. O quarto capítulo, o mais longo, é completamente dedicado a descrever os abusos que ocorreram nos mais diferentes rincões, em relação aos judeus; o quinto trata dos primórdios da instalação do Estado Judeu (Israel) e as lutas e provocações travadas na época e, em diversos, abordamos temas que consideramos de interesse menor mas que complementam o conhecimento do mundo e interesses judaicos de então.

A comparação entre as matérias dos jornais S.P.I.T. e o *Correio Paulistano* aparece em todos os capítulos; a proporção deste enfoque é

desigual, uma vez que o jornal paulista, obviamente, só dá destaque a alguns dos assuntos que foram noticiados pelo jornal *ídiche*.

O *Correio Paulistano* foi pesquisado através de microfilmes à disposição no Centro Cultural São Paulo.

Foram também realizados entrevistas e consultas com: Prof. Dr. Jacob Guinsburg; Prof. Dr. Nachman Falbel; Prof^a Dra. Anita Novinsky; Dr. Moisés Deutch; Dr. Leonardo Frankenthal; Dr. David Vaie; Dr. Israel Febrot; Fiszal Czeresnia; Salomão Trezmielina Z'l; Fany Rozentraub; Sender Fischman; Nina Kignel; Salomão Becker; Chevra Kadisha (Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo) que auxiliaram na elucidação de várias questões atinentes ao jornal S.P.I.T., cuja colaboração valiosa agradecemos. No anexo relacionamos os nomes dos colaboradores eventuais e respectivos títulos de matérias que participaram do nº 474 ao nº 523.

Imigração

Imigração

Ao pesquisarmos o ano de 1937 do S.P.I.T., podemos observar que a coletividade judaica se preocupava com seus entes queridos que haviam permanecido nos países de origem, mas continuava a batalhar seu dia a dia na nova pátria, escolhida entre tantos países ou aqui vindo aportar por acaso.

Conforme Lesser, a população judaica do Brasil na década de 30 aproximava-se de 60.000 pessoas. Tinham escolhido o Brasil como seu destino pois, da mesma forma que todos os europeus do Leste, achavam que este país, com uma economia crescente, serviria para seu reassentamento. Em meados dos anos 20, os judeus, pela sua posição precária, foram obrigados a sair a procura de um futuro mais promissor.

No entanto, a população judaica que aqui aportara não correspondia às expectativas do governo brasileiro, que queria o elemento de emigração para os fins econômicos que o Brasil necessitava, ou seja, a agricultura.

Rattner lembra que os judeus, acostumados a viver em pequenas comunidades fechadas, sem possibilidades de progredir, aqui encontraram, pela primeira vez, as condições para seu desenvolvimento econômico e social; para a maioria desses imigrantes, o ato de entrar num país estranho além do estabelecimento em um espaço geográfico diferente, também significou a descoberta de um novo universo econômico, social e cultural (p. 58).

Trabalhando muitas vezes em atividades diferentes das que conheciam na Europa, com bastante afinho, como todos os outros imigrantes, queriam proporcionar o bem estar às suas famílias, que os acompanharam, aqui constituíram, ou que esperavam mandar buscar na terra natal.

Em 1937, a coletividade judaica de São Paulo, vista através de um de seus jornais, o S.P.I.T., se mostrava pujante em relação ao seu tamanho. O jornal em ídiche transmitia todo esse movimento, inclusive chegadas e partidas de navios que vinham da Europa.

Tanto o S.P.I.T, quanto o *Correio Paulistano*, o primeiro jornal a organizar-se como empresa, em São Paulo (1854), como aponta a historiadora Maria Helena Capelato, e destacado, na época (1937), dentro da sociedade brasileira em São Paulo, se manifestaram, principalmente no primeiro semestre, a respeito da imigração para o Brasil. Em 01 de janeiro de 1937, o S.P.I.T. já comentava, em editorial, o avanço das forças racistas no mundo todo, e a imigração em massa dos judeus, da maioria dos países onde são perseguidos.

O *Correio Paulistano* do dia 14 de janeiro de 1937 (p. 05) traz um artigo sem assinatura, portanto de responsabilidade do jornal, tendo como título “Imigrantes Israelitas”, falando da imigração de judeus, na maioria da Polônia e Alemanha. Analisa que dos 3 milhões de judeus da Polônia, uma pequeniníssima porcentagem era funcionário público e que o comércio, exercido em grande escala pelos judeus, é boicotado pelos poloneses, que acham que seu estado de penúria poderia ser minorado, se afastassem o judeu da atividade econômica: “Os processos de boicotagem adotados pelos nazistas contra os judeus repetem-se atualmente na Polônia”. O texto indica que toda a imprensa e partidos políticos (com exceção dos socialistas), refletindo a tendência anti-semita do povo, contribuem para tornar mais insuportável o ambiente em que vivem esses milhões de seres humanos. O artigo analisa a situação agrária e econômica da Polônia, dizendo que o governo polonês estimula a corrente emigratória para se ver livre do judeu. Essa corrente emigratória é para a Palestina, África do Sul e América do Sul.

Apesar de parecer simpático aos judeus, o artigo finda afirmando que se deve estudar com mais interesse esse “afluxo de israelitas para o nosso país que não deve criar facilidades à entrada de estrangeiros que se destinem a engrossar as populações urbanas, enquanto que os campos continuam à espera de braços para promover sua valorização econômica”.

Realmente, o Brasil buscava imigrantes que viessem suprir os braços necessários para sua lavoura, mas o artigo instigava o anti-semitismo.

Continuando o mesmo tema, o mesmo jornal publica, no dia 12 de fevereiro de 1937 (p. 05) um artigo, também sem assinatura, sob o título “A entrada de imigrantes em 1935”. Retoma o assunto do dia 14 de janeiro, fazendo uma estatística da imigração estrangeira para o Brasil em 1935 e sua distribuição no país.

Comenta que a maioria dos japoneses foram para a agricultura, o que era necessário; dos 9.327 portugueses, 3.103 eram agricultores, 2.532 eram jornaleiros rurais e o resto era classificado em “profissões diversas”. Elabora então uma análise dos imigrantes que entraram no Brasil fazendo declaração de nacionalidade alemã. São 2.423 indivíduos dos quais só 426 eram agricultores e 330 “jornaleiros rurais”. Os demais foram classificados em profissões diversas. Comenta que os antigos imigrantes alemães eram maravilhosos agricultores e que os homens de campo raramente emigram – “Os que se encaminham para o Brasil são, em geral, as vítimas das perseguições raciais que, na Alemanha, como nos outros países, dedicam-se preferencialmente às atividades comerciais. Já era tempo de encararmos com mais seriedade esse gênero de imigração para sabermos se nos convém ou não.” Não fala especificadamente de imigrantes judeus, mas todos conheciam os casos de boicotes e perseguições raciais que os judeus da Alemanha sofriam. Não há necessidade de mencioná-los especificamente, para se saber de quem se trata.

Devido a essas perseguições raciais, o judeu alemão, que tinha meios e percebeu com antecedência os rumos a que estava sendo levado esse anti-semitismo latente, tentou de todas as maneiras sair da Alemanha. Uma delas era usar o visto de turista para escapar.

No S.P.I.T do mesmo dia (nº 490 – p. 04), o editorial comenta o caso dos judeus alemães que aqui aportaram fugindo do nazismo ou mesmo como turistas e que iriam ser expulsos; cobra uma atitude dos dirigentes judeus em relação a esses turistas. Que esses dirigentes deveriam mostrar às autoridades governamentais que os judeus alemães têm posses e não aumentarão o problema social no país. Analisa, ainda, que esses judeus alemães não podem ir para o Paraguai, por causa da difícil situação econômica que os cidadãos desse país estão passando. Alguns, entretanto, que se encontram na fronteira do Brasil com o Paraguai, estão em situação pior: o Brasil não permite sua volta e o Paraguai não os deixa entrar. Deve-se mencionar que o visto de turista com que os judeus alemães entravam no Brasil era realmente o subterfúgio com que essas pessoas fugiam do nazismo.

O assunto é tão importante para a coletividade, que é levantado várias vezes ainda: no próprio nº 490 do dia 12/02 – p.s 04 e 08, um artigo conta do pânico que o caso dos turistas alemães está gerando na colônia dos judeus alemães radicados em São Paulo e no nº 514, do dia 11/04 (p. 04), um artigo comenta o problema-mór da imigração dos judeus alemães.

Havia uma crescente população de imigrantes judeus e o discurso público de oposição a essa imigração levou ao estabelecimento, desde 1934, das quotas que, porém, não modificaram de maneira particular o padrão de entrada desses imigrantes. “Por volta de 1934, as quotas de imigração haviam sido estabelecidas por meio de uma nova constituição e a crítica à

imigração judaica ia se tornando um componente freqüente no discurso político” (Lesser, p. 46). Segundo Lesser, o Brasil, movido pela ascensão do nacional-socialismo na Alemanha, e do fascismo na Itália, que tiveram influência na maneira como os formuladores políticos brasileiros reagiram quando confrontados com a crescente pressão para aceitar imigrantes e refugiados judeus, passou, em 1935, a negar vistos para os judeus. (p. 47)

Apesar da importância do assunto, o *Correio Paulistano* não comenta nenhuma vez, nem em simples nota, o assunto “judeus alemães” no Brasil. Por outro lado, no dia 16/03/37, p. 5 traz uma pequena nota, ao pé de um artigo, que diz que um “hebdomadário dos judeus que se edita em Berlim”, conta a respeito do aumento da emigração judia do Reich durante 1936 e, enquanto a imigração no país e geral na Europa diminui, aumenta consideravelmente para os países transoceânicos e para a Palestina. Dizem que os 24.000 emigrados judeus da Alemanha, em 1936, representam apenas uma pequena porcentagem judia do Reich naquele ano.

Realmente, o objetivo das campanhas anti-semitas na Alemanha era, no princípio, causar a emigração do elemento judaico e este escolheu a América ou a Palestina.

Tudo isso se passava durante a discussão, no Governo brasileiro, da ampliação da imigração de mão-de-obra estrangeira para o Brasil; os artigos dos editores do jornal judaico nos mostram a preocupação em relação a esse assunto desde o nº 479 – 15/01, p. 05, quando é publicada uma carta de Jacob Shvindelman, que comenta a imigração judaica no Brasil e um livro do historiador e sociólogo Solidônio Leite, *Os judeus no Brasil*, mostrando a participação desse povo nesta terra; as repercussões dos projetos restritivos à imigração judaica, no Brasil, faziam com que todos se agitassem. Tanto isso é verdade, que o nº 486 – 31/01 – p. 01, traz uma notícia importante do Rio, com o seguinte título: “Alcântara Machado quer mudar a questão da

imigração”: “Alcântara Machado quer mudar o artigo da Constituição sobre imigração, pois não satisfaz muito mais as necessidades da época.” Conta que Alcântara Machado ficou interessado na sugestão de melhorar o artigo da Constituição que prevê quotas de imigração e que ele afirma que esse sistema não é mais atual.

Na coluna “Sobre o país”, em número anterior, a notícia com o subtítulo “Imigrantes operários” diz que o delegado do 3º comissariado percebeu que grande número dos aqui chegados com a permissão de emigrar para o campo, ficou como operário na cidade; que eles deveriam se registrar no interior e a polícia abriu inquérito sobre o caso (sem mencionar a natureza desses imigrados) (nº 485 – 29/01 – p. 01).

No nº 489 (p. 01) de 10/02, é transcrito que o Sr. Carlos Muniz, assessor político de Vargas disse, na reunião Internacional do Departamento de Trabalho, que o Brasil poderia aceitar mais imigrantes, mas que não sabia a posição do seu governo e que isso é somente sua opinião pessoal.

O jornal em ídiche não abandona o assunto e, em editorial do dia 25/04, (nº 522, p.04), trata justamente dos limites, proporcionais aos países de origem, que o ministro do trabalho impôs para a imigração para o Brasil, apesar da necessidade de mão-de-obra; tem esperança de que os deputados obtenham, conforme permita a situação econômica do Brasil e a Constituição autorize, uma maior abertura para a imigração.

As críticas aos judeus e à imigração judaica, na imprensa brasileira, refletiam um desejo crescente de limitar ou encerrar as entradas. Lesser menciona que o jornal *O Brasil*, do Rio de Janeiro, publica um virulento artigo anti-semita, que alerta contra a imigração de judeus que não são produtores, mas virão ao Brasil para explorar os seus habitantes.

O presidente Getúlio Vargas e seus assessores políticos, incluindo Aranha e Muniz, haviam proposto que fosse impedida a entrada de refugiados judeus. “Em 7 de junho de 1937, após 2 anos de restrição informal e 5 meses antes do estabelecimento do Estado Novo, de inspiração fascista, o Itamarati emitiu uma circular secreta que proibia a concessão de vistos para todas as pessoas de “origem semítica”” (Lesser, p. 22).

Obviamente, por ser secreta, essa circular não apareceu na imprensa. A linguagem dessa circular refletia a posição anti-judaica e o ideal pró-cristão e norte-europeu.

“Os diplomatas nomeados de Vargas para o Itamarati começaram a elaborar uma política imigratória restritiva, com o apoio de diversos burocratas federais e, em 1937, regras severas barraram a entrada de todos os judeus no Brasil, inclusive de turistas e daqueles que vinham por razões de negócios”(Lesser, p. 159).

Segundo Tucci Carneiro, “para entrar no Brasil era preciso comprar o visto, obter uma carta de chamada para trabalhar em alguma indústria ou comprar propriedades por meio de complexos sistemas de permutas”. Alguns puderam contar com o apoio de pessoas que se opunham a essa política, como o embaixador brasileiro em Vichy, Luis Martins de Souza Dantas, que emitiu grande quantidade de “vistos diplomáticos” e foi repreendido por causa disso.

A partir de entrevistas feitas pela historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro com mais de cem “deslocados de guerra”, como são chamados os refugiados na documentação diplomática, e de extensa pesquisa documental, foi possível retratar vários aspectos da peregrinação feita por imigrantes de várias nacionalidades para chegar ao Brasil. O Brasil não era um paraíso tropical aberto aos refugiados e sim uma “pátria forçada”.

As circulares secretas e não publicadas mostram que, por trás de uma política migratória de fachada, existiam documentos determinando a adoção de uma política anti-semita: “O movimento anti-judaico, no Brasil, aparecia como forte e em franca expansão em 1936 e princípio de 1937, apoiado por todos, dos intelectuais aos oficiais do governo e autoridades católicas”. (Lesser, p. 167). Segundo o pesquisador norte-americano, “o sentimento anti-judaico predominava na elaboração das políticas imigratórias. Em janeiro de 1937, os “israelitas” começaram a ser incluídos nas estatísticas de entrada e saída do Estado de São Paulo, sendo substituídas as antigas categorias “católicos” e “não católicos”. A circular 1.127, de 07/06/37, que fora pessoalmente autorizada por Vargas, proibiu a concessão de vistos para pessoas de “origem semítica”, causando assim uma queda de 75% na imigração judaica durante o ano seguinte.

Tentando mostrar o lado positivo da imigração judaica no Brasil, o S.P.I.T., no artigo assinado por S. Teitelroitz, em 30/04 (nº 522 – p. 04), fez toda uma análise da participação dos judeus na vida política e social do Brasil.

O *Correio Paulistano* publica em 26/05/37, na p. 05 – “Os judeus na Itália”, assinado no final por Mathias Ayres (Rio), onde tenta esvaziar o preconceito que aparecia na Itália. Depois de confirmar que o anti-semitismo que estava começando a se esboçar na imprensa italiana era diferente do anti-semitismo racista da Alemanha e que na Itália nunca tinha havido anti-semitismo, tenta explicar as razões para tal fato. Que não se percebe a influência de Gobineau, que parece ter sido a inspiração de Hitler, mas percebe-se a influência do nazismo e a tendência a uma solidariedade dos dois regimes. Na Alemanha, os judeus tinham preponderância no comércio, na indústria, nas finanças, na arte, na literatura, no teatro, na imprensa, enquanto que a Itália não tem nada a temer nesse sentido. Segundo o

articulista, “a política e o intelectualismo de feição ultra-fascista, acham-se na base da luta que se esboça.” Menciona que o governo, por enquanto, não encoraja, mas também não procura diminuir estes ataques. Apenas os tolera e não os reprime. O fenômeno precisa ser assinalado, porque talvez, quando a opinião pública estiver empolgada, o governo assuma essas atitudes; justifica que, sendo as ditaduras, além de totalitárias, nacionalistas, e o judeu é internacional (sic), é seu inimigo potencial.

O artigo continua citando o movimento da imprensa italiana, que quer que se distinga o judeu italiano e o italiano “tout-court” e não admite que se possa ser, ao mesmo tempo, judeu e bom italiano; desenvolve ainda o “tema de uma legislação anti-semita de modo a impedir a todo filho de Sem o acesso a funções públicas e a postos de responsabilidade” (sic). O articulista faz a pergunta nada ingênua: se os judeus também forem perseguidos na Itália, se na Polônia continuarem os pogroms, se na Espanha vencer Franco, se na França o nacionalismo conseguir derrubar o governo da Frente Popular, para onde irão os judeus perseguidos? “Para a União Soviética, onde eles governam? Ou virão para a América... para o Brasil?...” Os diversos artigos do *Correio Paulistano* sobre temática judaica de 1937 indicam uma postura que não destoa daquela descrita pelos historiadores do período (Tucci Carneiro, Cytrynowicz e Schor Mayo), de uma velada oposição externada à vinda dos refugiados judeus ao Brasil, encobrendo uma política altamente discriminatória e racista oficial secreta.

Apesar do “affair” judeus alemães no Brasil não estar resolvido, o *Correio Popular* não traz nenhuma linha mais sobre o assunto, nem sobre imigração para o Brasil, enquanto o jornal ídiche relata, de Salônica, que o governo grego começou conversações com o governo do Brasil para que este receba 20 mil imigrantes cujas despesas seriam adiantadas pelo governo grego e depois pagas pelos imigrantes; se o projeto der certo, o mesmo

acontecerá com o Chile e Argentina (nº 529 – 10/05 – p. 03). O artigo não especifica se se trata de imigrantes judeus e não há continuidade do assunto.

Sobre o caso dos judeus alemães, o S.P.I.T. nos conta em: “Novos detidos entre os judeus alemães que estão no Brasil como turistas”; iriam ficar presos se não pagassem uma soma considerada vultosa pelo articulista; se pagassem, seriam soltos se assinassem um compromisso de saírem do país em 15 dias para irem para qualquer país, só que os cônsules desses países não querem recebê-los. O “Comitê de Ajuda”, formado para atuar no caso dos judeus alemães, se recusou a ajudar esses alemães, e seus parentes e amigos tiveram que recorrer ao Bom Retiro, bairro habitado por muitos judeus imigrantes, para fazerem uma coleta de dinheiro (nº 574 – 07/11 – p. 01).

Novamente no dia 11/11 – nº 575, na p. 02, há um artigo assinado pelo Dr. Salomão Steinberg sobre a situação dos judeus que vieram como turistas, foram presos e estão em situação seríssima. No dia 17/11, no nº 577, p. 01, lemos que os refugiados judeus alemães foram à redação do jornal agradecer o apoio dado e lamentar a atuação do “Comitê de Ajuda”, pois os “provedores” nada haviam feito.

O assunto tem continuidade com mais notícias:

Rio – “2.000 refugiados judeus-alemães serão expulsos do Brasil declara Dulcídio Gonçalves.” Esses refugiados entraram no Brasil como turistas e após expirar o prazo de permanência, aqui ficaram fazendo “comércio ilícito” diz o político. Ele iria, com a polícia, escolher os 2.000 refugiados em São Paulo e Rio. De Santos – Um refugiado judeu alemão morreu de ataque cardíaco quando esperava o navio que o deportaria (nº 582 – 28/11 – p. 01).

Uma nota preocupante aparece no dia 22/12, nº 592 – p. 05, sob o título “Que fazem os nossos dirigentes comunitários?”. O jornal conta que os jornais *O Estado de São Paulo* e *A Gazeta* noticiaram que dois judeus que moravam há anos no Brasil, que haviam ido para a Europa por negócio, haviam sido impedidos de desembarcar na volta, em Santos. Depois de telegramas ao Rio de Janeiro, eles puderam descer. Em seguida o S.P.I.T. se preocupa, formulando a pergunta sobre o que fazem os dirigentes da comunidade para evitar futuros dissabores, quando se sabe que o país é democrático e nunca atentou contra raças. Até o fim do ano de 1937 não lemos notícias sobre a solução do problema dos alemães. Quem nos presta esclarecimentos é Lesser, ao recapitular que o advento do Estado Novo deixou os judeus no Brasil em situação precária. Conta que Francisco Campos, novo ministro da Justiça, era rotulado pelos grupos judaicos de “notório integralista e fascista”. Ordenou que vistos temporários de três meses, anteriormente prorrogáveis por um segundo período de três meses, não poderiam mais ser renovados. Essa mudança fez aumentar o número de judeus que se tornaram ilegais em 1º de janeiro de 1938. Dos 4.400 judeus alemães que haviam entrado com vistos de turistas entre 1933 e 1937, dois mil estariam em situação ilegal no Brasil em 1938. Por volta de novembro de 1937, entre 600 e 1.100 judeus alemães, talvez entre 10 e 15% dos que viviam no Brasil, haviam recebido notificações de que seriam deportados em 15 de dezembro (p. 181). Novamente, segundo Lesser, Vargas, por pressão dos norte-americanos suspendeu, temporariamente, as deportações. Vargas procurou dar a impressão de que fora por razões humanitárias que o fizera, mas estava profundamente preocupado “acerca da publicidade dada, particularmente nos Estados Unidos, a incidentes envolvendo a entrada e permanência de judeus no Brasil” (Lesser, p. 184).

O ministro do Exterior, Oswaldo Aranha, pró-norte-americano, que queria que as relações entre Estados Unidos e Brasil se ativassem, percebeu que a solução da questão dos refugiados judeus alemães poderia ser o elo

que ajudaria a essa política. Os diplomatas do Itamaraty pensam, então, que a regularização da permanência desses imigrantes melhoraria a posição do Brasil no exterior e, como bônus especial, trazer imigrantes economicamente desejáveis.

A pressão dos Estados Unidos sobre o Brasil teve mais do que um efeito a curto prazo. No início de maio de 1938, todas as ordens de deportação haviam sido canceladas e todos os refugiados tinham a chance de regularizar sua situação (Lesser, p. 191). A circular secreta foi revogada pela Circular Reservada nº 1249 e dada a conhecer a todas as embaixadas.

Em 20 de agosto de 1938, todos os judeus, com visto de turista vencido, receberam vistos permanentes, exceto os “traficantes de escravas brancas, de narcóticos e jogadores profissionais”(p.248).

Das entrevistas realizadas com remanescentes desses imigrantes judeus-alemães, nada obtivemos que acrescentasse algo ao assunto, pois dentre as pessoas que puderam ser localizadas, poucos chegaram até 1937, sendo que, nesta amostragem, todos declararam ter chegado ao Brasil com o visto adequado, o que lhes permitiu, em pouco tempo, obter a regularização de sua permanência. Todos, no entanto, declararam ter ouvido a respeito do caso mencionado.

Após a “Noite dos Cristais” (ataque maciço organizado pelos nazistas contra sinagogas, casas e propriedades dos judeus) em 08 de novembro de 1938, os judeus passaram a sofrer pressão cada vez maior para emigrar, ao mesmo tempo em que aumentavam as chances de deportação, na Alemanha, para campos de concentração (p. 267).

Lesser esclarece que, apesar de tudo, o número de judeus imigrantes que em 1937 foi de 9.263 pessoas, decaiu para 4.900 em 1938 e em 1939 “os

indivíduos de origem semítica a entrarem no Brasil foi de 2.289, informava o ministro do Exterior, uma diminuição aparentemente grande”; isso não foi verdade e dados de organizações judaicas de assistência indicam que a imigração judaica cresceu entre 1938 e 1939 e 1939 representou o auge dessa imigração e desses, 2.357 eram judeus alemães (p. 238-239).

Considerações Finais

Durante a primeira fase da investida nazista, de 1933 a 1938, os judeus se defrontaram com os países democráticos do mundo recuando de uma posição para outra. A ascensão de Hitler havia sido saudada pela Polônia, Lituânia, Letônia, Romênia e em 1939 a Hungria expulsou maciçamente os judeus da sua vida econômica.

O mundo exterior ficou indiferente. À medida que a crise crescia, diminuía as oportunidades de emigração. Era impossível obter vistos. Muitos judeus fugiram assim mesmo, numa tentativa desesperada de salvar suas vidas e freqüentemente eram mandados embora de um porto para outro. O Brasil foi um dos países que se recusaram a receber esses imigrantes e o caso dos judeus alemães foi o que mais se destacou entre as notícias do S.P.I.T., vinculadas à imigração. À angústia dos leitores em relação a esses judeus se juntava o pouco caso da coletividade alemã já aqui radicada. Pode-se também perceber o interesse da comunidade pelas entradas e saídas dos navios que aqui aportavam, pelo número de anúncios de Companhias Marítimas.

O *Correio Paulistano*, embora veladamente, apoiava a política brasileira de segregação; através de seus artigos nota-se essa tendência, pois alegava que o Brasil precisava de mão-de-obra para a agricultura e o elemento que vinha não se dirigia para o campo.

Atividades Sociais, Filantrópicas e Culturais

Atividades Sociais, Filantrópicas e Culturais

“Os principais contingentes imigratórios judeus entre 1920 e 1940, dirigindo-se para São Paulo e Rio de Janeiro, ingressaram na sociedade brasileira, em seus setores mais dinâmicos e desenvolvidos, em plena fase de expansão” (Rattner, p. 51). “Vindos do shtetl, das pequenas cidades da Polônia e da Rússia, ou ainda das grandes metrópoles cosmopolitas da Europa Central, os judeus estavam acostumados com ambientes urbanos e viviam neles desde a Idade Média” (p. 39).

Aqui chegando, a comunidade judaica criou uma extensa rede de instituições de caráter comunitário, que congregava os imigrantes: sociedades culturais e recreativas, filantrópicas de ajuda mútua e aos conterrâneos; sionistas, desportivas, políticas, político partidárias, bibliotecas, escolas, sinagogas, a Sociedade do Cemitério Israelita e restaurantes.

Neste quadro de atividades culturais não poderiam faltar os jornais, especialmente os escritos em língua ídiche, língua materna da maioria dos imigrantes que aqui viviam.

Um deles, o *San Pauler Idiche Tsaitung*, que estamos analisando, no ano de 1937, traz em seu bojo o desenvolvimento dessa sociedade durante um ano, com seus anseios, alegrias e perspectivas. Suas festas, prévias esportivas, reuniões sociais e culturais estão retratadas através de anúncios, convocações, convites ou congratulações, de pequenas notas ou de artigos, assinados ou não, de editoriais, dando realce a certas atividades, sobre o que acontecia no seio da comunidade judaica de São Paulo e mesmo de outras regiões do Brasil.

As festas no *Círculo Israelita*, sociedade judaica que reunia a juventude em seus salões, para festas, e outros eventos formais ou informais, no *Macabi*, sociedade desportiva com ramificações em diversos países, que participava de jogos de futebol fora da comunidade e nas várias escolas judaicas, mais antigas ou recém-inauguradas, nos dão mostra da vitalidade, da gana de viver deste povo. Lord Melchet, presidente do comitê executivo mundial do *Macabi*, veio ao Brasil e foi recepcionado por sua associada. A respeito, um artigo de H. Lang, “Lord Melchet conclama os cristãos para um julgamento” comenta a personalidade de Lord Melchet e seu livro **Seu Vizinho**. Ao fazê-lo, diz que o livro é um panfleto e apelo ao direito e à razão. Chama o mundo cristão para um julgamento e que o juiz seja sua consciência.

O jovem Lord Melchet, cujo nome é Henry Mond, é filho do falecido milionário industrial britânico Alfred Mond, que dez anos antes havia colaborado com o Dr. Chaim Weizmann, um dos principais ativistas sionistas de então, na Agência para a Palestina. O jovem segue os passos do pai, mas vai ainda mais longe, diz o articulista.

É dono de muitas indústrias e diretor da Federação Britânica das Indústrias, que resolve muitos dos problemas e necessidades da Inglaterra. O articulista considera que os judeus deveriam também atuar nas relações entre indústria e governo. Lord Melchet, que herdou a fortuna e também a vontade de ajudar o povo judeu, dá largos passos nesse sentido. O propósito do pai tinha sido só resolver o caso da Palestina, e o do filho, além da Palestina, como objetivo secundário, é a redenção do povo judeu e a compreensão de seus sentimentos.

O artigo analisa alguns capítulos e personagens do livro e os resume. Do começo ao fim, o livro citado é um lamento. Inclusive a capa, diz o articulista, é um lamento. Na capa está um quadro de artista, que tem como

tema um judeu na Polônia e um longo caminho, onde se reúnem velhos e crianças. “Os olhos queimam, soltam fogo, fogo de fome, fome de redenção” (nº 510 – 04/02 – p. 04). E por ocasião de sua chegada no Brasil um artigo sem assinatura, “Banquete em homenagem a Lord Melchet”, mostrando que também na parte social e esportiva os ativistas do clube estavam ativos (nº 512 – 07/04 – p. 04).

Um editorial comenta os resultados obtidos no campo dos esportes na coletividade judaica, e os seus planos futuros (nº 520 – 25/04 – p. 04).

O S.P.I.T comunica à sociedade esses eventos. O *Correio Paulistano*, jornal contraponto do nosso trabalho, só publica duas notas sobre as atividades judaicas durante todo ano todo de 1937. Uma, onde comenta que Lord Melchet, presidente do Comitê Executivo do **Clube Macabi**, foi recepcionado na Gare do Norte. É a primeira notícia sobre judeus no Brasil naquele ano: “Lord Melchet chegou ontem a São Paulo”. Subtítulo: “O presidente do comitê executivo do **Clube Macabi** foi recepcionado na Gare do Norte” (C.P. – 03/04/37 – p. 03).

A notícia, com um pouco de destaque, conta que, após ter permanecido alguns dias no Rio de Janeiro, Lord Melchet e esposa foram recepcionados por seus partidários uniformizados, esportistas do **Macabi**, quando Lady Melchet recebeu flores, e que o visitante permanecerá pouco tempo na cidade; visitará as sedes dos clubes de que é dirigente e de outras instituições israelitas, partindo em seguida para Buenos Aires e logo após diretamente para a Inglaterra.

A segunda nota sobre a comunidade judaica em São Paulo: “Palestra do poeta Guilherme de Almeida no **Círculo Israelita de São Paulo**”. Sob o título “Ritmo, elemento e expressão”, o poeta e conferencista Guilherme de

Almeida realizará dia 23 próximo, na sede do *Círculo Israelita de São Paulo*, uma interessante palestra literária (C.P. – 18/09/37 – p. 04).

Nota-se a falta de um número maior de notícias, mas isso se deve, talvez, à inexistência de eventos mais marcantes e que interessem à sociedade não judia em geral; exclui-se o sucesso do *Torneio Sul-Americano de Xadrez*, que foi realizado nos salões do *Círculo Israelita de São Paulo* e recebeu elogios de toda imprensa pela sua organização. Foi a 17ª sessão do Torneio Sul-Americano de Xadrez, realizado nos salões do Círculo Israelita, cedidos para esse fim. A diretoria dessa sociedade soube dispor com capricho a organização da sessão desse importante torneio (nº 584 – 03/12 – p. 01) na coluna N.F.). Antes, na coluna do mesmo N.F., do dia 28/11, p. 01, do nº 582, a notícia do baile oferecido pela *Rádio Educadora Paulista* à Colônia Israelita (sic), num elegante gesto dessa rádio, precedido por uma sessão litero-musical.

Das campanhas filantrópicas podemos citar, por exemplo, o editorial do número 498, p. 04, do dia 03/03, que descreve o lançamento da campanha de fundos para o Keren Hayessod (Fundo Nacional, instrumento financeiro da *Organização Sionista – Agência Judaica*, fundado em 1920 em Londres, por Chaim Weizmann).

Um artigo sem assinatura descreve a assembléia geral ordinária dos associados da Ezra, a mais antiga instituição judaica de São Paulo. Nesta assembléia a diretoria prestou contas de suas atividades e do sucesso delas; da arrecadação de dinheiro e que somente falta a concretização da construção da obra maior, o sanatório – o que aconteceu posteriormente (nº 481 – 20/01 – p. 04).

Comenta que, apesar do grande número de amigos e associados, a Ezra também tem inimigos: são aqueles que, por questões pessoais e

ambições, são capazes de destruir uma obra como a esta. Há necessidade de mobilização de seus fiéis associados.

Há também quem preconize a fusão da Ezra com outras entidades, formando uma “Kehila”, uma estrutura comunitária organizada. Isso pode ficar para mais tarde; têm que pensar no assunto, diz o articulista. Para isso, os associados deverão comparecer à reunião, para apoiar a mais velha instituição judaica de São Paulo, para o caminho do progresso. A Ezra foi fundada com o nome de Sociedade Beneficente dos Damas Israelitas e passou a ter o nome de Ezra em 20 de maio de 1916. Associou-se à Ofidas e à Policlínica (outras instituições de assistência social) em 13 de outubro de 1976, quando formaram a Unibes (União Brasileiro-Israelita do Bem Estar Social).

A Ezra ainda é notícia ao escreverem que esta sociedade recebeu o primeiro grupo de doentes, particularmente tuberculosos (nº 481 – 20/01 – p. 04). Seu sanatório estava situado na cidade de São José dos Campos. Lesser, ao citar a Ezra em seu livro, diz que a Sociedade Israelita de Beneficência e Proteção aos Imigrantes, de São Paulo, que era o nome oficial dessa instituição, ajudou 242 residentes legais estrangeiros a chamar 526 familiares na Europa, apenas em 1932 (p. 105). Mais tarde, por imposições políticas, a Ezra teve que tirar de seu nome o “Proteção a Imigrantes”.

Na coluna em português de N.F. (Naum Frankental), num dos tópicos assinalados, vem a notícia de um chá dançante em benefício da Ezra (nº 581 – 26/11 – p. 01).

Formação de comitês de ajuda são freqüentes, pelas notícias do jornal. No nº 485, de 29/01, p. 05, vemos a da euforia da vitória do Comitê para a formação de um lar para crianças judias em São Paulo.

Outro comitê organizado, o comitê de ajuda aos judeus que sofreram pogroms na Polônia, faz um apelo aos judeus de São Paulo, pedindo ajuda para reerguer os lares desses judeus (p. 05 do nº 558 – 25/07). O assunto tem continuidade com um comunicado do mesmo comitê convidando os judeus de São Paulo para uma ação de protesto (nº 560 – 30/07 – p. 01). No dia 18/08, o mesmo assunto volta à baila, no nº 568 – p. 05, com um novo apelo à coletividade, do comitê formado para juntar dinheiro para os judeus poloneses e uma convocação nos mesmos moldes anteriores (nº 569 – 20/08 – p. 05). Com as notícias do incremento dos atos anti-semitas na Europa, especialmente na Alemanha e Polônia, os judeus imigrantes não podiam ficar de braços cruzados; sabendo que seus entes queridos, família e amigos, sofriam essa perseguição nos seus países de origem, tentavam de alguma maneira minorar seu sofrimento.

Além das campanhas em prol dos perseguidos de além mar, aqui em São Paulo continuam os chamamentos para os compatriotas colaborarem em campanhas locais, como nos mostra o artigo de Salomão Steinberg: “Nosso caminho de acordo com a realidade local”, mostrando para a coletividade, a necessidade de proporcionar ajuda para os velhos e pobres da comunidade (nº 572 – 31/10 – p. 02).

Em 1937, a faixa etária dos adultos da comunidade ainda era composta quase integralmente por imigrantes. Nada mais natural que conservassem hábitos e línguas comuns, de acordo com seu local de procedência e laços de convivência baseados nestes fatores e que levaram à formação de entidades microscópicas de irmandades de judeus procedentes até de pequenas cidades do leste europeu. Num círculo mais amplo, pode-se falar de laços fraternais dos judeus procedentes de uma determinada região russa, polonesa ou outra. Numa esfera maior, chega-se às três grandes faixas que englobavam a totalidade dos judeus aqui presentes então e que eram os judeus ashquenasitas, os de fala ídiche procedente em geral do leste europeu;

do ponto de vista sócio-econômico, eram em grande escala imigrantes que vieram sem maior qualificação profissional. Os assim chamados judeus alemães não eram necessariamente somente os provenientes da Alemanha, mas sim, os falantes da língua alemã. Mais integrados na sociedade européia que os circundara em sua cultura e hábitos, diferiam dos primeiros tanto nestes aspectos quanto na prática religiosa mais liberal. Em São Paulo, estes imigrantes que na Europa haviam estado integrados num mercado de trabalho mais rico e desenvolvido, seja como profissionais liberais ou atuando na indústria e comércio bastante avançados, formaram uma comunidade à parte; bairros de moradias, profissões, escolas para os filhos, ritos e práticas religiosas, língua-base, atividades sociais, culturais e econômicas foram diferentes daquelas do primeiro grupo mencionado. A terceira grande faixa da população judaica paulista de 1937 foi constituída pelos assim chamados sírios e turcos: sírio, pelo país de origem, turco, pelo passaporte que portavam. Eram os judeus de fala árabe que desconhecem a língua ídiche. São genérica e inadequadamente chamados de sefarditas, ou seja, descendentes daqueles que, expulsos da Espanha em 1492, estabeleceram-se em países mediterrâneos e eventualmente no Oriente. Estes também desconhecem o ídiche.

Passar-se-iam anos antes que passasse a haver um entrosamento maior entre estes três grupos judaicos. Ainda assim, apesar de eventuais dissensões, mesmo em 1937, as circunstâncias levavam a atuações conjuntas pelo bem comum.

Como em todos os agrupamentos de pessoas, com seus egos e opiniões diferentes ou discordantes, havia rivalidades entre os vários grupos e sociedades comunitárias. Isso aparece claramente numa notícia sobre “Os votos da comunidade”, que estudamos em outro tópico onde, numa eleição para os representantes da coletividade judaica de São Paulo para as eleições de dezembro, introduziu-se pela primeira vez a chapa única, sendo

acrescentados nomes de “sírios” e “alemães” (sic) e esses nomes foram riscados pelos votantes. “Venceram os que poderão representar os judeus de São Paulo” (nº 553 – 14/07 – p. 01).

O impacto dessas querelas aparece nas “Notas e Comentários” de N.F., na 1ª nota: “Acabem-se com as rixas”, onde pede que acabem as rixas internas na coletividade e em conjunto atuem contra a propaganda anti-semita, cujas origens vêm da Europa e se difundem cada vez mais, sem nenhuma resposta da coletividade (nº 583 – 01/12 - p.01).

As disputas ocorriam muitas vezes por questões de prestígio. Cargos diretivos, exercidos sempre como atividade voluntária de benemerência, eram disputados acirradamente: Ezra ou Moishev Zkeinim (Lar dos Velhos), das entidades mais concorridas, são exemplos, em 1937, que indicam a agitação da vida comunitária mesclada com os empenhos para solucionar problemas desta mesma comunidade ou que afetavam o judaísmo europeu.

Isso vem depois de ter aparecido um artigo sobre “quando os ‘grão’-senhores perceberam que não ganharam o poder no Moishev Zkeinim (Lar dos Velhos), tentaram de outra maneira”; ataca os elementos da Bnei Brith (Fraternidade judaica de direitos humanos, cultura e benemerência) que haviam vindo ao Bom Retiro para propor a alguns ativistas do “Lai Shpur Casse” (“Caixa de Empréstimo”) a formação de uma Liga para proteção contra o anti-semitismo e que a comissão que lidaria com o dinheiro ficaria a cargo de três elementos da Bnei Brith, que não teriam que prestar contas nem do dinheiro, nem de suas ações. Esses senhores não conseguiram formar essa “comissão mendiga” (sic). Termina o comentário, dizendo que se abstinham de fazer comentário (nº 578 – 19/11 – p. 01).

Essas bisbilhotices e discussões entre os membros das várias sociedades são realçadas, na coluna de N.F. “Notas e Comentários” (em

português) em dois números, ambos acerca do “Lar dos Velhos”. O primeiro, no dia 05/12/37, no nº 585, p. 1, comenta o projeto de um asilo para velhos e é contrário ao mesmo, dizendo que as forças deveriam se unir para algo mais necessário; que esse projeto é de algumas pessoas que seriam donas do asilo e precisariam “importar” velhos que deveriam ser pagos para virem e não precisavam disso agora.

A segunda nota aparece na mesma coluna, do mesmo articulista, (1ª nota da coluna), com o título: “Dinheiro mal empregado”. Conta que o grupo organizador do “asilo dos velhos” já reuniu 130 contos e que esse asilo é inútil, que esse dinheiro seria melhor empregado se fosse dado para a Ezra ampliar seu sanatório. Diz que esses organizadores não colaboram com a Ezra, porque a Ezra é uma sociedade de “gente do Bom Retiro” e que esses organizadores querem ter seus nomes numa grande obra, apesar de não terem velhos para asilar. Diz ainda que a colônia (sic) não quer o asilo e ele fracassará (nº 589 – 15/12 – p. 01). Note-se que essa instituição, fundada pela elite judaica na época, membros da família Mindlin e José Teperman, entre outros, tão boicotada pelo articulista, foi uma das que sobreviveram e mais cresceram em São Paulo. O “Lar dos Velhos”, atual “Lar Golda Meir” foi fundado em 24 de outubro de 1937.

Não há condições de avaliar as reais necessidades de então da comunidade judaica de São Paulo; não havia uma estrutura comunitária que abrangesse dados globais; os poucos arquivos das entidades em foco, perdidos ou não disponíveis não poderiam contribuir para uma avaliação global, no máximo apresentariam dados sobre os atendimentos efetuados.

O que, sim, transparece pelas informações do jornal, merece uma apreciação de caráter diverso. Membros da comunidade, numa provável posição sócio-econômica diferenciada, que não habitavam o bairro da massa judaica com seu proletariado e desvalidos, propõem medidas de longo

alcance, conforme se depreende. De um lado, aparentemente homens de visão; de outro, uma posição (e oposição) conservadora servindo de disfarce a sentimentos menos apreciáveis.

De todo modo, a comunidade procurava atender a maior parte das suas necessidades numa cidade que se desenvolvia e se industrializava. A massa judaica de São Paulo, ao mesmo tempo em que, como imigrante, tratava de fincar raízes, de se adaptar à vida brasileira e a condições mais modernas do que havia conhecido em seus países de origem e de suprir as suas necessidades judaicas (escolas, sinagogas, atividades sociais e culturais), não podia deixar de se empenhar para receber os recém-chegados que precisavam ser absorvidos. O dever judaico de auxiliar o próximo não podia ser suprido apenas com forças locais. Comunidades mais consolidadas eram solicitadas a cooperar com a crescente nova comunidade paulistana.

Em um editorial M. Frankental também contesta a indicação de um emissário da Bnei-Brith para os Estados Unidos, para angariar dinheiro para os imigrantes; quem é a pessoa indicada e por quem foi autorizada, é a pergunta que faz o articulista (nº 549 – 04/07 – p. 04). Aliás, o tema das responsabilidades pelo núcleo paulista dos judeus imigrantes é alvo de um editorial, mostrando a necessidade e cobrando da coletividade, uma entidade que a representasse (n.º 517 – 18/04 – p. 04). Provavelmente a partir desse questionamento é que viria a se organizar a *Federação Israelita do Estado de São Paulo*, que este ano completa 50 anos de atividade.

Um dos segmentos da comunidade que mais mereceram atenção, foi o dos jovens. “Entre os múltiplos aspectos da vida Judaica na Diáspora, sobressai-se a preocupação dos líderes da comunidade com sua juventude. Frequentemente são organizados seminários, mesas-redondas ou conferências, versando sobre o afastamento do, ou a pouca identificação com o judaísmo, por parte da maioria da juventude” (Rattner, p. 61). É,

realmente, o que se observa no jornal, a partir de editoriais e artigos, criticando ou chamando a atenção sobre o assunto. Assim, uma notícia sobre estudantes judeus, merece reparo. É um artigo sobre uma assembléia geral da Organização dos Estudantes Judeus de São Paulo (nº 500 – 07/03 – p. 05). O presidente, Sr. Zveibil, dá o relatório das atividades para os participantes, em nome da diretoria. Para presidente da reunião é escolhido o Dr. Rafael Markman, que convida o Sr. Francisco Abramovitch como secretário.

Após longo debate sobre o relatório, no qual participaram José Abramovitch, Rodolfo Shraiber, Cipus, Back e outros, passam para as eleições, que obtém o seguinte resultado:

Presidente: Salvador Zveibil.

Vice-Presidente: Dr. Victor Malamud

1º Secretário: Francisco Abramovitch

2º Secretário: Rodolfo Shraiber

Tesoureiro: Marcos Zatz

Orador Oficial: David Perlman

Bibliotecário: Maurício Utchitel

A nova diretoria deverá referendar a ata e comunicar as eleições e resultado da assembléia para todos os associados.

Em edição posterior, um editorial critica a não participação dos estudantes judeus, na vida comunitária; esses estudantes deveriam ajudar os “faraín” (congregação) dos estudantes a crescer, a fim de resolver seus problemas (nº 525 – 09/05 – p. 04).

A informação deixa a desejar uma resposta em relação a que problemas ele se refere. Poderiam ser problemas que Rattner expõe, problemas de “rejeição” ou, simplesmente, estudantis.

No n.º 573, na p. 02 – de 03/11/37, temos um artigo sobre problemas da juventude, assinado por Salomão Steinberg. Comenta um artigo escrito no mesmo número sobre a juventude judaica e as novas gerações, e seu afastamento da problemática judaica e seus ideais. Escreve sobre a longa existência e sofrimento dos imigrantes no Brasil e suas esperanças.

Pondera principalmente sobre as escolas judaicas do Brasil e de outros países, concluindo que, no Brasil, a escola judaica prepara a juventude somente para os primeiros alicerces da construção; ela faz seu trabalho: ensina os primeiros passos do “idishkeit” (judaísmo), são escolas primárias, não acompanham o jovem até as escolas superiores, como em outros países. As instituições judaicas se vêm às voltas com a integração dos jovens judeus nos problemas de nossa comunidade e de suas próprias necessidades.

No mesmo número (p. 03) está o artigo de M. Raicher, a que o autor se refere, expressando os problemas da juventude judaica.

No campo da educação, a comunidade judaica se esforçava para manter e ampliar as escolas bilíngües (hebraico-português) de São Paulo, que também transmitiam a seus filhos a tradição da cultura judaica, que não tinham condições de fazê-lo em casa, por omissão, desconhecimento ou falta de tempo.

Os primeiros imigrantes judeus no Brasil sentiram a necessidade de criar uma escola para a educação de seus filhos, uma escola que unisse o currículo regular e a educação judaica; em outras palavras, um lugar que

preparasse as crianças para o futuro, mas que ensinasse a elas a educação do lar, a história, a tradição do povo judeu e a língua hebraica.

Na época, além de haver já duas escolas com essa orientação, o *Talmud Torá** e o *Renascença***, mais uma escola é inaugurada, merecendo um artigo no nº 515 – p. 05 de 14/04 onde a “brilhante inauguração” da *Escola Israelita Luiz Fleitlich*, no Bras, é festejada, complementando outro artigo do nº anterior, sobre o “dia festivo da nossa educação judaica” (nº 515 – 11/04 – p. 06).

Boris Fausto em seu livro **Imigração e Política em São Paulo**, escreve: “O tema da assimilação dos imigrantes foi um dos centros de preocupação dos educadores paulistas. As escolas bilíngües, controladas pelos próprios imigrantes, tornaram-se um alvo freqüente, de críticas” (p. 16). O autor cita, inclusive, um texto de Sampaio Dória, reproduzido também por Limongi (**Questões de ensino: a reforma de 1920 em São Paulo**. Ed. Monteiro Lobato. 1923), onde diz, textualmente: “Só pela solução dela (“alfabetização do povo”), o Brasil poderá assimilar o estrangeiro que aquí se instala em busca de fortuna esquiua. Do contrário, é o Nacional que desaparecerá absorvido pela inteligência mais culta dos imigrantes” (p. 17 do m/ livro).

Boris Fausto ainda observa que havia irritação contra a imprensa de língua estrangeira, tal como acontecia com as escolas de colônias (em 1928) (p. 18).

* Talmud Torah Bet – Sepher Yorit, funddo em 1916, tornou-se a primeira escola religiosa judaica do Brasil.

** O Instituto Hebraico Brasileiro Renascença começou a funcionar em 21 de abril de 1922 e foi o primeiro colégio judaico do Estado de São Paulo.

Mas assim como as escolas, a imprensa comunitária cumpre, num período de adaptação a um novo país, um papel primordial. Muitos andavam pela “rua judaica” ou bairro judaico. Mas nem todos o faziam. Havia núcleos de judeus onde quer que os trilhos dos bondes os conduzissem e o mesmo se pode dizer dos trilhos dos trens. O jornal na(s) língua(s) comum(s) a eles chegavam à Penha, à Lapa, ao Jabaquara, ou a Jaboticabal, Piracicaba, Sorocaba, Presidente Prudente ou Araguari, para citar somente alguns exemplos. Informes sobre eventos e suas repercussões assim atingem o público alvo mais distante que, mesmo não podendo participar dos mesmos, não se sentia alienada.

Desde o começo do ano de 1937, temos notícias das “reuniões festivas de clubes” entre palestras, conferências, apresentações teatrais, corais, discussões sobre assuntos importantes na época, efetuadas nos vários centros culturais, sociais e recreativos (nº 475 – 06/01 – p. 05).

Assim, o escritor David Frishman, grande escritor e crítico da literatura judaica é citado muitas vezes. É uma das maiores figuras da cultura em ídiche e hebraico que apareceu em São Paulo. Houve grandes demonstrações do apreço que o público tinha pelo escritor e foi noticiada, em artigo, a formação de um comitê para a divulgação de sua obra (n.º 476 – 08/01 – p. 08) e em seguida a notícia da ação para essa divulgação (n.º 477 – 10/01 – p. 01). Continuando as atividades em torno da presença do escritor em São Paulo, sua esposa, Lili Frishman faz uma palestra e é elogiada pelo jornal pelo “rico conteúdo espiritual” do que expôs (n.º 480 – 17/01 – p. 08). David Frishman ainda é notícia ao relatarem uma “noitada” na *Associação dos Judeus Poloneses. (Poilishe Farband)* (nº 481 – 20/01 – p. 04).

Outras palestras e conferências são realizadas durante o ano, com maior ou menor repercussão e prestígio: Conferência do Dr. Idel Becker, autor de dicionário e várias obras didáticas, professor de espanhol em vários

colégios de São Paulo (n.º 482 – 22/01 – p. 05) e um artigo é escrito sobre a viagem de Idel Becker à Palestina (n.º 507 – 24/03 – p. 01).

Sobre o mesmo escritor, já no fim do ano, em “Notas e Comentários”, (em português), N.F., no 2º tópico, “Dr. Idel Becker”, diz que, voltando de uma viagem à Palestina e Europa e indo para a Argentina, sua terra natal, o professor Idel Becker deu uma entrevista, contando suas impressões, que serão publicadas posteriormente” (nº 584 – 03/12 – p. 01).

São comentadas a palestra de Salomão Gelman, que trazia “lembranças pessoais” da Palestina, no *Círculo Israelita* (n.º 494 – 21/02 – p. 06), a do prof. Pelavsky, professor de piano de muitos dos jovens da época, sobre música judaica (nº 499 – 05/03 – p. 05), sendo que um artigo se congratula com a abertura das atividades culturais do *Círculo Israelita* e da comemoração do *Macabi* pelas suas conquistas e realizações (nº 522 – 30/04 – p.3).

Havia comunicados das sociedades em todos os números: reuniões e assembléias de todos os matizes. Um exemplo é o comunicado da reunião de um comitê para angariar fundos para a compra de um local para o *Centro Hebraico*, que não conseguimos localizar em nenhum outro comunicado (n.º 475 – 29/01 – p. 05), mostrando que as atividades da comunidade se ampliavam. Talvez seja referência ao “Centro Hebreu Brasileiro”, uma federação dispersa formada por organizações leste-européias (Lesser, p. 189).

Mas as notícias não se restringiam a São Paulo e vinham através dos correspondentes do jornal em outras cidades.

Havia um representante em Curitiba, o que faz supor a existência de um número razoável de assinantes do jornal (leitores), nessa cidade, e que,

frequentemente, mandavam notícias das atividades dessa comunidade. Além das notícias, traz, também, fotos dos eventos culturais e/ou sociais (n.º 474 – 01/01 – p. 05 e n.º 476 – 08/01 – p. 06). Ainda sobre os curitibanos, notícia da despedida de estudantes dessa cidade, que haviam vindo para São Paulo em janeiro, provavelmente para aqui passarem suas férias escolares (n.º 481 – 20/01 – p. 01).

No mesmo número, há um apelo de Belo Horizonte aos conterrâneos judeus de lá e de todas as cidades de Minas Gerais, pedindo contribuições para a “Chevra Kadisha” local, que já havia sido motivo de um editorial no n.º 476 de 08/01, p. 04.

Não dispomos de dados comunitários de Belo Horizonte; as notas indicam que o apelo pela Chevra Kadisha (nome genérico significando “sociedade sagrada” que é a entidade que se encarrega de enterros, atividade esta considerada como preceito religioso judaico, primordial onde quer que vivam os judeus e aspecto básico da caridade judaica) demonstra que até 1937 o problema de um cemitério próprio não estava convenientemente solucionado naquela sociedade.

De mais perto de São Paulo, temos notícias de Campinas. É um convite a todos os judeus do Brasil e em especial à comunidade de São Paulo, para a abertura do “pavilhão judaico”, pela celebração do aniversário da imigração, que se “realizará domingo, dia 11 de julho às 3 horas da tarde.” “A representação artística se realizará no mesmo dia, às 9 h da noite.”

A observação do jornal: “Ninguém deve faltar.” “Venham em massa.” (n.º 550 – 07/07 – p. 01) é uma reprodução dos chavões comuns à época, que podem ser encontrados mesmo nas décadas seguintes.

Com o título: “Grande sucesso da exposição em Campinas, pelo 50º aniversário (oficial) da imigração para o Brasil”, o S.P.I.T dá relevo à atividade da coletividade judaica campineira. Conta que a imprensa de Campinas está cheia de notícias do “dia judaico” e que jornais paulistanos também trazem notícias mandadas pelos seus correspondentes. Segundo o S.P.I.T., o evento foi uma vitória dos campineiros e será inscrita como grande realização das atividades judaicas – brasileiras. Nota: O C.P. não noticiou (n.º 553 – p. 01 de 14/07).

Santos também é notícia, através de sua *Escola Israelita Hebraica Ch.N. Bialik* e da *Biblioteca Popular “I.L. Preretz”* (n.º 511 – 04/04 – p. 03).

Escritores e livros eram notícia. Não podemos deixar de mencionar a publicação do livro **Stefan Zweig**, de Almeida Vitor, um jornalista carioca, que acompanhou o escritor em sua viagem ao norte do país, noticiada pelo jornal (n.º 540 – 12/06 – p. 05). Stefan Zweig estivera no nosso país em 1936, de passagem para o Congresso do *Pen Club* em Buenos Aires. Seus livros já vinham sendo publicados em português desde 1932. Stefan Zweig chegou a voltar ao Brasil em 1940, de passagem para os Estados Unidos e em 1941 se instalou definitivamente no país, em Petrópolis, onde veio a se suicidar.

A publicação do livro **A história dos judeus no Brasil** é outra nota dada pelo jornal. Escrito por Isaac Raizman, em português, o tema une a história dos judeus no Brasil com a história do Brasil (n.º 573 – 03/11 – p. 01).

Nos seus “Notas e Comentários”, N.F. acusa o recebimento do *Almanach Israelita*, publicado e editado em 1937, de Samuel Wainer, com colaboração do intelectual brasileiro Azevedo Amaral, um volume de 300

páginas, com informações sobre atividades dos judeus no mundo, especialmente do Brasil. (Samuel Wainer, jornalista judeu, era radicado no Rio de Janeiro e teve grande influência política).

Estudiosos diversos, particularmente Jacó Guinsburg, o principal estudioso do teatro ídiche no Brasil, destacam o papel primordial que esta atividade artística e cultural teve e representou para a vida dos judeus daqui a exemplo do que ocorreu na Argentina e em Nova York.

Como escreve Jacó Guinsburg em seu alentado **Aventuras de uma língua errante**, “Desde a década de 1920, mas principalmente nos anos trinta e quarenta deste século, o público de imigrantes ashkenazitas pôde assistir às peças levadas não só por esporádicos conjuntos de atores profissionais, fixados no Brasil ou pelas constantes ‘tournées’ de artistas e companhias da Argentina, Estados Unidos e Europa. Na verdade, tão ou mais importante neste aspecto foi a contribuição dos elencos filodramáticos que, no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Recife, em Salvador, em Curitiba e em Porto Alegre encenaram numerosos textos do repertório teatral ídiche” (p. 144).

O jornal registrou, no ano de 1937, alguns desses espetáculos, por meio dos anúncios, convites à coletividade para prestigiarem as apresentações ou para citar alguns atores e empresários.

Escreve sobre a apresentação do *Stabler Idiche Folks Teater*, em São Paulo, que obteve grande sucesso (n.º 474 – 01/01 – p. 08); uma nota sobre o adiamento da peça **Tsu Shpet (Tarde demais)**, assinada por Jacob Fridman e Mile Cipcus (n.º 475 – 06/01 – p. 08) e sobre a estréia de Mile Cipcus em Curitiba.

Jacob Fridman, comerciante do Bom Retiro, ator amador, com uma boa bagagem cultural, foi um dos que se interessaram muito pelo teatro ídiche e atuou algumas vezes em espetáculos, na coletividade. É feita a divulgação, inclusive, da noite artística que sua filha, Sara Fridman, conhecida declamadora, dera no conservatório da cidade (nº 480 – 17/01 – p. 01). Mile Cipcus é da segunda geração de uma família de renomados atores e atrizes profissionais, do teatro itinerante ídiche, que vieram desde Odessa e chegaram para a “América”, aportando na Argentina e Brasil, onde continuaram a fazer teatro (Conforme depoimento de Boris Cipes, filho de Mile Cipcus).

As peças encenadas nem sempre eram anunciadas, pois a falta de numerário era flagrante, a ponto de trocarem o nome da peça e não escreverem o nome do autor, com o intuito de não pagarem direitos autorais. (Boris Cipes). A divulgação era feita “boca a boca” ou por meio de *afichés* (folheto-programa) ou ainda por anúncios gratuitos, pois M. Frankental era muito amigo dos profissionais do teatro ídiche. Segundo pesquisa de Esther Prizskulnik, em registro de jornais, para “Teatro ídiche em São Paulo”, houve dezesseis encenações de teatro ídiche em São Paulo em 1937 e elas eram apresentadas no Teatro Municipal, Teatro Santana, Conservatório Musical de São Paulo, Cassino Antártica, Teatro Luso-Brasileiro e Teatro Boa Vista.

Podemos perceber a evolução do judeu imigrante pela inserção dos anúncios no S.P.I.T.

Estes são dos mais diversos produtos e origens: fábricas, lojas, restaurantes, profissionais liberais, associações de conterrâneos, organizações, escolas e outros mais, na sua quase totalidade provindos da coletividade judaica.

A maioria dos imigrantes judeus, assim como todos os imigrantes de menor poder aquisitivo, vindos de pequenas cidades de seus países de origem, eram artesãos.

“Os artesãos judeus transformaram-se rapidamente em donos de pequenas oficinas, fabricantes de roupas, malhas ou sapatos; os pequenos comerciantes das vilas e cidadezinhas da Europa Oriental aqui se tornaram vendedores ambulantes, ampliando o mercado e a faixa de consumidores através de um sistema de vendas a crédito que, embora contendo riscos de perda do cliente e de mercadoria, também permitiu a realização de lucros e seu posterior investimento na ampliação e consolidação do negócio, seja pela abertura de lojas, ou pela construção de fábricas produtoras de bens de consumo” (Rattner, p. 52).

Os anúncios retratam esse desenvolvimento, contendo comunicados do “Klinteltchik Farain” (Associação dos vendedores ambulantes), ofertas de vendas ou aluguéis de pontos comerciais, grandes anúncios de fábricas de tecidos ou produtores de bens de consumo.

Segundo Falbel, “os anúncios comerciais de um periódico nos fornecem elementos para a história econômica da comunidade e nos mostra a evolução dessa sociedade”, inclusive de seus profissionais liberais, desde sua formatura, sua instalação em escritórios ou consultórios, até o seu reconhecimento como líderes ou profissionais bem sucedidos, como o Prof. Dr. David Rosemberg e o Dr. Rafael Markman.

Esses anúncios, que eram escritos em ídiche e que temos como exemplo o n.º 482 – confirmavam o que diz Falbel:

Na página 01 – aproximadamente 30% da página de anúncios, entre propaganda de uma fábrica de manteiga, uma loja de móveis, um

comunicado de noivado, um convite para inauguração de seção de escola e de um médico.

Na página 02 - aproximadamente 50% da página de anúncios: uma fábrica de jersey, um representante de fábrica de sedas, um advogado, um hotel em Poços de Caldas (cidade hidromineral de Minas Gerais, onde os imigrantes judeus costumavam passar temporadas), uma fábrica de móveis.

Na p. 03 – aproximadamente 30% da página de anúncios: uma empresa construtora, uma venda de negócio, um matadouro, dois médicos, roupas para senhoras, um laboratório de análises clínicas, remédio para bronquite, loja de chapéus para senhoras, fábrica de acolchoados.

Na p. 04 – aproximadamente 30 % da página de anúncios: Hotel em Poços de Caldas, assembléia de escola, representante do jornal em Porto Alegre, dois médicos, um contador, fábrica de jersey, fábrica de móveis.

Na p. 05 – com aproximadamente 70% da página de anúncios, temos: escritório de despachante com comunicados da prefeitura (interessavam principalmente aos ambulantes), um dentista, um despachante de documentos, três mohalim (circuncisador), professor de piano, representante de louças, fotógrafo, um médico, um professor particular de português, francês e matemática, fábrica de capas, venda de loja, tradutor oficial, escola, com número de alunos por série e tabela de preços das mensalidades.

Na p. 06 – 50% da página de anúncios: quatro anúncios comerciais grandes, uma fábrica de confecções finas para senhoras e crianças, vestidos de seda para senhoras, fábrica de capas, loja de casimiras, brins e aviamentos importados e nacionais.

Na p. 07 – toda formada só por anúncios: loja de calçados, um dentista, fábrica de roupa branca, fábrica de bordados e roupas de seda, estamparia, restaurante ídiche (com subtítulo: fornecem marmitas), loja de sedas, fábrica de bolsas, agências de viagens (subtítulo: duas linhas de navegação), máquinas de cortar tecidos, livro editado pelo jornal, um advogado, fábrica de móveis, fábrica de casimiras, vestidos para bailes e festas, fábrica de malas, representante do jornal no Rio de Janeiro, American Lloyd (subtítulo: enviam dinheiro para a Rússia.) (Os imigrantes aqui estabelecidos mandavam, regularmente ou não, dinheiro para seus parentes que haviam permanecido em suas terras natais afim de ajudá-los financeiramente ou para que pudessem pagar suas passagens e vir aqui encontrá-los).

Na p. 08, última do número, 90%, aproximadamente, de anúncios: dois médicos, fábrica de jersey, tipografia (é a editora do jornal S.P.I.T), varejo de sedas, inauguração de matadouro, aluguel de quarto, um cirurgião dentista, notícias da Ezra, notícia sobre escola de Curitiba, aluguel de sala, fábrica de seda, nota sobre a indicação de médico judeu para o Instituto “Padre Chico”.

Os anúncios, em ídiche, eram dos mais diversos tipos de anunciantes e vinham de diferentes bairros e localidades. Muitos, do Bom Retiro e um bom número da Rua José Paulino, na época a rua comercial principal do bairro. Não constavam os preços das mercadorias ou itens anunciados, mas frisavam que era uma grande oportunidade para adquiri-las.

Em alguns desses anúncios observamos a transliteração do português para o ídiche, como por exemplo: “Ropas feitas”, em letras hebraicas.

Nota-se também a variedade de anúncios por todas as páginas, sem haver classificação de espécie alguma.

Mais tarde, a partir do n.º 495, aumenta o número de profissionais liberais, e o jornal os separa em uma seção especial, ocupando aproximadamente 50% da página.

Conforme Rattner, a possibilidade para aquisição de *status* através de atividades e inovações econômicas e, sobretudo, de oportunidades quase sem restrições para ingressar-se em instituições de ensino superior, aparecem claramente pelo aumento do número desses anúncios de médicos, advogados, professores, contadores e outros.

As notícias sociais também enfatizam esse acesso social: as formaturas com fotos e congratulações por todos esses eventos, inclusive noivados, casamentos, bar e bat-mitsvot (cerimônias de maioridade religiosa) nos chamam a atenção; o Dr. Rafael Markman, figura proeminente na nossa comunidade e falecido há pouco, aparece numa foto de sua formatura. (Viria a ser, mais tarde, genro do dono do jornal) (n.º 474 – 01/01 – p. 05).

Observamos então, que “o elevado número de imigrantes que se estabeleceu e trabalhou por conta própria contribuiu, incontestavelmente, para a acentuada mobilidade social dos judeus” e “facilitou grandemente o caminho da segunda geração em sua busca de *status* e prestígio” (Rattner, p. 53).

Considerações Finais

O jornal ídiche evidentemente contribuiu para o conagraçamento e coesão dos imigrantes aqui radicados, procurando centralizar a formação de tendências e a coerência social.

A divulgação dos atos e programações das entidades que compunham o elenco das sociedades representativas da coletividade já seria um grande serviço prestado à comunidade aqui estabelecida.

Mas os artigos de fundo, os comentários, análises dos fatos acontecidos na sociedade e com a juventude, a evolução dessa mesma sociedade que o jornal abordava, tentavam adaptar as aspirações do povo judeu ao país em que viviam.

O jornal, naquele ano, acompanhou a evolução da comunidade judaica em São Paulo e questionou as instituições quanto à solidariedade aos seus compatriotas.

Teve um papel fundamental para que essas entidades absorvessem e posteriormente integrassem os imigrantes à sociedade brasileira.

Atividades Sociais, Filantrópicas e Culturais

Os Judeus de São Paulo e a Cidadania

A pesquisa, tendo como um dos temas a participação dos judeus de São Paulo na vida política e institucional do país, exigiu uma leitura atenta das intenções do jornal S.P.I.T. e do *Correio Paulistano*, jornal escolhido pelo seu prestígio na época.

O *Correio Paulistano*, fundado em 1895, fazia parte da grande imprensa e é interessante observar com o que contribuiu para a memória jornalística em relação aos judeus. Além do jornal não se referir a nenhum caso de política nacional vinculado a judeus, também não faz referência à situação do judeu frente ao integralismo. Não temos, portanto, referenciais quanto ao pensamento do jornal nesse sentido.

O S.P.I.T. registra o movimento dos judeus brasileiros, particularmente os paulistas e mais especificamente a orientação do jornal no caso das eleições presidenciais que estavam previstas para dezembro de 1937.

Não tem sentido, portanto, fazer comparações entre os dois jornais: um nada diz da participação dos judeus e o outro mais registra do que comenta.

O que o S.P.I.T. tem de específico é o quanto isto afeta ou pode afetar a comunidade, o que não é, em momento algum, citado no *Correio Paulistano*, porque não é assunto de interesse maior.

Quanto ao integralismo, uma comparação também resultaria inócua pois o S.P.I.T. está mais interessado no que o assunto atinge a comunidade. Temia que os judeus fossem os alvos principais escolhidos pelos integralistas, como de fato o foram, apesar de Plínio Salgado enfatizar um

combate ao “capitalismo judeu internacional” e ao “comunismo judaico” e não aos judeus do Brasil, os quais queria integrar; este era um dos motivos do conflito entre Gustavo Barroso, o teórico do anti-semitismo, e Plínio Salgado, como lembra Cytrynowicz.

Juntando os fatos políticos nacionais que mereceram referências no S.P.I.T. e que aparecem nos noticiários, artigos e editoriais, podemos ver como o jornal reflete a respeito dos valores, do modo de ser, das conquistas e fracassos da geração que viajou no barco do sonho de “fazer a América”.

Os comentários e alertas enfocam principalmente as eleições presidenciais e os candidatos, o Estado de Guerra e Estado Novo e o Integralismo no Brasil. Outros assuntos a respeito da Educação e o do café ou algodão são igualmente abordados; deveriam, de alguma forma, atingir os aqui assentados.

Relatos sobre as campanhas dos candidatos à presidência do Brasil e à própria eleição aparecem em inúmeros artigos. Há um interesse muito grande do jornal em relação a esse assunto, descrevendo que São Paulo se prepara para as eleições (nº .474 – 01/01 – p. 01).

Na coluna “No país”, uma nota que mereceu destaque: “Presidente Vargas por uma Convenção Nacional”. Sob a pergunta do *Correio da Manhã* ao presidente da República, Getúlio Vargas, sobre sua opinião acerca de uma convenção nacional para resolver sobre um único candidato às eleições presidenciais, Getúlio disse que não é contra tal projeto, mas não quer dar sua opinião, pois não quer influenciar o andar das eleições. A convenção deve, por tal projeto, se reunir 120 dias antes das eleições, que será no dia 3 de janeiro de 1938 (nº 485 – 29/01 – p. 01).

Em colunas permanentes como “De semana a semana no país”, de pequenas notas, em artigos sem assinatura, ou mesmo assinados por S. Teitelroït, na coluna “No país”, o assunto é sempre a eleição presidencial e os partidos políticos, os candidatos de oposição e sua atuação (nº 513 – 09/04 – p. 03, nº 515 – 14/04 – p. 04 e nº 519 – 23/04 – p. 04).

Os tópicos referentes às eleições e outros temas nacionais amplos conseguem indicar um quadro, parcial em nosso ponto de vista, sobre a participação judaica na vida brasileira; as quantidades de notícias publicadas e o seu teor parecem apontar para um grande interesse e até preocupação de uma camada intelectual e politicamente envolvida com o país; esta, porém, dados os apelos publicados por uma efetiva participação, não parece ser a maioria. Imigrantes despreparados politicamente, voltados para o trabalho e o sustento, e temerosos, talvez, como em seus países de origem, de contato com autoridades, precisam ser instados a assumir posições.

Num artigo sobre a participação dos judeus na vida política e social do país (nº 522 – 30/04 – p. 04) e, a fim de que isto realmente ocorra, o jornal conclama e exige, num editorial, que a coletividade eleja um representante do povo judeu, por meio de eleições secretas (nº 524 – 07/05 – p. 04).

Quanto à eleição para a presidência, o jornal tomou partido em favor de um dos candidatos, elogiando e apoiando a candidatura de Armando Sales de Oliveira, num editorial assinado por M. Frankental (nº 529 de 19/05, p. 04) e, no mesmo número, na p. 06, um artigo sobre o mesmo candidato, na coluna “No país”, confirma a posição do jornal, sob o título: “Brilhante discurso de Armando Sales de Oliveira, ex-presidente de nosso estado e atual candidato nas eleições para presidente da República”.

Mais notícias (do Rio), sobre os candidatos, aparecem no noticiário da primeira página no nº 533 de 28/05, comentando que José Américo é o candidato da maioria e que Armando Sales de Oliveira fará campanha no Rio Grande do Sul e outros estados. No nº 541, de 16/06 na p. 04, a coluna “Do país” fala novamente de José Américo de Almeida e sua candidatura à presidência, mostrando a tendência do jornal (por Armando Sales de Oliveira).

A participação do judeu aqui radicado na vida política do país se intensifica, depois que a “dificuldade da língua, instrução escassa, desconhecimento do jogo do poder, foram diminuindo com o decorrer dos anos e os descendentes de imigrantes adquiriram, sem restrições, o gozo dos direitos políticos” (Fausto, p. 09, 10) Têm então necessidade de participar do jogo político e querem candidatos próprios para a próxima eleição de deputados: querem a escolha do candidato da “colônia” e fazem sugestões de como realizar isso (nº 541, p. 04, editorial do dia 16/06).

Como assinala Roberto Grün, (p. 81, 82), os judeus, na Europa Oriental, nos “shtetlech” e “guetos”, se relacionavam diretamente com as autoridades através de seus líderes; sua atuação política consistia apenas em conquistar os favores dos governantes, para conter as eventuais maltas anti-semitas e, evidentemente, coletar os impostos devidos pela minoria judaica. No caso do Brasil, isso já não acontecia e a coletividade, depois de estar ocupada em estabelecer-se economicamente e ajudar seus conterrâneos que chegavam, procuravam agora uma representatividade maior de seu pequeno núcleo.

Marcos Frankental insiste na representatividade do que se chama “Comunidade”, e no editorial do nº 542 de 18/06 (agora na p. 01), diz que os líderes judeus acataram a idéia dele de escolha de candidatos da comunidade e que agora isso já é possível, mas o mesmo articulista escreve no editorial

de 02/07, no nº 548 (p. 04) que a lista dos “candidatos da comunidade” deve ser elaborada pela comunidade e não se chega a um consenso.

A eleição para essa tal lista de candidatos foi feita e foram escolhidas 21 pessoas que estão listadas no jornal. Esta lista vem precedida do seguinte enunciado: “O comitê que tem a missão de organizar a chapa para a comunidade tem o prazer de apresentar a seguinte chapa para o Comitê para a ‘Comunidade’”. Houve reação por parte de mais de 400 judeus paulistas de projeção, entre eles Lasar Segall e Genny Klabin Segall, protestando contra uma “Comunidade Israelita de São Paulo” e a maneira como foi feita a eleição para os representantes da comunidade, pedindo o adiamento dessa eleição (nº 552 – 11/07 – p. 05). No mesmo número, na p. 04 e no nº 553 (p. 04), em duas edições seguidas, há editoriais sobre a tal “Comunidade”, que representaria os judeus, ambos mostrando sua repercussão negativa. Portanto, não são todos os que se apresentam como candidatos, que são bem recebidos pela “intelligentsia” judaica. Haja visto a enorme quantidade de protestos.

Há, inclusive, uma declaração em ídiche e em português, assinada pelo Dr. Adolpho Taubkin, Abraão Hochermann e Maurício Blaustein, desautorizando a inclusão de seus nomes na chapa oficial dos candidatos, “pró-comunidade” feita à sua inteira revelia (nº 552 – 11/07 – p. 01) e no mesmo número, o “bloco progressista” pede para o jornal expor à “massa judaica” em São Paulo, que foi realizada, após convocação, uma reunião no “Yuguent Club” (sociedade judaica não sionista), onde foram escolhidos democraticamente alguns nomes para a tal “Comunidade” e que o povo judeu não deve tomar parte dessas eleições reacionárias. Quem assina esse comunicado é o “Comitê do bloco das eleições progressistas” (p. 05).

Roberto Grün salienta, no seu capítulo sobre as atividades políticas dos judeus em São Paulo, que os representantes da comunidade judaica, no

contexto coletivo, atingiam uma dimensão maior do que a atualmente existente. “Os políticos são colocados no centro dessa arena, intensamente supervisionados pela comunidade zelosa de sua imagem” (p. 73). Comenta ainda que, se algum político isolado ensaiou algum passo sem a aprovação da comunidade, ele é rapidamente “enquadrado” por ela, ou a deixa (p. 87).

Horácio Lafer tinha sido designado representante classista dos empresários na Assembléia Nacional Constituinte em 1933 e eleito deputado federal pelo Partido Constitucionalista em 1934 e o jornal não cita seu nome, em 1937, nenhuma vez, sequer.

Pode-se conjecturar que o motivo talvez tenha sido que o capital político de Lafer tivesse sido construído a partir de sua inserção econômica e transcendia, de muito, a comunidade judaica.

Até agosto, os artigos e comentários sobre os candidatos à presidência continuam no mesmo diapasão, comentando as campanhas dos candidatos à presidência, Armando Sales de Oliveira e José Américo e da propaganda que fazem (nº 546 – 27/06 – p. 04, na coluna “No país”). Por conta de sua campanha, Armando Sales de Oliveira inaugura uma nova associação, a “União Democrática Brasileira”, da qual é o presidente; o comentário do jornal, no dia 04/07, na p. 04 do nº 549, na coluna “No país”, ao descrever o ato, é de que novos ventos da democracia varrem o Brasil.

Ainda sobre os candidatos, no decorrer da campanha o jornal passa a fazer comentários ferinos aos dois candidatos à presidência, dizendo que nenhum deles tem plataforma política de expressão – (coluna “No país”, nº 564 – 08/08 – p. 04). O jornal insiste para que os judeus votem em todos os escalões, nas próximas eleições, fazendo valer seus votos (coluna “No país”, do nº 556 – 21/07 – p. 4) e que os eleitores brasileiros natos e imigrantes

judeus que podem e não votam nas eleições, usem seu direito para ajudar a democracia no Brasil (coluna “No país”, do nº 562 – 04/08 – p. 4).

O jornal ficou sem ser publicado desde 20/08 até 24/10; no dia 20/08 o jornal ainda pede que seus leitores enviem para a redação as congratulações pelo Ano Novo Judaico que aconteceria entre 04 e 15 de setembro e no dia 24/10 a explicação para tão grande hiato era o de problemas técnicos; informa, ainda, que os assinantes não teriam prejuízos com a interrupção.

Entremeados com as campanhas eleitorais, os atos do governo Vargas são também comunicados ao público leitor.

O “Tribunal para a Segurança Nacional” é citado várias vezes, desde a descrição de sessão, tumultuada, onde são julgados três acusados de levante no último governo: Álvaro Souza, José Leite Brasil e Agildo Barata até “Publicações no Tribunal”, onde transcreve o D.O., que diz que o Tribunal Especial tem crédito de 5.000 contos para 1937. Em outro item, comenta que o deputado João Mangabeira pediu ao Supremo Tribunal Militar que analisasse a constitucionalidade do Tribunal de Segurança Nacional e este pedido fora adiado (nº 478 – 13/01 – p. 08, coluna “No país”).

O “Estado de Guerra será prolongado” é notícia do Rio, no noticiário geral; anuncia que o presidente pedirá ao Ministro da Justiça que justifique esta medida perante o Tribunal. Nota: Os vários movimentos civis e militares são mais do que justificativas para o pedido (nº 497 de 28/02 – p. 01).

Esses movimentos militares são comentados pelo jornal e S. Teitelroitt escreve sobre a rebelião dos generais; conta que o general Waldomiro Lima

é preso mas, no mesmo número, com notícia do Rio, de que o “Estado de Guerra” havia sido retirado e a correspondência e telegramas não seriam mais violados, indica que os direitos de liberdade dos cidadãos continuariam em vigor (nº 542 – 18/06 – p. 01 e Coluna “No país” – p. 4). Na edição seguinte, no noticiário geral, uma nota de Porto Alegre fala sobre o “Estado de Guerra” e de que (hoje) o comércio funcionou melhor e a Câmara dos Deputados não esteve sob a vigilância militar.

As notícias sobre o Tribunal de Segurança Nacional interessavam a todos os imigrantes, principalmente aos judeus, pois a constituição de 1934, a que já nos referimos no tópico sobre “Imigração”, fazia sérias restrições à entrada desses imigrantes no Brasil. Segundo Tucci Carneiro, na reconstrução política, em que o nacionalismo foi recuperado para dar sustentação ao governo autoritário de Vargas, o Estado precisava de “mitos” para justificar o golpe de 1937 (p. 114) e os judeus temiam outros pacotes de decretos sobre imigração e imigrantes. Judeus comunistas, eram sempre termos usados no vocabulário oficial secreto, como diz a historiadora. “A ditadura estadonovista dispôs do anti-semitismo como instrumento político a serviço do poder, manipulando interesses ao nível das relações internacionais e nacional” (p. 418). E isso já temiam os judeus aqui residentes.

Estavam, então, atentos às notícias. S. Teitelroit comenta o incidente entre Góes Monteiro e o General Waldomiro de Lima, sobre uma conspiração, onde outros generais participaram. (nº 544 de 23/06 – na coluna “No país”, p. 04). Em outro número do jornal, aparece novamente o tema, as revoltas no país e o incidente acontecidos no Rio Grande do Sul, onde uma rebelião, em Porto Alegre, se deu justamente no Bairro do Bonfim, em que os moradores são, na maioria, judeus. Houve troca de tiros e alguns feridos, mas não comentam nada dos judeus. Diz o comentário que fora uma provocação dos integralistas. (nº 565 de 11/08 – p. 04 – coluna “No país”).

Sob o título “Um decreto que pode se tornar um destino”, comenta que está na câmara um projeto de Belmiro de Medeiros que pode afetar os judeus. O projeto regulamenta as escolas primárias, os cursos de línguas estrangeiras, reuniões abertas ou comícios populares (nº 566 – 13/08 – p. 04).

O projeto quer garantir a hegemonia da língua pátria, nos seguintes itens:

- 1) Toda escola primária deve apresentar documentos para demonstrar de onde vêm os fundos para sustentá-la.
- 2) Em toda escola de língua estrangeira deve haver um professor de português, brasileiro nato, que será responsável pela escola e deve ser de confiança do governo.
- 3) Tanto os cursos como as escolas infantis devem ser apadrinhadas com o nome de personalidades brasileiras falecidas e devem ter sua foto em lugar de honra da escola.
- 4) Não poderá haver fotos de chefes de partidos, nem de governos, nem mapas de países desconhecidos.
- 5) Não poderá haver outras bandeiras além da brasileira, como ela aparece na Constituição.

Além do que, analisa o editorial, o 7º artigo é fundamental: Não se poderão organizar conferências, aulas ou palestras em qualquer língua estrangeira, só em português, exceto para os convidados do governo, para reuniões literárias ou científicas, oficiais, contratados pelo governo.

As penalidades para quem deixar de atender estes requisitos serão grandes.

Continua o comentário esclarecendo que o decreto tem como objetivo acabar com a propaganda nazista e cita o caso de Santa Catarina, onde um orador fez, em alemão, discursos nazistas. Diz, também, que os nazistas aproveitam os feriados para deturpar os fatos históricos. O decreto, diz o articulista, seria uma faca de dois gumes, pois as escolas antigas das colônias estrangeiras não pretendem se imiscuir nem na história do Brasil, nem na hegemonia da língua pátria. As colônias estrangeiras se sentem atingidas, não pelo projeto, que ainda está em discussão, mas pela desconfiança que se abate sobre elas, por um fato acontecido em outro estado.

O comentarista alerta que, como o decreto ainda não foi aprovado, espera que os representantes dos estados no Senado não permitam que ele seja sancionado, mas que é bom que os representantes liberais do Congresso se preparem para qualquer eventualidade. (nº 567 – 15/08 p. 04).

Na coluna “No país”, em que S. Teitelroitz pontifica, temos a análise das relações do Brasil com os Estados Unidos, preconizando boas notícias da convivência entre os dois países, contra o fascismo. Aliás, no capítulo sobre Imigração, vemos, como escreve Jeffrey Lesser, que somente por causa das relações entre Brasil e Estados Unidos é que foram resolvidos, em 1938, os vários casos com os imigrantes judeus alemães. Na mesma coluna, no número seguinte, o mesmo articulista escreve sobre uma rusga entre o governo alemão e o brasileiro, a respeito de uma resposta sarcástica alemã em relação a “navios americanos alugados pelo Brasil” e sobre os integralistas e os acontecimentos sangrentos ocorridos em Campos (nº 568 de 18/08 – p. 04 e nº 564 de 20/08 – p. 04).

Sobre o ocorrido em Campos, veremos na seqüência as atividades dos integralistas no Brasil, relatadas pelo jornal e que tanto amarguravam os judeus. A partir desta data, como já expusemos, o jornal é suspenso por mais de dois meses, coincidindo essa suspensão com os feriados judaicos. Os fatos começam, então, a se precipitar.

Através de uma notícia com assinatura M.F. (Marcos Frankental), ficamos sabendo dos decretos assinados pelo governo depois do levante comunista, pedindo que a comunidade os leia e obedeça as ordens aí contidas, para que o Brasil, como nosso hospedeiro, não seja ultrajado, e acrescenta que o governo democrático do Brasil foi obrigado a promulgar esses decretos depois que foram abortadas as tentativas de atentados comunistas. Comunica, também, que o decreto está publicado em outra página do jornal, para que o cidadão judeu possa tomar conhecimento dele. (nº 571 – 29/10 – p. 01 – com o título “Sobre a situação do Estado de Guerra”).

Em outra página, realmente (p. 03), há a transcrição em ídiche, dos decretos do governo brasileiro sobre o Estado de Guerra e na página 07 o comunicado de que as lojas maçônicas são fechadas e transcrevem o decreto da nova censura.

Conforme Lesser (p. 177), “Nas primeiras horas da manhã de 10 de novembro tinha lugar o “autogolpe” planejado, com a cavalaria cercando o palácio presidencial e cópias da nova constituição sendo distribuídas. O Estado Novo, com Vargas à frente, havia sido criado”. No dia 12/11 o jornal S.P.I.T. estampa, por um cabeçalho de lado a lado da página: “Mudanças fundamentais na política-social do país”, com outros subtítulos:

“Fechados Senado e Câmara de deputados”, “Publicada a nova Constituição”, seguidos de alguns comentários: a) a autoridade policial

entregou aos jornalistas a nova constituição; b) “A palavra da maior autoridade nacional” (Nota: Uma justificativa da nova constituição). A manchete: “Ministros se demitem” e que o governo de Pernambuco também, ocupa a página toda (nº 575 – 12/11 – p. 01).

No número seguinte, a continuação desse artigo estende-se sobre as mudanças na situação político-social do país, onde analisa a nova constituição (nº 576 – 14/11 – p. 03 e 05).

Lesser registra que “em 8 de novembro, o único moderado no gabinete Vargas, o Ministro da Justiça Macedo Soares, renunciou; em seu lugar assumiu Francisco Campos, que já havia redigido uma nova Constituição Corporativista. Essa Constituição havia sido aprovada por todo o gabinete de Vargas, com exceção do Ministro da Agricultura Odilon Braga, que foi imediatamente substituído” (p. 177). Em artigo não assinado, sobre “A situação do país”, o jornal comenta a constituição em alguns estados brasileiros, a nomeação de embaixadores e a política econômica do presidente com outros países (nº 579 – 21/11 – p. 05). O tema dos nomeados pelo governo Vargas, com comentários curtos sobre os diversos ministérios, sem nada que chame a atenção é trazido igualmente no nº 581 (de 26/11 – p. 02). As notícias do que a nova constituição inflingiu aos partidos políticos são comentadas em vários artigos e notas, principalmente com relação aos integralistas e ao integralismo. (Menos de um mês após o golpe, em 2 de dezembro, Vargas proibiu os partidos políticos de atuar no país (Lesser, p. 177)).

O temor da comunidade, em relação ao partido integralista e seus dirigentes, transparece sempre que o mesmo é citado.

Já no dia 01/01, um artigo não assinado, que comentava vários assuntos, cita que integralistas ainda permanecem na prisão, sem especificar

a causa. Não conseguimos obter dados da procedência da notícia e nem da causa da prisão.

A interferência da atuação integralista fez-se sentir em diversos campos que preocuparam ou afetaram de alguma forma a comunidade judaica como se pode averiguar pelos diversos temas que foram abordados. Como diz Eva Blay, “em nome da brasilidade supostamente ameaçada engrossa-se uma forte corrente anti-semita liderada pelos integralistas através de publicações (livros, artigos, pronunciamentos na imprensa, jornais próprios, etc.), nas quais afirma a existência de um complô capitalista judaico-internacional ou uma suposta aliança judaico-comunista de dominação do Brasil. Ressurgem os seres dotados de ‘chifres e rabos’ para dominar o país” (p. 110).

“Os verdes sorriem...” referindo-se aos integralistas, é o título do editorial que aborda o item da educação no Brasil e sua interferência na comunidade. Comenta que as escolas devem ficar livres de religião (na opinião e luta do redator). O clero saberá usar de artifício para atrair as crianças. Que todos os liberais e crentes de outras religiões se assustaram com a introdução do estudo da religião nas escolas, mas agora os judeus têm outro inimigo. Os integralistas estão se infiltrando nas escolas e estão tentando levar nossa juventude para seu credo. Conta, ainda, o caso acontecido no “Gymnasio São Bento”, onde um aluno, ao falar sobre o fascismo, foi apontado por um colega, que acabou apanhando. Os outros colegas, em um sinal de protesto, se retiraram da aula. O artigo termina com a grande preocupação:

“A pergunta agora é: qual é pior, as aulas de religião ou os integralistas?” (nº 520 – 25/04 – p. 04).

O assunto integralismo afetava a coletividade e sempre que havia motivo para euforia, ou satisfação pelo descrédito de algum deles, o jornal publicava algo que os desabonasse, como o comentário de S. Teitelroit sobre o “Galinha Verde” Barreto Pinto, que não conseguiu ler seu discurso integralista fascista, na Câmara, por que era apartado a cada duas palavras pelos colegas (nº 522 – 30/04 – p. 04). Outra notícia do mesmo quilate é para contar que Iehara Mota, líder integralista, renuncia à sua cadeira de deputado pelo Estado do Ceará por que diz que o fascismo não é solução para o povo brasileiro (nº 538 – 09/06 – p. 01). Esta devia ser uma notícia importante para a coletividade, pois ainda sobre o deputado Iehara Mota, o jornal transcreve a carta de renúncia do mesmo à câmara. Sob o título: “O deputado Iehara Mota renuncia ao mandato integralista”, comenta que os deputados não querem aceitar sua demissão (nº 539 – 11/06 – p. 03). No mesmo número, na p. 04, o editorial toca novamente nesse assunto, elogiando sua atitude contra Plínio Salgado. O assunto é tratado na coluna “No país”, com comentários sobre os integralistas e suas ideologias, dizendo que muitos deputados estão abandonando as fileiras desse partido (nº 543 – 20/06 – p. 04).

S. Teitelroit, na sua coluna “No país” conta, em um alentado artigo, o caso do jornal *A Ação*, do partido integralista, que ele vira afixado numa parede e rodeado por muita gente que queria lê-lo.

A história que o redator narra é que em todas as páginas desse jornal havia matérias envolvendo judeus, o que enoja aos esclarecidos por suas mentiras fantásticas e que é preciso ser muito ignorante para se crer em suas ilusões.

Num dos tópicos do jornal *A Ação* as linhas incisivas: “O Clero católico contra os *Diários Associados*”. Conta o artigo que um padre, não muito satisfeito com um artigo escrito pelo principal diretor do jornal de

Assis Chateaubriand, protestou e clamou a todos os católicos que boicotassem os *Diários Associados*; que o clero católico declarou por escrito que os jornais acima estão a serviço da crença judaica, para a infelicidade da nação.

Teitelroit infere que o jornal integralista pretende fazer intrigas entre os leitores católicos dos *Diários* e os judeus, pois os “verdes” querem o poder e estão desesperados. Depois de tecer mais alguns comentários acerca dos *Diários*, diz que os “fiéis discípulos de Hitler” não podem aceitar a convivência pacífica entre os homens. *Ação* também lembra a seus leitores que Plínio Salgado deverá vir a São Paulo.

Seu intuito, naturalmente, deverá ser fazer propaganda de seu partido e candidatura, que é a do único candidato anti-comunista às eleições presidenciais.

Teitelroit acha que toda população se rirá de seus achaques “panfletários”, que terão oportunidade de ver de frente a pessoa que se acha o “único” e “verdadeiro” candidato nacional à presidência do Brasil: tem esperança que, assim como aconteceu em Porto Alegre, o melhor do povo brasileiro não o ouvirá e a outra parte perceberá logo que ele é o incentivador do naufrágio da humanidade.

Escreve, ainda, que os jovens já estão se reunindo em grupos, unidos contra o inimigo do povo. E solta uma praga: que da vergonha desta geração não sobre nada! (nº 545 – 25/06 – p. 04).

Tucci Carneiro, ao abordar esta questão, destaca que, na época, o comunismo e o judaísmo passam a ser termos interligados, atacados através do discurso oficial, da literatura integralista e das idéias representativas do pensamento católico de direita, chamando a atenção das autoridades

brasileiras para esta relação entre comunistas e judeus (p. 118). E ainda: “...o estigma do ser judeu ganhou forças carregando consigo a marca de bolchevista ou explorador capitalista, independente do comportamento do indivíduo como tal” (p. 120).

“Oficialmente o integralismo omitiu-se a respeito da campanha anti-semita empreendida pelos seus líderes, apesar do movimento ter inspirado seus rituais no universo ideológico fascista e no nacional-socialismo. Até Plínio Salgado, chefe nacional da AIB (Aliança Integralista Brasileira), contestou, em vários momentos, o anti-semitismo manifesto por Gustavo Barroso”, e também que “o maior número de obras anti-semitas publicadas durante a era Vargas é de autoria de integralistas.” (Tucci Carneiro, p. 353).

O jornal continuou a publicar as notícias sobre atos dos integralistas. Os distúrbios defronte ao jornal *Imparcial*, provocado pelos integralistas, que queriam arrancar uma placa que anunciava a formação de comitês anti-integralismo, merece nota no noticiário vindo do Rio (nº 546 – 27/06 – p. 01). Em relação a esse assunto, no mesmo número, na página 04, o editorial faz um desabafo contra aumento da ação dos integralistas e conta sobre a formação de grupos democráticos anti-integralistas.

Lesser lembra que “a Ação Integralista Brasileira (AIB) era o maior grupo organizado com uma agenda claramente anti-semita. A AIB possuía orientação fascista, com raízes populares entre as classes médias, as forças armadas, vários descendentes de italianos e alemães que viviam no sul do Brasil e alguns industriais muito ricos. Contudo, as raízes intelectuais do integralismo não eram populares.” (Lesser, p. 112).

Cytrynowicz, por sua vez, indica que “o Integralismo foi o primeiro partido moderno de massas no Brasil. As estimativas do número de seus militantes variam de 500 mil a 1 milhão, para uma população de 41,5

milhões de habitantes, em 1935. Uma estimativa mais realista, porém utiliza o número de 100 mil a 200 mil filiados, no final de 1937” (p. 01).

Num outro noticiário, o jornal descreve, com notícia vinda do Rio, o discurso que o deputado Café Filho fez, comentando as declarações de Plínio Salgado como único candidato anti-comunista à presidência e as conseqüências das atitudes do chefe do integralismo brasileiro com relação às sangrentas lutas que ocorriam tanto pelas provocações nos comícios como pelas rebeliões militares (nº 557 – 23/07 – p. 01).

Cytrynowicz traz dados eleitorais numéricos e estatísticos que demonstram os resultados significativos que o movimento estava atingindo. “Nas eleições de 1936, a AIB chegou a eleger quase 3.000 vereadores no país, 20 prefeitos e 4 deputados estaduais. Em Santa Catarina, o integralismo teve maioria de votos em cerca de 1/5 dos municípios. Na eleição para escolher o candidato integralista às eleições de 1938, participaram 860 mil pessoas, dos quais cerca de 500 mil eram votantes habilitados para as eleições presidenciais. O eleitorado do país tinha cerca de 3 milhões de votantes” (p. 02).

A par dos fatos concretos preocupantes, há igualmente outro tipo de registros. Em agosto, no dia 18, uma notícia do Rio transmite que os integralistas divulgaram boatos de que houve um levante de seus homens em São Paulo e que espalharam patrulhas em vários bairros do Rio, levando o pânico aos arredores, pedindo passaportes e parando carros. A polícia, ao tomar conhecimento dos fatos, conseguiu prender alguns elementos, soltando-os logo. Os boatos continuam (nº 568 – 18/08 – p. 1).

Em Campos, Estado do Rio, houve uma passeata, seguida de um comício dos integralistas; isto constituiu a matéria de uma reportagem, colocada no lugar habitual do editorial, tão importante para os judeus era a

notícia. A reportagem mostra que o comício era contra a democracia, e foi quando houve os distúrbios (nº 568 – 18/08 – p. 4). O comício continuou até que houve mortes, o que é lamentado pelo repórter. O S.P.I.T noticia também que o jornal carioca *Diário da Noite* diz que os integralistas têm dezenas de associados e levam suas camisas para os clubes.

Esses distúrbios começaram depois que Plínio Salgado também entrou no prélio pela candidatura à presidência da República, em meados do ano. Para substituir Getúlio Vargas, cuja mandato terminaria em 1938, já havia dois candidatos: Armando Sales de Oliveira do Partido Constitucionalista e José Américo, que todos pensavam ser apoiado por Vargas. Com o aumento dos distúrbios e da violência, muitos quiseram um candidato da unidade, segundo Lesser (p. 176).

O jornal não circulou durante os dois meses (de 20 de agosto, nº 569, até 24 de outubro, nº 570). Não há notícia, no S.P.I.T de motivos políticos para a interrupção. Mas, nesse ínterim, o integralismo, acoplado ao governo Vargas, “descobriu” o “Plano Cohen”. No final de setembro de 1937, uma farsa integralista afirmava a existência de planos para uma violenta derrubada comunista do governo, e que incluía o incêndio de igrejas. Esse plano havia sido concebido por Olympio Mourão Filho, um capitão das forças armadas brasileiras e chefe da seção de propaganda da AIB. Esse nome, “Plano Cohen” (Cohen = sobrenome nitidamente judaico), tinha como fim sugerir uma associação do judaísmo com o comunismo e foi divulgado em 29/10. Blay, citando Carone, diz que “todo esse aparato funcionou na preparação do definitivo golpe de 37, que teve no Plano Cohen um documento considerado ‘arremate do clima anti-comunista’. O documento é apresentado ao Congresso e com ele se justifica a reinstalação do ‘Estado de Guerra’. Em 2 de outubro de 1937 o país retorna ao estado de exceção” (p. 112-113). “No final da primeira semana de novembro, todas as peças para a criação de um novo regime estavam no lugar. O falso ‘Plano Cohen’ deu ao

Estado um meio de esmagar a oposição simplesmente rotulando-a como ‘comunista’” (Lesser, p. 177). Plínio Salgado marchava à frente de milhares de integralistas para a entrada no palácio presidencial, onde a tropa foi revista por Vargas, menciona Cytrynowics (p. 216).

Em 14 de novembro, quando já estava circulando e depois do anúncio da nova constituição, o jornal estampava a notícia, do Rio: “O Integralismo, de acordo com a nova Constituição”, onde transcrevia um comunicado da Ação Integralista que dizia que, apesar da nova Constituição brasileira proibir ações políticas, continuará suas ações sociais, construindo escolas e realizando reuniões de instituições sociais, afirmando que qualquer outra divagação é provocação do inimigo (nº 576 – 14/11 – p.1).

Apesar de já ter noticiado a declaração da Ação Integralista, o jornal volta à carga, com uma nova nota, “Orgão Integralista ‘Ação Integralista Brasileira’ comenta o decreto do fechamento do partido integralista e escreve que suas ações culturais-sociais continuarão as mesmas, só que com outro nome”, e “Todos os partidos políticos liquidados”: “Símbolos e logotipos de partidos estão proibidos. O decreto também proíbe as atividades políticas do integralismo.” (nº 585 – 05/12 – p. 02).

Observação: A coluna em português de N.F. (Naum Frankental, filho de Marcos Frankental), começa a partir do dia 24/11, na página 01 do jornal, com o título “Notas e Comentários”. Nesta altura dos acontecimentos, com o sub-título “Os israelitas em São Paulo”, comenta que a desorganização da comunidade ainda não permitiu a escolha de uma representação oficial e quem quer, se arvora seu representante.

Depois do advento do Estado Novo, as minorias tentaram se adaptar à nova constituição e, apesar de ainda poderem ser impressas em sua língua materna, queriam mostrar, em alguns tópicos, o teor de seus escritos,

escrevendo em português. “Só mais tarde, novos decretos ampliaram o controle sobre os imigrantes a um nível jamais sentido antes. Publicações em língua estrangeira não podiam ser impressas sem autorização oficial e a educação em língua estrangeira de crianças menores de catorze anos foi proibida. Os jornais ídiches, como todos os outros em língua estrangeira, foram forçados a imprimir todas as páginas com traduções em português ou fechar suas portas” (Lesser, p. 192).

Depois de um longo período sem notícias da política nacional, uma manchete stampa:

“Fechados todos os centros nazistas no Rio Grande do Sul”, contando (de Porto Alegre) que a polícia do Rio Grande do Sul fechou as associações do partido nazista, proibindo bandeira e símbolos nazistas. O comentário é de que se sabe que esses partidos, simultaneamente, faziam, nos estados do sul, propaganda nazista (nº 592 – 22/12 – p. 05).

Essa foi a última notícia política do ano no jornal e não são feitos comentários sobre o golpe de Getúlio Vargas.

A partir do auto-golpe de Vargas, nenhum judeu mais foi autorizado a entrar no Brasil, por qualquer motivo.

O jornal não faz nenhum comentário sobre o “Estado de Guerra” ou a Nova Constituição. Suas notícias não são opinativas, mesmo porque a censura funcionava a todo vapor.

O jornal não quer ou não pretende acirrar os ânimos, pedindo, então, aos judeus, que tomem tento às novas leis, para que não haja distúrbios envolvendo a comunidade nem, eventualmente, isoladamente, algum judeu, já que o judeu era “confundido” com comunista.

À medida que o movimento comunista brasileiro atingia seu auge em meados da década de 30, políticos e intelectuais ressaltavam os supostos laços entre judeus e comunismo, lembrando as notícias na imprensa sobre as prisões de militantes estrangeiros do Partido e chamando a atenção para a origem judaica deles (Lesser, p. 160). Sentindo o que poderia advir desse movimento, o jornal em ídiche não se manifesta a esse respeito.

Blay, citando o jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, de 1 de junho de 1936, p. 02, destaca que “instaura-se um clima profundamente anti-comunista e xenófobo. Quaisquer manifestações que visassem articular outras forças que não as detentoras do poder como movimentos sindicais, estudantis, de moradores e quaisquer outras, eram reprimidas.” “Os jornais da época noticiam durante toda a década a prisão de ‘extremistas’, de ‘estrangeiros extremistas’, gera-se uma polêmica no parlamento entre os que queriam evitar deportações e pregavam a punição no Brasil desses estrangeiros envolvidos em movimentos extremistas e os que desejam sua extradição” (p. 108 e 109).

O jornal S.P.I.T só conta o caso de Harry Berger. Sob o título “Advogado de Nova York, Levinson quer defender presos políticos”, o jornal relata, na página 08 do nº 489, do dia 10/01, que David Levinson veio ao Rio, a pedido de parentes de Harry Berger, um dos maiores acusados de terrorismo, por ter participado do atentado em novembro, para defendê-lo.

No número seguinte temos outras notícias do mesmo fato; sob o título “A agitação em torno do advogado Levinson”, retoma o assunto sobre o caso Berger e conta, com nota do Rio que, apesar de apresentar seus documentos de advogado formado (sic), o ministro da Justiça devolveu o passaporte de Levinson, para que ele deixasse o país (nº 490 – 12/01 – p. 01).

O *Correio Paulistano* da época também dá sua versão: dia 13/02/37, p. 16 – em “Convidados a retirar-se do Brasil”, fala sobre o pedido para se retirar do país, do advogado judeu David Levinson, americano, que para aqui viera para defender os presos Harry Berger e Luiz Carlos Prestes e que sua presença aqui era considerada inconveniente.

Interessante constatar que, enquanto o jornal em língua ídiche não faz menção à qualidade de judeu, apesar de sugerido no próprio nome, o *Correio Paulistano* faz questão de mencionar explicitamente o fato.

O assunto não tem continuidade em nenhum dos dois jornais e não escrevem sobre outras prisões que abalassem a comunidade. Já havia escrito sobre o julgamento de Álvaro de Souza, José Leite Brasil e Agildo Barata, provavelmente acusados por levante no último governo (nº 478 – 13/01 – p. 08).

Durante o ano todo o jornal publica notas ou artigos sobre outros assuntos que afetam o Brasil.

Um exemplo é o da coluna “No país”, onde é relatada a praga do algodão; fala também do novo papel-moeda de 50.000 (sic) cada unidade, fabricada em Londres; (nº 474 de 01/01 – p. 02) Ainda sobre economia, lemos que, pela nova política do Brasil, o café brasileiro será o mais barato do mundo (nº 578 de 19/11 – p. 01). A situação de Mato Grosso, com notícias vindas de Cuiabá, trata dos problemas daquele estado (nº 478 – 13/01 – p. 08). O Acre também é assunto, quando o jornal escreve que já existe um interventor nesta região (nº 493 – 19/02 – p. 08).

Uma notícia sem dados completos, sob o título “Casamento religioso têm o mesmo valor que os civis, que é o que diz a lei”, transmite, por notícia do Rio, que o presidente da República sancionou a lei que garante o

casamento religioso com o valor do civil. Faltam dados esclarecedores se valem também para o casamento em outros credos que não o católico. Sem outros comentários, essa notícia não é lembrada em nenhum outro momento no jornal (nº 482 – 22/01 – p. 08).

A educação no Brasil também interessa ao jornal pois, em vários números, aborda esse tema. Em “Codex da educação nacional” para o Brasil, o editorial comenta que não faltam “ginásios” em todo território nacional, de todos os tipos; dezenas de universidades para distribuir ensinamento para a nova geração, mas não há um plano de educação; não há sistemas que regulamentem a legislação, os direitos de professores e alunos. Descreve a reunião do ministro da Educação, Dr. Gustavo Capanema, para essa regulamentação (nº 493 – 19/02 – p. 4). No mesmo número, na página 08, em nota do Rio, conta que foi aberta a reunião do Conselho para a Educação. Essa reunião e o seu propósito ficam claros no editorial em que diz que o plano a ser discutido pelo Conselho da Educação Nacional já fora discutido pelos deputados, e é muito importante. Trata-se do direito das Faculdades Livres poderem ter os mesmos direitos das universidades estatais. Sob o título “O problema dos cursos superiores livres” e sob título “Plano para educação nacional” comenta que o problema é que as escolas secundárias soltam todos os anos dezenas de milhares de candidatos à escola superior, que não tem capacidade para recebê-los a todos. É preciso, então, dificultar a entrada desses estudantes, pela seleção. Em sua opinião, em um curto período de prova, são desqualificados milhares de alunos, por nervosismo ou outros pequenos motivos e só alguns eleitos são admitidos, depois de tantos anos de duros estudos. Alega que os idealizadores desta maneira de selecionar os estudantes por uma maneira muito rígida, pensando elevar o nível dos alunos que são selecionados, não está dando certo, e apesar do exame de ingresso ser muito difícil, os cursos não o são. Conta que o governo já está procurando solucionar o problema, introduzindo dois anos de escolaridade entre os cursos secundários e superior, pelo qual o aluno entre

direto na faculdade. Comenta, então, que esse projeto não resolverá o problema, porque continuarão a ser contados aos milhares o número de alunos pretendentes aos cursos superiores. As faculdades livres devem sanar o problema, diz o articulista, entre elas a “Universidade da Capital Federal”. Os que apoiam esse sistema acham que, assim como os colégios secundários, se as faculdades livres se submeterem ao controle do governo, deveriam funcionar. Apesar de um decreto de 1931, que permitiu essa experiência, muitas faculdades não foram aprovadas e deveriam poder ser criadas outras, com um controle rígido do governo. Isso faria com que muitos estudantes tivessem suas expectativas de estudos concretizadas. Para isto, faltam ainda os resultados dos debates do decreto na câmara dos deputados (nº 500 – 07/03 – p. 04).

Não se pode inferir, pelo jornal, no que o assunto tocava a comunidade; no entanto, era tema que o jornal levantava e talvez servisse para discussão entre os jovens.

No dia 09/04 é publicada a notícia de que foi negado o reconhecimento de Faculdades Livres (nº 513 – 09/04 – p. 01).

Outro editorial, do dia 14/05, escreve sobre a Lei Áurea e a miscigenação, pela passagem do dia da libertação da escravidão no Brasil, sem aparente inferência a problemas políticos (nº 527 – 14/05 – p. 04).

Segundo Roberto Grün, ao fazer a análise da atividade política da comunidade judaica, em “Judeus na política paulista”, no livro **Imigração e política em São Paulo**, os dados existentes para São Paulo não permitem grandes análises que confirmem um ou outro dos lados da polêmica, que seria se os judeus tenderiam mais para a esquerda ou para a direita, (p. 78) e na nossa leitura e pesquisa do jornal não podemos aferir com exatidão de tal

assertiva, simplesmente por que sabemos da ojeriza do judeu a um Estado totalitário.

Considerações Finais

Como apresentamos no início desse capítulo, a participação do *Correio Paulistano* na temática é quase nula; não podemos, portanto, fazer qualquer avaliação de sua postura em relação a qualquer estímulo ou situação originada pela coletividade judaica.

Há sessenta anos, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a população judaica de São Paulo chegava aproximadamente 20.000 pessoas, conforme dados de 1940, segundo Rattner e, “à medida que o nacionalismo popular e político crescia, os judeus descobriram-se alvos de um tratamento negativo por parte do governo brasileiro” (Lesser, p. 46).

Isso deu origem a uma preocupação generalizada entre a população judaica, principalmente ante os ataques integralistas com sua propaganda anti-semita. Aparecem, então, artigos no jornal judaico contra os “verdes”.

Com relação às eleições presidenciais e para outros cargos, que se realizariam em dezembro desse ano, esse jornal toma partido declarado em favor de um dos candidatos à presidência e faz uma campanha para que haja representantes da coletividade para as outras funções públicas; não debate, porém, idéias, nem se manifesta quanto ao Estado Novo, limitando-se a transcrever, em ídiche, as disposições do novo regime, pedindo à comunidade que obedeça as ordens emanadas do novo poder, para não criar atritos prejudiciais aos judeus aqui estabelecidos.

A evolução do anti-semitismo em 1937

A evolução do anti-semitismo em 1937

Desde antes de 1935 (Hitler subiu ao poder em 1933), a situação dos judeus, nos territórios nazistas da Alemanha e Áustria, era terrível. Todas as áreas de sua atividade, na sociedade alemã, foram atingidas. Alcançados pelas “Leis de Nüremberg”, depois do Congresso do Partido Nazista, em 1935, foram proibidos de exercer funções no Governo, nos hospitais, nas universidades, nos institutos de pesquisa e a isso seguiu-se a proibição de freqüentar jardins públicos e teatros, assim como de participar de atividades esportivas junto com os alemães e estudar em escolas públicas. “Médicos, cirurgiões, juristas, especialistas em arte, arquitetos, jornalistas, muitos dos quais conhecidos internacionalmente, perderam a autorização de exercer sua profissão pelo simples fato de serem judeus” (Tucci Carneiro, p. 69).

Conforme a teoria racista implantada pelos nazistas, cada indivíduo, cujos antecedentes até a terceira geração não apresentavam a “pureza de sangue”, era considerado judeu, independente da religião que professava. Durante os primeiros anos, o objetivo imediato foi o de forçar os judeus a emigrarem. Isso acontecia na Alemanha, onde os judeus, antes do nazismo, desfrutavam da maior liberdade. A assimilação, lá, chegara a tal ponto, que muitos dos judeus consideravam-se em primeiro lugar alemães e depois, judeus.

Duas décadas antes da Primeira Grande Guerra, os judeus iludiram-se com as aparências do declínio dos movimentos anti-semitas; o anti-semitismo parecia pertencer ao passado. Nessa época desenvolve-se mais intensamente a *intelligentsia* judia – filhos de pais abastados, para quem as preocupações eram somente culturais, especialmente na Alemanha e Áustria, tendo como expoentes Walter Benjamim, Martin Buber e outros. Há um rompimento com as tradições religiosas e a assimilação intelectual e nacional de importantes camadas judaicas. À medida em que os judeus se

igualavam aos demais alemães em posições de liderança, desencadeava-se o ressentimento social contra eles. É importante lembrar que a assimilação, como fenômeno grupal, ocorreu de forma mais intensa entre judeus intelectuais.

Nos países onde os judeus estavam à mercê de pogroms e anti-judaísmo declarado, o recrudesimento do anti-semitismo levou a situações mais trágicas. Aparece, então, o problema de judeus deportados, provenientes da Europa Oriental e que haviam imigrado para Alemanha devido justamente às perseguições e pogroms, nesses países.

A expulsão para a Polônia, por exemplo, criou uma enorme aglomeração de deportados. A questão que se coloca é se houve reação dos judeus e da imprensa, nos países onde ainda podiam se manifestar.

Na análise das notícias que transcrevemos resumidamente, uma primeira constatação é verificar o aumento do coeficiente das notícias sobre anti-semitismo no final do ano de 1937 em relação ao início do mesmo ano.

Essas notícias da Europa, ao contrário de países como Argentina, México e Brasil, onde a repressão ficou restrita ao nível de alta cúpula contra o ingresso de imigrantes judeus, mostra a evolução do anti-semitismo e o avanço das forças racistas. O jornal *Ídiche* trazia notícias e artigos sobre essa evolução. No *Correio Paulistano* não há clareza e objetividade nos artigos que tratam do tema.

Uma constatação importante é a porcentagem de protestos nacionais e estrangeiros aos atos anti-semitas na Europa em geral, registrados pelo S.P.I.T. Vemos a preocupação do jornal, logo no começo do ano, como reflexo da inquietação dos leitores com o avanço das forças racistas ameaçando o mundo, sob as diretrizes de “um pintor de paredes” (sic).

A ameaça sobre a vida judaica com o advento do nazismo, diz o articulista num editorial, faz com que haja uma emigração em massa dos judeus da maior parte dos países europeus, encontrando portos fechados nos países procurados. Cita então a Palestina como único caminho para o judeu, como povo livre (nº 474 – 01/01 – p. 04).

As notícias vêm de todos os rincões do mundo. Nesse mesmo número (474), a primeira página inteira de que em Trípoli, dirigentes judeus foram açoitados – não queriam abrir seus estabelecimentos comerciais no feriado religioso judaico. A mesma notícia aparece novamente, através de informação de Roma, com o título “Simbolismo fascista”, onde se conta de que foi abertamente anunciada, em Trípoli, a pena de chibatadas (apenas simbólicas), em três judeus, pelos mesmos motivos citados acima, contra as ordens governamentais (nº 476 – 08/01 – p. 04). Mas houve protestos em Londres e Varsóvia, pelas comunidades judaicas. Em Varsóvia, uma delegação de judeus resolveu mandar uma comitiva ao embaixador italiano para protestar contra os maus tratos inflingidos aos judeus de Trípoli, que não querem abrir seus negócios aos sábados. Com seus próprios problemas, os judeus da Polônia ainda mantinham a solidariedade a seus irmãos de outros países.

Num artigo de Z. Zak, sob o título de “Os judeus de Trípoli”, com o subtítulo “Quem são eles e porque a Itália os persegue?”, o redator faz menção à campanha anti-semita do governo fascista de Trípoli. Diz o articulista que não se sabe se essas atitudes vêm de ordens de Roma ou se são do governo local, que começaram logo depois que nacionalistas e liberais foram mortos, com a tomada do fascismo. Na Colônia Líbia, que pertence à Itália, entram dois territórios: Trípoli e Cirenaica, e além de contar a história de Trípoli, fundada pelos fenícios, dá a sua localização

(vizinho do Egito) e fala que depois dos açoites virá o anti-semitismo, que é irmão gêmeo do fascismo (nº 504 – 17/03 – p. 03).

Referindo-se à vida dos judeus em países árabes, no artigo “Os judeus do Iraque vivem como num inferno” o jornal descreve a vida dos judeus naquele país, a partir de 1922, quando este se tornou independente. Conta que, em torno de 1919, no Iraque, a vida dos judeus era decente e, após 1922, se tornou difícil, com perseguições a esse povo. Os cristãos, que até então mantinham boas relações com eles, não se manifestavam em relação às perseguições, pois assim eram deixados em paz, não eram provocados. O comentarista faz um apelo aos judeus do mundo, dizendo que ainda havia tempo de salvar seus irmãos do Iraque (nº 480 – 17/01 – p. 06).

Da África do Norte também vêm notícias: sob o título “Revoltosos espanhóis e padres franceses amargam a vida de judeus na África do Norte”, o corresponde de *Mundo Obrero* conta como os revoltosos, no Marrocos, invadiram as ruas habitadas por judeus, roubaram, atacaram, levaram tudo que puderam e gritavam: “Vocês são uma raça suja”. Em Melila, muitos judeus foram fuzilados e o prefeito e autoridades nada faziam e diziam que tudo estava sob controle. Houve, ainda, manifestações contra os judeus e uma contra manifestação dos anti-fascistas, que foram cercados e metralhados (nº 481 – 20/01 – p. 03). Ainda sobre o Marrocos, o S.P.I.T relata, com notícia de Barcelona, que Franco empurra os judeus do Marrocos para a morte, por fome, porque não têm possibilidades de ganhar seu sustento. Os judeus de Barcelona se admiram que os judeus de outros países não façam nada para ajudá-los (nº 536 – 04/06 – p. 01).

Beirute nos dá a conhecer que a polícia breiou manifestações de grupos fascistas em todo país, que são provocadas pela propaganda massiva de Mussolini. Título: “Sobre distúrbios fascistas na Síria”(nº 588 – 12/12 – p. 01).

Na América Latina também temos atos de anti-semitismo, alguns mais ou menos velados. O S.P.I.T. comenta, num artigo sem assinatura, sob o título “Triste situação dos judeus na Guatemala, Costa Rica e Honduras”, que Rosenthal, um comerciante de Buenos Aires, trouxe tristes notícias desses países, onde esteve quando em viagem à América Central. Numa entrevista ao jornal judaico *Der Veg* (O Caminho), ele diz que o número de judeus nesses países é pequeno, mas as provocações anti-semitas são grandes. Muito ruim é a situação dos judeus na Guatemala: poucos são os oriundos da Europa Oriental; eles são mascates e têm dificuldades para sobreviver. Uma exceção à situação de penúria é a dos judeus alemães, entre os quais se sobressaem os muitos ricos. Estes, porém, estão afastados de seus irmãos da Europa Oriental. Os judeus da Guatemala também sofrem com um decreto de anos anteriores, que proibia a naturalização de “gente de raças inferiores”; entre estas estão os negros, os chineses e os orientais. A categoria dos judeus se encontra na de “orientais” e não podem se tornar cidadãos. O decreto vale também para os que já tinham esses direitos e pela decisão os perdem. Muito poucos mantiveram essas prerrogativas. Prosseguindo seu relato, o entrevistado conta que na Costa Rica se encontram aproximadamente 300 judeus, igualmente mascates e pobres. Existe contra eles uma permanente campanha anti-semita, em que os nazistas parecem ter forte influência. Uma lei especial proíbe a imigração de judeus poloneses, até de parentes próximos dos que lá residem.

Em Honduras, onde há aproximadamente 25 famílias judaicas, sua situação econômica não é melhor e os imigrantes judeus abandonam o país assim que podem. Na capital, Tegucigalpa, vivem somente em torno de dez famílias judaicas (nº 485 – 29/01 – p. 04).

No fim do ano, uma notícia de Montevidéu: N.F., nos dá conta de que um programa de rádio recém-inaugurado tornou pública sua plataforma

contra o anti-semitismo e um tópico especial dedicado ao combate ao nazismo (nº 584 – 03/12 – p. 01).

Da Argentina, algumas notícias: O *Correio Paulistano* nos conta do “Fechamento das escolas hebraicas em Buenos Aires”, e diz que as autoridades policiais, depois de uma busca, fecharam onze escolas israelitas, sob o pretexto de que os professores inculcavam a ideologia comunista aos alunos. “A polícia prendeu os professores e confiscou o material da propaganda” (C.P. 28/05/37 p. 06).

No Brasil a imagem do judeu também estava ligada à figura do comunista e simpatizante do credo vermelho. As denúncias contra os judeus, de portadores de idéias políticas perigosas, “comunistas”, ou “bolchevistas”, foi uma constante no discurso integralista, como conta Tucci Carneiro. A Argentina usava os mesmos métodos.

Em contra-partida, o S.P.I.T. nos dá a notícia de que uma manifestação nazista, em Buenos Aires, foi dissipada pela polícia com gás lacrimogêneo, pois esta era proibida pelo governo (nº 541 de 16/06 – p. 01); a nota vem em sequência a um comunicado sem maiores comentários relatando o assassinato de um nazista, também em Buenos Aires, cujos assassinos são provavelmente dois verdureiros italianos (nº 527 – 14/05 – p. 01).

Ainda de Buenos Aires, uma notícia com o seguinte título: “O anti-semitismo católico tem nova ‘tonalidade’” e comenta que os católicos se revoltam contra os nazistas da Espanha, que querem uma só religião ‘nacionalista’, não se lembrando do que sofrem os judeus (nº 553 – 14/07 – p. 04).

Outra notícia, já no fim do ano, da mesma capital, nos dá ciência de que dois petardos estouraram em duas sinagogas, causando danos, levantando lamentos da população judaica e esperando que isso não mais aconteça (nº 582 – 28/11 – p. 02).

Em “Notas e Comentários”, em português, de N.F., a notícia com o título “Comitê argentino contra o racismo e o anti-semitismo” diz que os jornais da Argentina noticiam que foi formado um comitê de combate ao racismo e ao anti-semitismo, com adesão de altas personalidades; sabe-se que na Argentina existem muitos anti-semitas, influenciados pelas teorias trazidas de fora e cuja propaganda é financiada pelos nazistas. “Combater o ódio de raças é promover a tranquilidade da humanidade” (nº 587 – 10/12 – p. 01).

Por todos os fatos ocorridos durante o ano na Argentina, o S.P.I.T, na coluna em português, de N.F., “Notas e Comentários”, comenta, em artigo único, diferentemente de seus pequenos tópicos, “Congresso dos Israelitas Sul-Americanos”. O objeto do comentário, nesta coluna, é um artigo do jornal de Buenos Aires, *Di presse* (“A imprensa”), conclamando os judeus da América do Sul a se reunir em congresso, para debaterem os assuntos referentes à sua situação nesta parte da América. O articulista incentiva a idéia, conclamando o Brasil a enviar delegados para discutir as condições dos judeus na América do Sul e combater a propaganda anti-semita que por aqui chega. Esse congresso teria mais força e suas resoluções teriam influência contra as difamações contra os judeus, pensa N.F. (nº 592 – 22/12 – p. 01).

Continuando nossa procura de notícias do anti-semitismo nas Américas, deparamos, na nossa peregrinação, com notícias de fatos que afetaram grandemente a população no México. O S.P.I.T. noticia que o México não quer que o número de judeus aumente: apesar do governo

liberal, o México não quer mais imigrantes judeus (nº 531 – 23/05 – p. 07). O mesmo assunto é tratado num artigo não assinado, “Discípulos de Hitler no México”, onde conta que a comunidade judaica do país se sente amargurada pelo tom anti-semita demonstrado pelos intelectuais, representantes do governo e organizações trabalhistas, numa conferência na Biblioteca do Congresso. Houve um advogado que defendeu a coletividade, dizendo que a comunidade era pequena e por isso não ameaçava o México (nº 553 – 14/07 – p. 04). Num noticiário bem posterior, a continuação da apresentação dos casos ocorridos no México nos relata que o presidente Cárdenas receberá uma delegação de judeus daquele país, que irá tratar dos interesses gerais da coletividade (nº 581 – 26/11 – p. 01).

A notícia, no *Correio Paulistano*, sobre o anti-semitismo no México, veio em forma de artigo não assinado, muito tempo depois. “A campanha anti-semita no México”. Subtítulo: “Aumenta a campanha contra judeus imigrantes – Comentários mexicanos – Judeus expulsos”. Da cidade do México vem a notícia do aumento da campanha anti-semita; os jornais publicam declarações da “Liga nacionalista” que afirma que, “durante o próximo ano, as quotas imigratórias do governo do México permitirão aos países tais como Polônia e Tchecoslováquia exportar (sic) para o México outra grande massa de imigrantes judeus.” Houve protesto do ministro da Tchecoslováquia, nesta capital, porque se encontram no México apenas 247 tchecos.

O congressista mexicano Israel Falcon quer detalhes sobre a situação dos imigrantes judeus no país. Nos seus comentários à imprensa, fica a opinião de que muitos judeus imigrantes entraram com passaportes falsos de polacos e tchecos.

A notícia prossegue, relatando que os jornais mexicanos continuam a comentar a questão dos judeus no país. O presidente Cárdenas condenou

esses comentários, afirmando que provocavam paixões e disputas de conseqüências prejudiciais. Outro congressista, com ironia, sugere que o governo anule suas restrições sobre imigração judaica, para que assim possam vir os judeus em número suficiente para justificar os ataques da imprensa. O parlamentar afirma que existem apenas 18 mil judeus em todo o México. No tópico “Judeus expulsos do México”, conta que três judeus foram expulsos do país. Um, considerado “estrangeiro indesejável”, outro, por “ter violado a lei de distribuição racial” e outro, ainda, por ter penetrado no México, procedente dos Estados Unidos, com passaporte de turista, dedicando-se a atividades comerciais (C.P. 05/12/37 – p. 24).

No jornal em ídiche lemos o artigo comentando que, numa reportagem, em entrevista a um líder comunitário judeu, um alto dirigente mexicano disse que as fronteiras do México não estariam fechadas aos judeus. Houve comentários sobre os guetos que existiam antigamente no México. Os ataques anti-semitas se acalmaram um pouco (nº 590 – de 17/12 – p. 03) e, na p. 04 do mesmo número, um artigo comenta o desenvolvimento da propaganda anti-semita na América do Sul, em especial no Uruguai, e sobre uma reunião dos dirigentes judeus em Montevideú, o que deve servir de exemplo à reunião que haverá no Círculo Israelita.

Na p. 05, outro artigo fala do anti-semitismo que chega na forma de artiguete no jornal paulista *A Gazeta*, na coluna “Flashes do Brasil” que traz a nota que 50% dos alunos do ginásio são judeus; essa coluna comenta também um novo livro do padre Cabral, que explica ao povo o que é realmente o “problema judeu” e “canta” como Hitler (sic). Continua, explicando que os judeus já esqueceram dos ataques do clero e de outros, na Polônia, mas que aqui os judeus ainda não foram atingidos.

O articulista termina dizendo saberem de uma importante reunião das sociedades em São Paulo, onde constarão vários itens e a ordem do dia que

propõe a coordenação de um esclarecimento para o povo brasileiro, que deverá ser levado de diversas formas. A reunião se dará no Círculo Israelita e todos da comunidade são convocados.

Dos Estados Unidos só temos duas notícias: a primeira, de Hollywood, de que um grupo de detetives descobriu uma lista de nomes de proeminentes judeus da indústria cinematográfica que estavam na mira de assassinos nazistas (E. Cantor e Luiz B. Meyer entre eles) e que iriam explodir suas residências (nº 588 – 12/12 – p. 01). Com o advento do nazismo na Alemanha, atores e atrizes judeus de lá se transferiram para Hollywood, onde seu sucesso foi flagrante, originando com isso muitos ciúmes e ataques anti-semitas. A segunda, de Nova York, conta que um grupo de arruaceiros atacou um estudante judeu do Brooklin, queimando seu rosto com uma suástica. O juiz abriu inquérito e os criminosos serão punidos, diz a nota. O estudante judeu se encontra hospitalizado (nº 592 – 22/12 – p. 01).

Como explica Tucci Carneiro, em seu *O anti-semitismo na Era Vargas*, fortaleceu-se em toda Europa e América o conceito de “estrangeiro indesejável” que, no meio da crise, é apontado como bode expiatório: o judeu (p. 52).

No começo do ano, até na Turquia os judeus alemães cultos fogem, por causa das provocações contra eles (nº 491 – 14/02 – p. 02) e no fim do ano menciona-se a notícia de que, em Istambul, foi apresentado no Parlamento, um ante-projeto proibindo a imigração de judeus (nº 585 – 08/12 – p. 01).

Mas onde o paroxismo anti-semita atingiu seu apogeu, fora da Alemanha, foi nos países da Europa Oriental. Da Polônia, Romênia e Hungria não faltam notícias, diariamente, sobre excessos dos estudantes e do

populacho, contra os judeus. As notícias que os jornais trazem, principalmente o jornal objeto de nosso estudo, o S.P.I.T. e até o *Correio Paulistano* não deixam dúvidas do que acontecia naquele ano de 1937. Sob o título “Resolução para a comunidade em Varsóvia”, o S.P.I.T. relata, com notícia daquela cidade, que o governo polonês resolveu o problema da comunidade judaica, indicando um comissário para dirigir as suas questões (nº 474 – 01/01 – p. 01).

Como num tropel, as notícias da Romênia, Hungria, Polônia e Alemanha, se acumulam, diariamente. Especialmente no nº 474, no primeiro dia do ano, na página 01, do noticiário geral, várias notícias que apoquentam os judeus do mundo. Notícia de Bucareste (Romênia), com o título “Estudantes nazistas declaram greve de solidariedade”, nos dá conta que os estudantes de medicina de todas as universidades de Bucareste entraram em greve de três dias, em solidariedade aos estudantes nazistas de Klausemburg, que exigiam “*numerus clausus*”. Em seguida, de Berlim, a notícia de que foi fundada uma Escola Central sobre “Cultura Racial” e que são proibidos comentários sobre problemas raciais (nº 474 – 01/01 – p. 01). De Varsóvia, o comunicado de que serão reabertas as universidades e escolas superiores do país, após terem sido fechadas, por causa das manifestações anti-semitas do ano anterior. Só permanecerá fechada, ainda, a universidade de Vilna, até nova ordem (nº 475 – 06/01 – p. 01). Nesse mesmo número, na mesma página, vem publicado o comentário de que estudantes alemães se desculpam com os estudantes poloneses, por um artigo impresso, mostrando a aproximação dos estudantes poloneses e alemães. Ainda no nº anterior, de Berlim, sob o título “Anistia para ‘crimes da moeda’”, o relato de que os judeus que fizerem retornar para a Alemanha os capitais depositados em bancos estrangeiros, serão anistiados (nº 474 – 01/01 – p. 01).

Os protestos e debates dentro das comunidades judaicas continuam. De Londres, vem a nota de que a Associação de Comunidades discute o anti-

semitismo e de Varsóvia, a notícia de que “judeus debatem no parlamento polonês” (nº 474 – 01/01 – p. 01). Apesar disso, de Varsóvia também vem a notícia “Novos excessos anti-semitas na Polônia”, contando a realização de um levante anti-semita, com dezenas de feridos (nº 476 – 08/01 – p. 01). No mesmo dia, o *Correio Paulistano* transcreve em “Várias notícias do exterior”, pequena nota de Varsóvia, dando conta dos distúrbios em Czyzewo, no distrito de Bialistok. Numa campanha anti-semita, vários judeus foram feridos e a polícia efetuou várias prisões (C.P. – 08/01/37 – p. 12).

Um relatório do Dr. Bernardo Kon, diretor do Joint (Joint Distribution Committee), que está de visita a vários países da América, é publicado com o título “6 milhões de judeus na Europa Oriental em difícil dilema”. Relata a situação penosa de 6 milhões de judeus que estão na Alemanha e outros países da Europa Oriental (nº 476 – 08/01 – p. 06). Os judeus alemães, proibidos de freqüentar as universidades alemãs, fundam, então, uma Escola Superior. Reagem, de alguma forma, positivamente. No último Pessach (páscoa judaica) fundaram uma Escola Superior para estudantes judeus que não podem freqüentar escolas do governo (nº 476 – 08/01 – p. 01). O Dr. Alfred Kan assina um artigo no nº 477 de 10/01, na p. 03, onde conta sobre a perseguição aos líderes judeus na Alemanha, em seus empregos, dando como exemplo os músicos. Escreve sobre a venda, ao exterior, de obras de arte e quadros roubados pelos nazistas. Este assunto, tão em evidência atualmente, já era notícia em janeiro de 1937.

Sobre o mesmo assunto, o S.P.I.T., em editorial, assinado por I. Fichman, escreve a respeito do dinheiro que Hitler roubou dos judeus, sob diversos pretextos (nº 542 – 18/06 – p. 04). Ainda agora (março de 1997), uma notícia do *Jornal da Tarde* conta que a Alemanha nazista vendeu mais de US\$ 700 milhões de ouro – US\$ 7 bilhões em valores de hoje – confiscados de judeus, a países neutros, durante a 2ª Guerra Mundial. Em

um relatório sobre o ouro roubado pela Alemanha nazista até antes da 2ª Guerra Mundial, principalmente de judeus e outros opositores ao nazismo, os Estados Unidos acusaram alguns países de terem negociado com o regime genocida de Adolf Hitler.

O relatório, coordenado pelo seu subsecretário de Comércio, Stewart Eizenstat, levou oito meses para ser elaborado, com base na revisão de cerca de 15 milhões de documentos de onze ministérios e agências governamentais.

Do ouro recolhido, a Suíça ficou com a maior parte, seguida por Portugal, Espanha, Suécia, Turquia e Argentina. A informação está num documento do Congresso Mundial Judaico e as publicações de todos os países transcrevem as pesadas denúncias e críticas, que atingem também os Estados Unidos que, por motivos políticos, não fez pressão mais firme aos países neutros.

De Budapeste o fato gritante: “Húngaros não suportam judeus estrangeiros” – com a notícia de que o ministro do interior anuncia que não receberá mais os judeus vindos da Europa Oriental (nº 471 – 08/01 – p. 01).

Mas Lord Betlem, premier do governo anterior, numa reunião do novo ministério, faz um relato do anti-semitismo na Hungria e se posiciona contra; diz que é de direita, mas não é anti-semita. É aplaudido por representantes de outros países (nº 479 – 15/01 – p. 03).

Assim, uma após outra, as notícias vão se apresentando mais alarmantes: de Varsóvia, mais uma notícia sobre novos incidentes anti-semitas na Polônia; de Berlim, “O hebraico abolido do programa de ensino”, das escolas judaicas, é a notícia que atinge duramente os judeus que ainda queriam manter sua tradição (nº 480 – 17/01 – p. 01).

Mas, os protestos judaicos, nos lugares de seu domicílio, continuam. J. Feiguin descreve uma reunião de mais de cinco mil judeus romenos e que muitas centenas não couberam no grande salão em Kischinew, para a “Ação para reforçar e assegurar”. A intenção dessa reunião era assegurar a vida dos judeus na Palestina e contra o anti-semitismo nos países como Romênia e Polônia (nº 481 – 20/01 – p. 02). Na página 06 do mesmo número, D. Druk relembra Torquemada, os infantes Fernando e Isabel, da Inquisição e da convivência dos judeus, na Europa, com os outros povos, antes do Santo Ofício, tentando comparar com a situação dos judeus na Europa.

Na Polônia, começava, então, já em janeiro, um novo capítulo da malfadada incitação anti-semita. Nas faculdades de medicina do país se inicia uma campanha pelos “gueto benk” (bancos separados) para os estudantes judeus. Jacob Lestshinsky nos dá a primeira idéia do que acontece por lá ao descrever o pogrom de Vilna e o sentimento e expressões dos rostos dos judeus que encontrou. Menciona que os malfeitores atacaram dois estudantes judeus; percorreram a Faculdade de Clínica Médica e exigiram que os estudantes judeus se sentassem à esquerda, em lugares separados. Diziam, também, que os judeus não deveriam trabalhar com os cristãos e teriam de usar, de espontânea vontade, o símbolo do gueto, o remendo. Relata, também, que ocorreu uma pancadaria e até o filho do rabino Rubinstein, docente de filosofia da Universidade, ficou ferido. A polícia não interferiu por várias causas, inclusive pela assim chamada “lei de autonomia” da universidade... (nº 482 – 22/01 – p. 02). O assunto, denominado de a nova epidemia anti-judaica na Polônia, foi alvo de comentário de B. Abramson na semana seguinte (nº 486 – 31/01 – p. 06).

Os “bancos separados”, reivindicação dos estudantes anti-semitas da Polônia, tem repercussão e o *Correio Paulistano* noticia de Varsóvia: “Os estudantes israelitas declaram greve de fome”, dando conta que os

estudantes israelitas da universidade desta capital declararam greve de fome por 24 horas, em protesto contra os excessos anti-semitas e as tentativas de dar-lhes bancos separados nas salas de aula. De Cracóvia, o relato de que a Associação dos Estudantes da Faculdade de Belas Artes aprovou um parágrafo ariano que exclui os israelitas e em Vilna a polícia entrou na Casa dos Estudantes e no Centro dos Estudantes, apreendendo panfletos e documentos e foram efetuadas várias prisões (C.P. 13/02/37 – p. 16). Alguns dias depois, em 23/02/37, p. 16 – em “Notícias internacionais”, vem a notícia de Varsóvia – O marechal Rydz-Smigly afirma que o povo polonês é contra o comunismo e que já o havia rejeitado em 1919 e 1920 em campos de luta e, quanto ao problema judeu, desaprovava a violência contra eles. Declarou, porém, que o povo polonês tem o direito de auto-proteção nas questões econômicas e culturais. A imprensa polonesa, comentando esse discurso, afirma que o novo movimento político assim esboçado vai inaugurar uma nova era na história da Polônia.

Em dois dias seguidos, o *Correio Paulistano* traz artigos ou notícias sobre a situação do judeu na Europa. Em 25/02/37, p. 17 – sob o título “Os judeus na Polônia”, em letras garrafais, assinado no final por Jerzy Kossowsky, um alentado artigo procura justificar os ataques anti-semitas do povo polonês, aos quais o governo se opunha. Descreve a existência e atuação das escolas judaicas que ensinam só em ídiche, dos institutos de ciências judaicas, cursos noturnos, associações autônomas e corporações estudantis, além de organizações escoteiras e esportivas muito desenvolvidas, voltadas somente para esse grupo étnico; menciona a enorme porcentagem de advogados, médicos, jornalistas judeus nas cidades polonesas, tal que sua proporção era muito maior do que os “nativos” (sic) poloneses; o texto acrescenta que mesmo nas repartições públicas, comparando com a Inglaterra, França e outros países, ainda era grande a proporção de judeus, mas estes não gostavam de se submeter a ordens superiores do governo; comenta que os judeus de origem russa que tinham

vindo para a Polônia depois dos pogroms da Rússia, tentavam trazer as idéias de “russificação”; cita que os pogroms tinham se originado na Rússia. “Essa reação não foi, porém, provocada por anti-semitismo ou intolerância, mas unicamente devido à crise econômica universal, que fez-se sentir mais do que em outros países, na Polônia, região sobretudo agrícola... Tendo, justamente os emigrantes judeus se estabelecidos (sic) nessas regiões, praticando o comércio e freqüentemente a usura, a população nativa (sic) reagiu em defesa própria, talvez, com demasiada impetuosidade”.

Comentando um outro artigo do próprio jornal, cujo autor se diz apiedado da sorte dos judeus “supostamente perseguidos na Polônia”, diz que o mesmo se esquece de mencionar a atitude do governo em face das perseguições nazistas dos judeus na Alemanha, as dezenas de milhares de judeus que acharam um refúgio temporário ou permanente na Polônia e a tolerância demonstrada por aquele país. Diz que o pendor de alguns judeus para doutrinas extremistas e subversivas é outra causa da recrudescência do anti-semitismo que se arvora numa concepção de legítima defesa; que a maioria dos agitadores comunistas se encontrava entre os judeus, mas que, apesar de tudo isso, o governo polonês nunca promoveu um ação anti-semita e nunca promoveu uma “emigração israelita, a não ser para a Palestina.” Acrescenta, porém que “qualquer emigração israelita, seja para que país for, é sempre organizada por sociedades particulares”.

Apesar da defesa do articulista brasileiro ao governo polonês, nota-se o ranço anti-semita ao defender os ataques do povo polonês ao elemento judeu, na Polônia. Não obstante o artigo ter assinatura e não ser, portanto, o pensamento do jornal, a inclusão desse artigo, junto a outros que aparecem com referências a judeus, inclusive a seção “Germania”, que é impresso até o fim do ano, nos dá a idéia de um anti-semitismo recalcado.

Entrementes continuam os distúrbios nas universidades da Europa. Com o título “Agitações anti-semitas nas cidades universitárias”, o *Correio Paulistano* informa, de Budapeste a ocorrência de certa agitação anti-semita nas cidades universitárias do país. São os estudantes nacional-socialistas que as promovem e as autoridades competentes declaram que vão tomar medidas enérgicas para evitar que a situação se agrave (C.P. – 26/02/37 – p. 04).

Paralelamente, o editorial no S.P.I.T., transcrevendo e comentando uma carta de uma estudante judia a um jornal judeu em língua polonesa, descreve os horrores que os estudantes judeus poloneses passam, nas mãos do colegas desordeiros poloneses. Esse editorial está sem assinatura, em contraste com quase todos os editoriais da página 04, que aparecem com o responsável pela sua autoria (nº 502 – 12/03 – p. 04). Poucos dias mais tarde, é focalizado, no editorial, o problema dos estudantes judeus de Vilna, ironizando as declarações e a posição do governo polonês, que quer pôr “panos quentes” sobre a questão que só o *Correio Paulistano* havia comentado (nº 504 – 17/03 – p. 01).

E a Polônia continua sendo notícia. Num artigo: “Einstein apela pelos judeus poloneses”, o jornal tenta levantar a moral da coletividade, mostrando que líderes mundiais estão atentos aos problemas da Polônia (nº 505 – 19/03 – p. 06). Assim comenta que Thomas Mann proferiu discurso em reunião do “Kadima Farain”, sobre judeus e o anti-semitismo, se opondo à influência nazista (nº 525 – 09/05 – p. 01); além do famoso escritor francês Julien Benda, que também fez uma declaração contra o anti-semitismo, a senhora Roosevelt, em entrevista disse que a maioria dos nort-americanos rechaça o anti-semitismo e alerta os judeus da América para manterem seu otimismo, terem sempre a cabeça erguida e conservarem as boas relações com os outros grupos étnicos (nº 587 – 10/12 – p. 01 e nº 589 – 15/12 – p. 02 e 03). Em “Notas e Comentários”, N.F. anuncia: “Cardeal Hlond contra o anti-semitismo”. Comenta que os nomes mais representativos da cultura polonesa

exprimiram seu repúdio contra a onda anti-semita que invadiu a Polônia, contra os interesses do povo; que também por parte do clero acontece isso, sendo lembrada uma carta do Cardeal Hlond, representante do catolicismo polonês no Congresso Eucarístico Internacional em Buenos Aires (nº 590 – 17/12 – p. 01). E de Nova York, o professor Albert Einstein se filiou à Comissão de Cultura da América da ORT, onde são associados grande escritores, artistas, professores e ativistas culturais judeus e que vai proclamar ao povo judeu seu trabalho em prol dos judeus de toda a Europa (nº 594 – 29/12 – p. 01).

Enquanto na sequência, novamente está em pauta “A greve dos estudantes de Vilna”, sobre os distúrbios universitários anti-semitas (nº 517 – 18/04 – p. 06), a vida da comunidade judia na Polônia prossegue e há “Teatro ídiche para crianças, em Varsóvia”, notícia que nos conta como a vida cultural judaica continua (nº 517 – 18/04 – p. 06).

As novidades em relação aos judeus da Europa aparecem sempre no noticiário da primeira página: são notícias diárias com os desdobramentos dos pogroms de Brisk, Rostek, Tchenstochov, Komiensk, o boicote aos judeus e as restrições ao exercício das suas profissões e a ajuda e protestos de vários países. Médicos e advogados insurgindo-se contra a determinação ariana que os proíbe de trabalhar e a inconstitucionalidade da questão, são assunto da p. 01 do nº 529 de 19/05.

Esses acontecimentos são acompanhados de artigos de A. G. Duker, “A situação dos judeus na Polônia” (contado pelo correspondente da “Imprensa Americana” e traduzido para o ídiche por M. Hanaft) (nº 511 – 04/04 – p. 06), comentários de que as defesas dos que fazem pogroms, na Polônia, são uma farsa e sobre o protesto na Polônia contra o boicote aos judeus (nº 524 - 07/05 – p. 01). Outro artigo, no mesmo número, sem

assinatura, nos revela mais histórias trágicas da vida judaica na Polônia conforme registros em diversas partes deste trabalho (p. 100).

A criação de um partido dos camponeses que reivindicam as fábricas que estão só nas mãos dos judeus, é notícia de Varsóvia, dizendo que poderão ser sócios dessa agremiação os judeus assimilados, que se denominarão “Polacos de credo Moshe Rabeinu” (nº 525 – 09/05 – p. 01).

Diante da situação exposta, não são de estranhar, portanto, as notícias de emigração dos judeus que puderam ou tiveram a premonição do que viria a acontecer; de Varsóvia vem a nota de que os últimos remanescentes de uma aldeia, Barchin, perto de Demblim, que era formada por 300 pessoas, foram para a Palestina (nº 529 – 19/05 – p. 01).

Dada a relevância dos desdobramentos dos acontecimentos na Polônia, mais de uma vez o S.P.I.T. e o *Correio Paulistano* noticiam e fazem apreciação sobre fatos análogos. O S.P.I.T. traz uma notícia de Varsóvia “Ajuda internacional para os judeus da Polônia” e a necessidade de fixar um dia para protesto internacional contra o anti-semitismo na Polônia (nº 531 – 23/05 – p. 01). Nesse mesmo número, o jornal, no seu editorial, “Que nosso protesto ecoe”, incentiva os protestos contra a política anti-judaica do governo polonês. “Se não fizer efeito, que pelo menos nossos irmãos da Polônia saibam que não estão sós, nesta hora”. O *Correio Paulistano*, entre outras notícias internacionais, cita uma de Varsóvia, onde “diversos partidos israelitas da Polônia dirigiram apelo à população judaica” para que interrompessem o trabalho durante duas horas, no dia 24, em sinal de protesto contra os recentes incidentes anti-semitas de Brzesc (Brisk) (C.P. – 03/05/37 – p. 24). Seria monótono, se não fosse tão trágico o conteúdo repetitivo das matérias que são anunciadas a respeito dos boicotes e perseguições aos judeus, principalmente na Polônia. São depoimentos sobre os acontecimentos de Brisk, onde judeus na cidade sofreram pogroms e

foram trucidados; são relatos, de Varsóvia, dizendo que, a exemplo dos médicos, os professores poloneses levarão à próxima assembléia de sua classe uma série de resoluções contra os professores judeus (nº 534 – 30/05 – p. 04 e nº 536 – 04/06 – p. 01). De Berlim nos vem a notícia de que toda a imprensa nazista festeja o pogrom ocorrido em Brisk e cumprimenta os atacantes (nº 537 – 06/06 – p. 01). É verdade, porém, que na Polônia se levantam vozes mais cordatas. Reitores de várias universidades da Polônia organizaram uma guarda de 150 elementos, nos moldes dos “lanceiros” que lutaram contra Napoleão, para proteger os estudantes judeus, contra os nacionalistas poloneses. A comunidade judaica de diversos países, atenta, se organiza, na vigilância e denúncia de atividades que possam ter conotações anti-semitas. Paralelamente são feitas coletas para proporcionar ajuda material aos perseguidos (nº 537 – 06/06 – p. 01). Notícias a este respeito são transmitidas de Praga (nº 539 – 11/06 – p. 01) e de Londres (nº 543 – 20/06 – p. 01). Por outro lado, esta atividade sofre alguns impasses, que dão origem a protestos. Os judeus poloneses que tinham se estabelecido na Alemanha e foram obrigados a retornar ao país natal, não receberam apoio na escala necessária, das entidades que se propunham a fazê-lo, como é o caso do Joint americano, que congregava as atividades de apoio financeiro. Assim, em protesto contra esta situação prejudicial, 150 judeus alemães que viviam nos Estados Unidos empreenderam “uma greve (n.536-04/06-p.3)”

A apatia do mundo em relação aos perigos de uma guerra, é comentada num editorial (nº 538 – 09/06 – p. 04), e de Brisk, temos ainda várias notícias no mesmo número: Uma patrulha policial só apareceu depois do pogrom, que começou quando um açougueiro judeu, para se defender, esfaqueou um policial; Barcelona ajuda os que padecem em Brisk (nº 552 – 07/07 – p. 01) e na página 06 artigo discorre sobre a horrível verdade de Brisk – o pogrom e ataques às famílias judias. Posteriormente aparece a notícia de que foi condenado à morte o jovem de 18 anos, filho de um açougueiro, que esfaqueou um policial polonês por causa dos pogroms. Foi

feito um apelo e até o promotor achou que o castigo era demasiado, para o crime (nº 549 – 29/12 – p. 01). “Destruição de Brisk” é outro artigo sobre o mesmo assunto (nº 551 – 09/07 – p. 5) e na página 08 vem a nota de que o *Haint* (Hoje) comenta os pogroms de Brisk, Tchenstochov e arredores e Komienk. Uma nota de Paris com o título “A Segunda Internacional reage contra os pogroms”, nos conta que a executiva da Segunda Internacional aceitou resolução de repúdio contra os pogroms na Polônia e os esforços para evacuarem os judeus de lá (nº 552 – 11/07 – p. 01). E na p. 07, artigo assinado por J. Farsky sobre o pogrom de Brisk, além da notícia, na p. 08, vinda de Varsóvia, informando que o comitê de distribuição de dinheiro que vem do exterior agradece à comunidade da Argentina pela ajuda a Brisk, Tchenstochov e outras localidades. Mais ajuda a judeus da Polônia é anunciada nos dias seguintes (nº 553 – 14/07 – p. 07), mas um grupo de judeus de Brisk, vítimas de pogrom, assaltou o comitê de ajuda, quando não foram reconhecidas as possibilidades de ajuda a eles, é o que conta o jornal *ídiche*, com notícia de Varsóvia (nº 563 – 06/08 – p. 01).

Outros pogroms na Polônia: agora é a vez de Tchenstochov, com incêndios e grandes prejuízos da população judaica, e o apelo do prefeito para que os “pogromistas” “se mantenham cultural, moral e religiosa” no seu lugar (nº 545 – 25/06 – p. 01).

A imprensa judaica fora confiscada (sic) por protestar e transcrever a declaração da Associação dos Escritores e Jornalistas Judeus contra a ofensa ao povo judeu e à imprensa judaica, com a decisão da pena de morte contra um jornalista judeu acusado de matar um progromista polonês, em junho de 1936 (nº 544 – 23/06 – p. 01). Os apelos, com declarações de psiquiatras, não foram levados em conta, em sua defesa (nº 545 – 25/06 – p. 01).

Várias outras notícias de Varsóvia, até o fim do ano, servem para ampliar o quadro discriminatório que se compunha naquele país em diversas frentes e seus desenvolvimentos e conseqüências:

1 - Grupo dissidente quer que o redator chefe do jornal *Ultra*, que é de origem judaica, se demita, contra vontade de outros jornalistas e um deputado quer punir os policiais que permitiram o pogrom em Brisk (nº 546 – 27/06 – p. 01).

2 – No congresso polonês foi formada uma comissão para tratar da emigração de judeus (nº 547 – 30/06 – p. 01). Em dezembro o assunto é levantado novamente, quando o ministro do interior da França declarou, em sua passagem pela Polônia, aos jornalistas que o acompanharam, que as negociações para a emigração dos judeus para Madagascar continuam em bons termos e que será bem sucedida (nº 593 – 24/12 – p. 01).

3 - Morreu mais um mártir do pogrom de Brisk (nº 548 – 02/07 – p. 01).

4 – Um judeu foi sentenciado à prisão perpétua por defender sua família de roubo e estupro (nº 550 – 07/07 – p. 01).

5 – Pânico em Tchenstochov, com medo de outro pogrom, pois entraram em lojas, queimaram mercadorias e invadiram residências para roubar (nº 550 – 07/07 – p. 01).

6 – Novamente como assunto de imigração a declaração: “Judeus terão que sair da Polônia – é uma exigência feita no solene discurso que o general Jerinovsky expõe” – nos conta o jornal (nº 552 – 11/07 – p. 01).

7 – Aumentam ondas de pogroms na Polônia (nº 552 – 11/07 – p. 01).

8 – Anti-semitas poloneses se alegram com as notícias de que Stalin está se desfazendo dos judeus que o rodeavam (nº 554 – 16/07 – p. 01).

Eventos deste tipo suscitaram atitudes diversas em comunidades judaicas de vários países.

De Nova York vai ajuda para os judeus da Polônia. Na reunião de organizações judaicas, tomou-se a resolução de exigir do governo polonês todos os meios de garantir a vida do povo judeu na Polônia. 2.400 delegados de 800 organizações se pronunciaram, convocados pelo Congresso Judeu Americano (nº 547 – 30/06 – p. 01). No mesmo número, num editorial que trata do anti-semitismo e pogroms na Polônia, onde vivem mais de 3 milhões de judeus, o articulista ressalta a luta de judeus de cidades e povoados pela sobrevivência física e financeira. Apela para que haja um protesto de mulheres, jovens e gente de todos os lugares, contra o barbarismo dos últimos decretos na Polônia e que esse protesto se transforme num manifesto vibrante pela vida dos esgotados judeus poloneses (p. 04).

Após o apelo, houve uma manifestação de protesto contra os pogroms na Polônia, realizado em São Paulo pelas associações da coletividade, de onde saiu uma resolução coletiva (nº 549 – 04/07 – p. 03). A resolução, tirada da reunião da coletividade, tem oito itens dirigidos ao governo polonês, à Liga das Nações, a todos os países e protestando contra a barbárie dos pogroms, exigindo castigo aos arruaceiros e oferecendo solidariedade aos judeus poloneses, “dos judeus, de São Paulo, Brasil, um país onde todos são tratados igualmente”(nº 549 – 04/07 – p. 04). Sobre esse comício e resolução ainda um nota (nº 548 – 02/07 – p. 03).

Manifestações a favor dos judeus e condenando os atos repulsivos são indicadas pelas notas “A imprensa mundial pró-judeus da Polônia protesta energicamente contra os pogroms na Polônia” (nº 554 de 16/07 – p. 5) e que

judeus americanos exigem que a Polônia seja acusada para a Liga das Nações, são comentadas em número posterior (nº 555 – 18/07 – p. 03).

Nove atos perversos são contados por A. Krahmal em “Do Inferno Polonês”, relatando o que acontece na Polônia: 1) seis desordeiros incendiaram uma casa, à noite, no povoado de Slovne, no Radam; 2) no povoado de Roztek, em Malkin, camponeses acharam o corpo de um comerciante judeu, afogado por arruaceiro; 3) no povoado de Grabov, no Lintshits, por causa de uma pendência entre um judeu e um cristão, os judeus apanharam e foram quebradas 300 vidraças de casas judaicas; 4) uma família judia, ao sair de casa, em Radjin, levou pancadas com paus, de um grupo de rapazes malfeitores e estes abriram a cabeça de uma idosa; 5) os proprietários polacos de residências de judeus, em Lodz, estão sendo incentivados pelos anti-semitas a não alugarem suas casas a judeus; 6) notícias de Lemberg contam que bandidos entraram na casa de judeus, atiraram num casal, matando-os, na localidade de Yubampal, no Zaleshtshinsky; a polícia continua em sua busca; o tom do texto indica que o empenho neste sentido é reduzido; 7) no povoado Zaaista, perto de Maldin, alguns desordeiros incentivaram os camponeses a quebrarem os vidros de lojas de judeus, mas os camponeses se voltaram contra os desordeiros, e estes mal tiveram tempo de fugir. Os camponeses prometeram aos judeus que não deixariam os provocadores atacarem suas casas, nessa cidade; 8) ao viajar para Varsóvia, um comerciante judeu de Skernevitz foi atacado por arruaceiros que o espancaram. Diante de seus gritos, os atacantes quiseram atirá-lo pela janela, mas foi salvo por outros judeus que viajavam no trem. Renderam os criminosos e os entregaram para a polícia; 9) sob a suspeita de que judeus tinham roubado os maiores tesouros da igreja local, (Sosov), os anti-semitas começaram uma campanha contra os judeus e muitos apanharam. Mesmo depois que as riquezas foram descobertas, continuou a selvageria “(nº 557 – 23/07 – 0. 07’).

No entanto, o mais alto poder judicial da Polônia julgou que os panfletos de boicote às lojas e atividades dos judeus, pelos polacos, eram legais (nº 555 – 18/07 – p. 01); essa notícia, vinda de Varsóvia, nos mostra que os poderes constitucionais da Polônia eram, no mínimo, coniventes com o então estado de acirramento de ânimos. Na primeira página continuam as notícias, sem comentários, do que acontecia aos judeus na Polônia e em outro países, seus temores, os ataques à coletividade judaica e os protestos de governos e associações específicas. Assim, num mesmo dia, uma notícia de Varsóvia diz que os pogroms em Tchenstochov se abrandaram um pouco, mas nas aldeias vizinhas os arruaceiros incentivam as agressões e ataques aos judeus e a seus negócios e, de Paris, que as delegações francesas e inglesas para o Congresso da Liga das Nações na Checoslováquia, vão condenar os pogroms na Polônia (nº 558 – 25/07 – p. 01). Três dias mais tarde, a notícia, de Varsóvia, dá conta que a comunidade judaica desta cidade está em pânico por causa do atentado que teria sido feito contra o novo dirigente fascista Kotsn, que iria integrar o governo (nº 559 – 28/07 – p. 01) e três dias depois, também de Varsóvia, com um pequeno subtítulo “Um movimento contra o anti-semitismo na Polônia”, vem o relato de que a opinião pública progressista da capital polonesa apresentou protesto contra o anti-semitismo e que a esse protesto seguiram-se outros, em outras cidades (nº 561 – 01/08 – p. 01).

Outras notícias de maus tratos a judeus na Polônia continuam a ser publicados durante o mês de agosto. De Varsóvia: arruaceiros incendeiam casas e apartamentos de judeus em Pshitik; debelado o fogo, as vidraças de muitas casas foram quebradas. Felizmente não houve vítimas. Também de Varsóvia: Arruaceiros quebraram vidros de casas de judeus em duas cidades e forçaram a formação de um gueto das casas comerciais judaicas, não permitindo que fregueses entrassem nessas lojas. Houve protesto do deputado judeu e o ministro do Interior prometeu tomar medidas urgentes. O fato já tinha tido precedentes em outras cidades. Em notícia de Varsóvia, de

que nos mercados de duas cidades organizou-se um gueto para negociantes judeus, que já havia sido implantado em Zalesh, volta a ser publicada (nº 563 – 06/08 – p. 01).

As tentativas de auxiliar judeus e comunidades atingidas pelas perseguições nem sempre contavam com um apoio amplo. Assim, informou-se de Londres que o comitê para arrecadar dinheiro para os judeus da Polônia não teve sucesso. Os judeus ricos da Inglaterra ainda não se manifestaram, não percebendo a necessidade do dinheiro.

As notícias da primeira página não esgotam a temática; ela é retomada em artigos, editoriais e mesmo outras notícias nas páginas internas do S.P.I.T.. Estas matérias indicam tanto posição de apoio e proteção aos judeus como insucesso de empenhos diversos. Assim, temos que o Sindicato dos Trabalhadores judeus lançou uma declaração de repúdio ao anti-semitismo na Polônia e conclamou os trabalhadores poloneses a fechar fileiras com eles, sendo bem recebidos pelos sindicatos dos trabalhadores poloneses (nº 550 – 07/07 – p. 03); que no Congresso do “Pen”, os judeus entraram com uma petição à executiva para que saia uma resolução contra anti-semitismo nos países europeus (nº 551 – 09/07 – p. 08); que vozes abalizadas se manifestam, segundo uma matéria não assinada: “Anti-semitismo – um movimento de parasitas”, que comenta artigo de um grande intelectual polonês publicado em uma revista literária polonesa sobre a não discussão do problema judaico em clima de paz e harmonia (nº 558 – 25/07 – p. 07).

Apesar de aparentemente não fazerem efeito nem em curto nem a longo prazo, os artigos condenando os ataques a judeus fluem pelas penas dos articulistas; talvez isso satisfizesse a ânsia do leitor de participar dos acontecimentos de que tomava conhecimento.

Um artigo de S. Dingal retoma a temática de Brisk: “Brisk – um pogrom ou uma guerra”, com seus próprios comentários do ataque sofrido pelos judeus da cidade (nº 559 – 28/07 – p. 06) e na página seguinte a nota de que os judeus ingleses protestam contra o governo polonês para que devolvam aos judeus seus plenos direitos. Outro artigo sem assinatura, “Como vivem os judeus na Polônia?” conta alguns casos de judeus que atacaram ou mataram policiais polacos e se pergunta se isso se deu por acaso, em algumas cidades (nº 560 – 30/07 – p. 02).

Há, porém, igualmente, um artigo algo contraditório que trata de anti-semitas que são contra pogroms e contra incitações aos judeus (nº 566 – 13/08 – p. 07).

É interessante notar que, com todos esses depoimentos e relatos que o S.P.I.T. transcreve no seu jornal e provavelmente muitos jornais e agências de notícias mundiais também estampem, o *Correio Paulistano* não noticie nem comente os fatos ocorridos na Polônia. Suas notícias posteriores se atêm mais à Alemanha, principalmente na sua coluna “Germania”.

O S.P.I.T., como já foi comentado em outro tópico, ficou sem ser editado mais de dois meses e só temos notícias da Polônia através de uma declaração de Paderevsky, ex-presidente desse país e insigne virtuose, entre outras coisas, de que reprovava o governo polonês, pelas atitudes fascistas. Essa declaração foi publicada num jornal conservador, que foi confiscado pelo governo (nº 570 – 24/10 – p. 01).

Danzig aparece no cenário, com uma nota de Londres, dizendo que deputados ingleses apoiam judeus de Danzig (nº 533 – 28/05 – p. 01). Desta cidade, ficamos sabendo que 50 lojas e firmas de judeus foram atacadas e 60 pessoas ficaram feridas. Uma comissão de judeus foi protestar junto ao alto comissariado polonês, que prometeu resolver a questão. O representante

nazista no comissariado disse, então, que a questão judaica seria logo resolvida, da mesma maneira que na Alemanha, formando guetos e que não seria permitida a entrada de judeus no balneário e lugares de veraneio (nº 571 – 29/10 – p. 01).

O Congresso Mundial Judaico faz um segunda solicitação para a Liga das Nações, pedindo que verifiquem a situação dos judeus da cidade-livre de Danzig, onde estes cidadãos deveriam ter todo os direitos, tanto morais como econômicos; para isso apresenta uma série de documentos (nº 580 – 24/11 – p. 01). Devemos lembrar que Danzig era, na época, uma cidade autônoma, fazia parte de um território livre, que era regido por um comissariado, com estatuto livre, desde que a Polônia foi restaurada, depois da 1ª Guerra Mundial.

Mas o noticiário sobre essa cidade confirma que a situação dos seus judeus pode piorar se estes não tomarem algumas atitudes perante a Liga das Nações, porque a cidade-livre iria adotar as leis de Nüremberg: iria se nazificar (nº 581 – 26/11 – p. 01). Em 01/12 o jornal estampa a notícia de que o governo de Danzig prepara discriminações “estatuárias” contra os judeus. Nos meios oficiais e semi-oficiais diz-se que o governo está urdindo decretos políticos contra eles, de maneira que os prejudique economicamente. O embaixador polonês disse que iria tomar providências (nº 583 – 01/12/37 – p. 01). Mais notícias de Danzig nos vêm de Varsóvia, que dizem que em círculos bem informados se comenta que a Polônia não irá permitir que a bandeira de Danzig tenha a cruz gamada, senão o estado-livre perderia seu status, mas admite-se que a cruz gamada seja colocada na bandeira juntamente com o antigo escudo da cidade; na coluna em português, N.F. comenta que o Congresso Mundial Israelita (sic) dirigiu uma nota ao Comitê da Sociedade das Nações, protestando contra a perseguição de que são vítimas os judeus de Danzig (nº 584 – 03/12 – p. 01). Da própria cidade vem notícias de que grupos nazistas entraram em conflito com

camponeses poloneses. Muitos ficaram seriamente feridos. Os nazistas, depois, quebraram janelas de casas de poloneses (nº 586 – 08/12 – p. 01) (Não fala de judeus). E mais: no mesmo número, a nota de que o Congresso Mundial Judaico se queixa da indiferença da Liga das Nações pelo destino dos judeus de Danzig (p. 03).

Ainda “sobre a situação de Danzig”, uma notícia de Londres, de que o jornal inglês *Manchester Guardian* “levantou um brado” contra a declaração nazista de que logo Danzig seria parte da Alemanha. O ministro do exterior declarou que eram somente conjecturas militares e no exterior só se pensa que é um balão de ensaio para os futuros atos, e quer se saber se agora a Polônia e a Liga das Nações vão tomar alguma atitude contra. Em Danzig confiscou-se dinheiro do depósito em bancos, de judeus, sob os pretextos de que eles queriam mandar dinheiro para fora depois dos pogroms e que eles deviam impostos (nº 587 – 10/12 – p. 01). Ainda de Varsóvia a notícia de que a Polônia é contra a expansão alemã, apesar de não ter sido ainda dada nota oficial e afirma que quer que Danzig continue livre e não anexada ao Reich (nº 591 – 19/12 – p. 01) e de Danzig se conta que um alto funcionário nazista aqui chegou para ensinar aos nazistas como incentivar o ódio aos judeus, no estado que eles anexaram, não diferenciando os judeus que são cidadãos. Sobre os judeus poloneses, diziam que não eram polacos, mas judeus e dever-se-ia agir como “dever santificado” contra eles. O Joint formou um comitê para estudar as possibilidades de êxodo de mais de 10.000 judeus de Danzig (nº 593 – 24/12 – p. 01).

Ainda são publicadas notícias sobre as perseguições na Polônia: Um congresso de médicos poloneses em Varsóvia aceitou a proposta de excluir os médicos não arianos da sua organização. É preciso lembrar que os médicos judeus, na Polônia, formavam 40% da atividade médica. Em alguns lugares, como Lemberg, 70% dos médicos da região são judeus (nº 573 – 03/11 – p. 01).

“A situação dos judeus na Polônia” é a transcrição do informe do secretário geral do “Círculo dos Trabalhadores Judeus” de Nova York, de volta da Polônia, sobre as condições dos judeus de lá. Diz que as suas vicissitudes pioram dia a dia e comenta a decadência das grandes cidades como Vilna, onde os judeus comerciavam, viviam e onde florescia a sua vida cultural. Termina fazendo um apelo para uma ajuda moral e material para eles (nº 579 – 21/11 – p. 03). Os arruaceiros continuam seus estímulos aos ataques: até crianças de uma colônia, de Lublin, foram espancadas e, numa feira, os judeus reagiram. Houve feridos de ambas as partes. Notícia-se, também, de Londres, de que na Polônia, seria implantada uma ditadura (nº 581 – 26/11 – p. 01).

Até em Havana, em Cuba, foi criado um comitê de auxílio aos judeus da Polônia e, logo no primeiro número em que sai a coluna em português de N.F., este anuncia que os católicos da França, Estados Unidos, Bélgica e também da Hungria são contra os atos anti-semitas (nº 580 – 24/11 – p. 01).

A atuação anti-semita na Polônia não gozava de apoio unânime. De Varsóvia nos vem a notícia de que a imprensa Endeque (iniciais de um antigo partido político popular democrático polonês) vê anti-semitismo nas ações de Stalin, para isolar os grupos judeus no governo (nº 550 – 07/07 – p. 01). O já citado Congresso Católico Internacional, que se realiza na Polônia, aceitou resolução de repúdio ao anti-semitismo e ao ódio racial (nº 552 – 22/07 – p. 01), mas não conseguiram detê-los. Restrições polonesas à discriminação já haviam aparecido em artigo sem assinatura no S.P.I.T, com o título “Nem todo o povo polonês odeia os judeus”, que tece comentários sobre a solidariedade que os democratas poloneses oferecem ao povo judeu (nº 535 – 02/06 – p. 06). De Lemberg, porém, vem a notícia de que, pela segunda vez, camponeses ucranianos atacaram famílias judaicas e expulsaram quinze judeus da cidade. Desta vez, a polícia foi um pouco mais

ativa e prendeu alguns camponeses. Os deputados protestaram (nº 554 – 16/07 – p. 01).

Enquanto aumentam os ataques anti-semitas na Polônia, o assunto que aparece até o fim do ano, de inúmeros lugares, ou aplaudindo, ou protestando, é o dos bancos – separados para os estudantes judeus (gueto-benk). Computamos ainda 22 citações a essa aberração, até o fim do ano. Assim, desde Varsóvia, onde 800 estudantes judeus se reuniram na Casa do Estudante, para protestar contra o sistema de bancos de gueto (nº 571 – 29/10/37 – p. 01) até no artigo sobre essa mesma reunião onde se descreve que estudantes judeus entraram em greve contra esses bancos separados, com adesão dos estudantes secundaristas e universitários não judeus de Vilna, Krakóvia e Lodz, até organizações judaicas, inclusive sionistas, também protestaram contra a instituição dos bancos separados, que visava separar os alunos judeus dos não judeus, (O título do artigo: “Organizações judaicas na Polônia protestam energicamente”). No mesmo sentido, a Associação das Kehilot de Londres também protestou contra os “bancos de gueto” na Polônia (nº 572 – 31/10 – p. 01).

Logo em seguida vem a notícia, de Varsóvia, de que os estudantes judeus das universidades polonesas, em protesto contra as publicações pelos bancos separados, não se sentaram durante as aulas. Um renomado professor da Faculdade de Medicina aderiu ao protesto e também não se sentou e a notícia foi publicada, com grande estardalhaço pela imprensa polonesa; de Praga, provém a nota que estudantes universitários judeus de lá também protestam contra os “gueto-benk” da Polônia (nº 576 – 19/11 – p. 01). De Jerusalém, há notícia de outros protestos do mesmo tipo, solidarizando-se com os estudantes judeus da Polônia (nº 579 – 21/11 – p. 01). Foram introduzidos igualmente os bancos separados nas universidades de Vilna e um professor universitário já foi sua primeira vítima. Houve protestos até da filha do Marechal Pilsulsky, estudante da Escola Superior de Agronomia que

declara que, se o reitor da universidade introduzir os bancos separados, irá se sentar junto aos seus colegas israelitas (nº 580 – 24/11 – p. 01). Na coluna em português também aparece referência ao assunto, ao relatar que estudantes israelitas das universidades de Milão, Pádua e outras mandaram protestos para Varsóvia contra as instituições de bancos separados e foram apoiados por estudantes não judeus, apesar de serem fascistas (nº 581 – 26/11 – p. 01). “Madame Curie condena a instituição dos bancos separados nas universidades polonesas” é o subtítulo da coluna em português de N.F.; diz que a Federação das Sociedades Israelitas da Polônia publicou uma série de cartas de personalidades mundiais protestando contra os bancos separados, entre as quais “Madame Curie, prêmio Nobel de Física de 1935” (nº 583 – 01/12 – p. 01). (No nº 585 N.F. se desculpa pelo erro cometido em número anterior, ao noticiar que não foi Madame Curie quem protestou; Madame Curie havia falecido há dois anos e quem o fizera foi sua filha e biógrafa). Ainda da Polônia a nota de que a sociedade democrática polonesa está solidária com os estudantes judeus na sua luta contra a discriminação nas universidades (nº 584 – 03/12 – p. 01). “Em Lemberg não haverá guetos na universidade” nos informa N.F. em sua coluna. Conta que, depois de apurados os votos no plebiscito realizado entre os estudantes, esta medida não prevaleceu (nº 585 – 05/12 – p. 01). Em Lublin novas adesões de professores que são contra os “gueto-benk”. De Varsóvia vêm as notícias de que a Escola de Comércio de Vavelberg vai proibir a matrícula de alunos judeus; essa escola havia sido fundada por um judeu e que os estudantes judeus das escolas secundárias e universitárias continuam a protestar contra os bancos-guetos, assistindo às aulas de pé (nº 587 – 10/12 – p. 01 e nº 588 – 12/12 – p. 01). “Ainda os bancos separados nas universidades polonesas” do “Notas e comentários” de N.F., comenta que “o povo, o verdadeiro povo polonês é refratário à propaganda nazista” e que expoentes, em todos os ramos, são contra os atos de vandalismo e pogroms que se tem feito contra o povo judeu e contra os bancos separados nas universidades e acha que esta situação não perdurará na campanha nazista (nº 588 – 12/12 – p. 01).

Temos três notícias de Varsóvia, no mesmo número, sobre o mesmo assunto: a primeira, contando que o reitor da Universidade de Lemberg, que havia se demitido do cargo, por causa dos bancos separados na universidade, foi chamado de volta e seu primeiro trabalho será o de pacificar a universidade. Em Lemberg, a manifestação dos estudantes anti-semitas assustou tanto a esposa do prof. Luria, que faleceu de um colapso. Nesse entretempo, dois estudantes judeus que estavam sentados entre os não judeus foram expulsos de seus lugares por um professor anti-semita e deixaram a sala de aula. Houve protesto dos comerciantes judeus, que cerraram as portas de suas lojas e foram multados por isso. A segunda nos conta que a Escola de Comércio, que pertencia a cristãos e judeus, foi fechada por causa dos bancos separados, mas o problema já foi resolvido: abriu-se uma escola judaica de comércio e os professores judeus foram para a nova escola e ainda a notícia de que, incentivada pela introdução dos bancos separados nas universidades, a imprensa anti-semita começou uma campanha aumentando a pressão sobre os judeus, querendo que se forme um gueto para os profissionais do comércio, ciências e artes. Quer, também, que os judeus deixem o exército e que se faça um gueto territorial nas grandes cidades e que eles se atenham às pequenas cidades. Os bancos separados também foram introduzidos na Faculdade de Odontologia, onde até o momento não havia existido nenhum movimento anti-semita (nº 589 – 15/12 – p. 01 e 04).

De Antuérpia, a notícia de que houve um protesto feito pelos altos dirigentes socialistas contra os bancos separados nas Escolas Superiores da Polônia. Uma cópia do documento foi enviada para a direção das sociedades judaicas em Bruxelas (nº 590 – 17/12 – p. 01). A pressão dos professores democratas e do ex-primeiro ministro da Polônia resultou na abolição, pelo reitor da Politécnica de Lemberg, dos bancos separados. Os “endeques” também protestaram, com uma greve, ficando de pé e foram abolidos os bancos separados. Nas revoltas da Escola de Comércio, 30 estudantes judeus

ficaram feridos, alguns gravemente. Além disso, em Nova York, o Congresso Judeu Americano proclamou um mês de solidariedade aos estudantes judeus poloneses, e em todas as reuniões de judeus, todos deveriam se levantar por 15 minutos, em homenagem aos estudantes (nº 592 – 22/12 – p. 01).

Em Chicago, a Federação dos Professores Americanos escreveu para o ministro da Cultura da Polônia, condenando a introdução dos bancos separados e exigindo que se acabasse com isso. No mesmo número, um artigo não assinado faz um alerta contra a introdução dos “bancos-guetos” nas universidades polonesas. Repete a notícia de que na Polônia houve um manifesto de professores e profissionais democratas apoiando os grupos que se opõe a esses bancos separados (nº 593 – 24/12 – p. 01 e 03) e no último dia do ano, N.F., na sua coluna em português, comenta que o já citado “Almanack Israelita”, do jornalista Samuel Wainer com colaboração do intelectual Azevedo Amaral diz que o novo “gueto-benk” está assustando a população judaica e que o governo está se submetendo aos anti-semitas; aos protestos de deputados judeus, o ministro da Educação respondeu que o governo resolveu de uma vez por todas acabar com as brigas entre estudantes cristãos e judeus (nº 595 – 31/12 – p. 01).

Apesar de não termos mais notícias desses famigerados bancos separados que abalaram a consciência dos democratas do mundo todo, sabemos, sim, dos contínuos e não ouvidos artigos protestando contra a discriminação contra o povo judeu na Polônia e em outros lugares e dos contínuos pogroms contra a população judaica desassistida.

Assim, N.F., em sua coluna, comenta o descaso dos dirigentes judeus ante o aumento da propaganda anti-semita no Brasil e diz que em outros países, diante de fatos como este, há uma resposta imediata às mentiras assacadas contra os judeus e aqui se fazem ouvidos moucos; comenta ainda a

aliança de católicos e israelitas contra o recrudescimento dos ataques à religião. No mesmo número, um artigo não assinado, “A Polônia está grávida” de um regime nazista, comenta que altos funcionários do governo, excluindo o presidente, estão levantando slogans anti-semitas, prometendo ir mais além de Hitler, para dizimar os judeus da Polônia (nº 582 – 28/11 – p. 01 e 03).

O ministro das finanças polonês, após reunião de seu ministério, expediu relatório onde exige que parem os pogroms e atos anti-judaicos nos lugares onde estes estão acontecendo, é uma das notícias que aparecem. No mesmo número, comentando inclusive as atitudes do ministro das finanças, Salomão Steinberg fala dos pogroms na Polônia, a reunião do ministério polonês e as declarações do ministro, de que se não pararem os pogroms, a Polônia falirá (nº 583 – 01/12 – p. 01 e 02).

Revendo a história do povo judeu nos países da Europa Oriental, principalmente na Polônia e Lituânia, vemos que, a partir de 1915, quando esses países foram ocupados pelos exércitos austro-alemães, tiveram os judeus a esperança que sua situação, melhoraria; sob o governo czarista eles eram acusados de deslealdade.

Na Conferência de Paz, em 1919, em Paris, várias das reivindicações judaicas haviam sido ratificadas pela Liga das Nações; um tratado polonês, confirmando os direitos de minorias, concedia aos judeus o direito de usar sua própria língua em escolas primárias; além disso, estariam isentos de executar quaisquer serviços de violassem seu sabá, mas deveriam, naturalmente, ser obrigados a fazer o serviço militar. Romênia e Iugoslávia recusaram-se a assinar esse compromisso. Não se tratou da Rússia, nessa fase. Em 1922, foi assinada a Declaração Lituana sobre a proteção das minorias; era quase idêntica ao Tratado Polonês. Letônia e Estônia também se recusaram a aceitar os tratados de minorias mas se comprometeram a

respeitar os direitos que constavam do Tratado Polonês. A Albânia assinou uma declaração semelhante. Os judeus da Europa aguardavam, então, um futuro mais seguro. Os direitos nacionais judaicos foram assegurados por lei na Letônia, Lituânia, Polônia e Tchecoslováquia.

Mas desde logo começou uma política de perseguição na Polônia; não era melhor a situação dos judeus na Romênia, especialmente nas províncias da Bessarábia e Transilvânia. Na Hungria, a situação também não era boa, mas de outro caráter, pois os judeus com nível cultural mais alto, ressentiram amargamente do anti-semitismo que transparecia nos concursos aos cargos públicos.

Na Europa Oriental, com antigas tradições de anti-semitismo, foram, então, formados partidos com essa ideologia e na Polônia, Lituânia, Letônia, Romênia e Hungria começaram os pogroms. Ataques aos comerciantes judeus, piquetes diante de seus estabelecimentos forçaram os fregueses cristãos a boicotarem suas lojas.

Já em 1934 o primeiro ministro polonês Skladhowsky havia tomado uma atitude controversa quando sancionou legalmente piquetes defronte às lojas judaicas, desde que sua ação não fosse acompanhada de violência.

Então, em 1937, temos as notícias, de Varsóvia, de que foi criado em Kunim um gueto para comerciantes judeus em que colocaram o nome de “Palestina”(nº 569 – 20/08 – p. 01), e que: 1) “Comerciantes poloneses expulsarão judeus do comércio”: Conta que o congresso dos comerciantes cristãos aceitou resolução que diz que é imperativo que se aparte os comerciantes judeus e que essa resolução trouxe muitos rumores em círculos apropriados; 2) um deputado e um senador judeus da Polônia obtiveram uma audiência com o presidente e se queixaram do aumento do anti-semitismo; este garantiu eu não permitiria que isto acontecesse (nº 586 – 08/12 – p. 01).

Mas aumentava, sim, pois o conselho da cidade de Lublin fez um manifesto onde proibia os táxis de judeus ficarem juntos aos táxis de não judeus; enquanto isto, em Paris, um dirigente do Joint relata a trágica situação dos judeus na Polônia e Romênia. Apesar disso e, contraditoriamente, são conferidas condecorações a vários israelitas (sic), por ocasião da comemoração do dia da independência, 11 de novembro; paralelamente, uma outra notícia que chama a atenção, é de que o assassino de uma família judaica de cinco membros, na Polônia, foi condenado à pena de morte, sendo que outros três de seus companheiros tiveram a pena de prisão perpétua. O comentário, de N.F. em “Distinções conferidas a israelitas na Polônia”, é que, enquanto alguns judeus se sobressaem, existem poloneses que fazem pressão sobre o governo para que se adotem medidas de exceção para os judeus da Polônia e que a grande maioria liberal do povo polonês se colocaria ao lados dos injustamente perseguidos (nº 587 – 10/12 – p. 01).

Como sempre ocorre sob condições adversas, os judeus começaram a se reorganizar para sua própria sobrevivência. Formam então uma associação entre os sionistas e os Agudat-Israel e, juntos, foram ter uma audiência com o presidente da Polônia. Os assuntos não foram divulgados (nº 588 – 12/12 – p. 01). Uma notícia, semelhante a outra já relatada, de Varsóvia, nos conta que a um povoado chegaram “patriotas” e queriam provocar os camponeses da região contra os judeus, mas os camponeses reagiram ao incitamento e quase lincharam os ditos “patriotas” (nº 589 – 15/12 – p. 01).

Nas igrejas de Varsóvia os anti-semitas espalharam panfletos fazendo um apelo para que se boicotem os comerciantes judeus, apelo que também foi transmitido pelas rádios (nº 592 – 22/12 – p. 01). Mas é de Gênova que vem mais notícias sobre as perspectivas da Polônia expulsar os judeus. O conselho administrativo do Bureau Internacional do Trabalho na Liga das Nações, apesar de ter protelado a conferência que visa resolver a emigração

dos judeus da Polônia, acha que chegou a hora para isto, pois este país pede que se achem novas terras que recebam judeus (nº 593 – 24/12 – p. 01). Em Lemberg a polícia descobriu uma nova organização terrorista que planejava fazer atentados contra residências de judeus. Alguns associados dessa organização foram presos (nº 593 – 21/12 – p. 01).

Continuam até o fim do ano as notícias sobre discriminações e difamações ligadas aos judeus. De Varsóvia, temos outras notícias referentes a eles; numa cidade da Polônia central houve um choque entre os nacionalistas poloneses e os judeus locais. Os judeus armados de martelo e machados deram uma surra nos arruaceiros e cinco deles estão seriamente feridos. A imprensa local registra com alegria a legalização de um partido nacionalista, reconhecido como partido nazista da Polônia, que tinha métodos terroristas e era conhecido pelo seu anti-semitismo. No mesmo número, de Varsóvia, na associação dos advogados, foi sugerido que se revogasse a resolução de expulsão dos advogados judeus da associação e essa sugestão venceu, mas houve tumulto, pois os anti-semitas alegam que os judeus também votaram. Na coluna de N.F. com o subtítulo “Prefeito eleito na Polônia, ao declarar abandonar o anti-semitismo”, conta que, numa cidade da Galícia, um antigo chefe anti-semita foi eleito, inclusive com votos dos judeus, depois que fez uma declaração em que dizia ter abandonado as idéias anti-semitas e respeitar os direitos de todos os cidadãos, independentemente de raça ou religião (nº 594 – 29/12 – p. 01). De Nova York provém o relato de que um proeminente advogado judeu participou de uma conferência em favor dos judeus da Polônia. Esse advogado salientou a ajuda do “JOINT”, mas que é preciso muito mais esforço de todos, para o socorro do povo judeu (nº 594 – 29/12 – p. 04).

Mais uma vez de Varsóvia vem a notícia de que na reunião do “Pen Club” fizeram a sugestão de introduzirem o parágrafo ariano e excluïrem os

escritores de origem judaica da associação. A proposta foi rejeitada pela maioria (nº 595 – 31/12 – p. 01).

Um artigo na página 02, do mesmo número, do “correspondente especial em Varsóvia”, sem assinatura, conta que a política anti-semita na Polônia faz a vida impossível para ¼ de milhão de judeus; que o ministro do exterior sugeriu à Liga das Nações uma emigração maciça dos judeus para a Palestina, para aliviar o problema de super-população na Polônia. Isso abalou a coletividade judaica, que viu no governo polonês a vontade de se livrar dos judeus. Os nacionalistas dizem que os verdadeiros judeus poloneses já emigraram nos anos 1900 para os Estados Unidos e que agora só estão na Polônia judeus russos e alemães, que não são bem vindos. No meio dos pogroms e agitações, os judeus poloneses dizem que gostariam de emigrar, mas não sabem como e nem para onde. A propaganda e pogroms nacionalistas prosseguem para forçar uma emigração dos judeus, sem que o governo nada faça. Já morreram 150 judeus e 200 lojas e casas foram destruídas (nº 595 – 31/12 – p. 02). Além da Polônia, os desmandos contra os judeus ocorriam nos outros países do leste europeu, além da Alemanha e Áustria, Itália e outros.

Na Bessarábia, estado na época pertencente à Romênia, o jornal *Velt Dinst*, uma edição nazista de Erfurt, Alemanha, que sai em seis diferentes formatos e em seis línguas, provoca a coletividade, estampando a manchete de que os judeus iriam criar uma nação na Bessarábia, para açular os romenos contra os judeus; o S.P.I.T. desmente isto (nº 480 – 17/01 – p. 03).

Na Romênia, Goga-Cuza, que chegou ao poder em fins de 1937, aplicou uma severa legislação contra os judeus. Ergueram-se barreiras econômicas; empregados judeus foram dispensados de fábricas; proibiu-se o abate ritual; judeus foram obrigados a trabalhar no sábado, segundo Abba Eban (p. 334).

Mas mesmo antes, as notícias que vinham da Romênia, alterando sua rotina, já são o bastante para atormentar os que se preocupavam com o “problemas judaico”. No entanto, o *Correio Paulistano* não traz sequer uma notícia do que acontecia no reino do rei Carol. O S.P.I.T é o único jornal pelo qual sabemos desses acontecimentos.

Um artigo de A. Bukoviner, sob o título “O pernicioso decreto da cidadania na Romênia”, já nos alertava, em 14 de março, sobre os novos decretos que o governo iria promulgar contra as minorias, tirando seus direitos de cidadãos (nº 503 – 14/03 – p. 04).

O mesmo assunto é tratado em outro artigo, uma semana depois, com o título “A Romênia engendra novo decreto infeliz de cidadania”, deplorando a atitude do governo romeno (nº 506 – 21/03 – p. 07). Apesar do número de notícias menor do que os da Polônia, são suficientes para verificar que as transgressões da ordem iam pelo mesmo caminho dos da Polônia, pelo menos com relação aos emanados do governo. Já há desordeiros anti-semitas na Romênia e de suas atrocidades ficamos sabendo no nº 526, de 12 de maio, na página 05.

Ainda em maio, também na Romênia, como na Polônia, a Associação dos Advogados promulgou uma resolução que proibia a associação de advogados que não fossem “de puro sangue romeno”. Houve protesto dos advogados democratas contra essa deliberação (nº 529 – 19/05 – p. 01). Houve outro protesto, desta vez dos advogados judeus, contra este ato, insurgindo-se contra a solução ariana, de serem deslocados da Associação dos Advogados, como noticiam de Iassi (nº 548 – 02/07 – p. 01).

No entanto já havia reação dos judeus romenos: um convocação para um congresso especial, que tinha como alvo as perseguições e decretos perniciosos do governo (nº 541 – 16/06 – p. 01).

No jornal judaico a repercussão aparece nos artigos, lamentando o fascismo na Romênia e a fúria nazista com perseguições aos judeus nesse país, pela pena de A. Bukoviner e V. Charly (nº 542 – 18/06 – p. 05 e nº 546 – 27/06 – p. 06).

Um fato alegra o redator do jornal ídiche: um pequena notícia de Bucareste conta que os candidatos anti-semitas às eleições municipais haviam sido derrotados (nº 524 – 07/05 – p. 01). Até de Roma vêm notícias dadas pela imprensa italiana, que comenta o “Numerus Clausus” em trabalhos de comércio e indústria na Romênia, para trabalhadores judeus, sob o argumento de que vão repatriar romenos de países vizinhos e de que não haveria trabalho para eles (nº 529 – 19/05 – p. 01). De Belgrado vem a notícia de que a Romênia e Polônia conduzem conjuntamente a política de evacuações de judeus. O rei Carol e o governo da Polônia dizem, num memorando, que não podem agüentar 4 milhões e meio de judeus nos seus países e exigem que a Inglaterra, França e Itália abram suas fronteiras para o assentamento de imigrantes judeus (nº 554 – 16/07 – p. 01).

Em julho, Bucareste já fala de Goga-Cuza: o conhecido chefe anti-semita renunciou à sua viagem para a Iugoslávia, Itália e Alemanha, onde iria conferenciar com os respectivos governos. Ao mesmo tempo, o governo romeno “esqueceu” o projeto de lei de “Numerus Clausus” em relação às minorias étnicas não romenas; o governo liberal tem medo de perder os votos de 5 milhões de pessoas dessas minorias (nº 555 – 18/07 – p. 01). Em Iassi, repetem-se os atos anti-semitas, querendo fazer vigorar o plano do ex-ministro do interior de um gueto para os judeus e proibir a eles de morar no centro da cidade (nº 569 – 20/08 – p. 01). Um artigo de Bucareste, no

S.P.I.T., descreve o aumento do anti-semitismo, com um estudante árabe da Romênia fazendo um discurso contra os judeus da Palestina, conclamando os cristãos a se unirem contra os judeus; outros discursos e artigos atestam seus ditos que os judeus são escória da terra (nº 570 – 24/10 – p. 01). Já começam a vigorar os atos de Goga-Cuza e os deputados anulam documentos de judeus, que já tinham a cidadania desde antes da primeira grande guerra. Além dessa notícia, o jornal repete a já dada, do discurso do estudante árabe que se matriculou na universidade, atizando anti-semitismo e um deputado diz que “os judeus são a escória da terra” (nº 571 – 29/10 – p. 01).

Houve uma conferência do Partido dos Trabalhadores Sionistas, que a princípio havia sido proibida e depois a proibição foi cancelada. Foi uma vitória dos judeus (nº 580 – 24/11 – p. 01). Sem maiores comentários, uma notícia de Bucareste conta que um decreto do governo fez demolir uma escola na Alba-Yilia, na Transilvânia, perto da qual moravam muitos judeus, que agora não terão nenhuma escola (nº 584 – 03/12 – p. 01). A última notícia da Romênia vem em forma de artigo, sem assinatura, de Bucareste, que conta que no reino do rei Carol o anti-semitismo continua a atacar os judeus. Enumera alguns casos, como o de que até mesmo os partidos democráticos não tiveram nenhum candidato judeu e a alegação fora de que era para não atizar o anti-semitismo; na Faculdade de medicina de Bucareste não há nenhum judeu entre 430 alunos matriculados, pois foram enxotados quando, ao irem prestar exames foram espancados e, como há falta de empregos, os judeus são despedidos, apesar dos jornais apregoarem que não há desempregados (nº 588 – 12/12 – p. 03).

Na Hungria, apesar de, oficialmente, a expulsão maciça de judeus da vida econômica começar somente em 1939, desde 1935 adotaram leis anti-judaicas; vislumbra-se o que viria a ser o inferno para esse povo, nesse país. As notícias são esparsas e alguma até nos fazem pensar na

possibilidade dos judeus de lá saírem sem muitos arranhões. Por exemplo, da notícia que obtivemos no S.P.I.T., sabemos que, durante um debate no Parlamento Húngaro, o ex-premier Graf Betlem disse que são necessárias precauções contra os métodos nazistas que estariam sendo adotados contra judeus (nº 532 – 26/05 – p. 01). Também há o caso do deputado que, depois de ter pronunciado um discurso anti-semita no parlamento, pedindo as mesmas restrições aos judeus que haviam sido adotadas na Alemanha, ficou sabendo que sua mãe era judia. Tentou o suicídio, mas se arrependeu e renunciou à cadeira de deputado (nº 559 – 28/07 – p. 01). Mas não eram só de notícias amenas que eram recheadas as informações sobre os judeus na Hungria. Uma delas era de que o governo publicou uma lei expulsando 60.000 judeus que se instalaram na Hungria depois da Primeira Guerra; também ordenou à polícia que ficasse de olho na fronteira e não permitisse a entrada de judeus da Polônia (nº 574 – 07/11 – p. 01). Outra notícia foi a de uma manifestação anti-semita organizada pelos estudantes e rechaçada pela polícia, onde algumas pessoas foram feridas (nº 586 – 08/12 – p. 01). Enquanto a justiça da Hungria também revelava não ser submissa às leis nazistas alemãs e condena com penas de um a dois meses de prisão os mandatários de um folheto que conclamava os húngaros a boicotarem os judeus (nº 589 – 15/12 – p. 01), a polícia da Hungria fazia o registro dos judeus provindos da Galícia, a fim de “libertar” os húngaros dos judeus estrangeiros, a maioria dos quais já estavam há 20, 30 anos no país. Essas pessoas são agora apátridas e não têm para onde ir (nº 591 – 19/12 – p. 01). Os eflúvios de anti-semitismo continuam na seção “Germânia”, do *Correio Paulistano*: em dois números fala dos judeus na Hungria. No dia 16 de dezembro, na última coluna de um conjunto de seis, o título “Os estudantes da Hungria exigem uma lei contra os judeus”, tece comentários sobre a reunião da “Turul”, a maior agremiação de estudantes húngaros, que exigia que fosse votada uma lei “que declare os judeus uma raça especial” e que fosse proibido aos judeus que tivessem cometido algum crime passível de pena, usar um nome magiar. Conta que o órgão do governo “Fueggetlenseg”

escreve que as resoluções dessa reunião era expressão do desejo da mocidade húngara e era justificada, pois lia-se em jornais estrangeiros sobre “vigariistas húngaros ou sobre assassinos bestiais de chamados comunistas húngaros (e cita Bela Khun-Cohn), que nada tinham a ver com os húngaros genuínos (C.P. 16/12/37 – p. 04). Ao comunicar a prisão de comunistas na Hungria e na Áustria, outro artigo, na mesma seção em outro dia, mistura “judeu” com “comunista”, escrevendo sobre a prisão de agitadores de uma célula de judeus comunistas que se ocupava da “propalação mundial do bolchevismo na Hungria”. Conta que a polícia encontrou farto material provando que um plano estava sendo “programado” para fazer da Hungria, em substituição à Palestina, um grande estado sionista que deveria ser constituído em estreita cooperação com a Rússia dos Soviotes”, tudo financiado por Moscou. Comenta, também, as notícias de Viena sobre a prisão de ativistas “judeus” e “comunistas” que faziam contrabando de gente para a Espanha Vermelha. Cita a judia vienense Melanie Ernst, que foi presa, e o judeus Isaak Szop, preso igualmente pelas autoridades suíças. “Foram surpreendentes, também nesse caso, as quantias enormes em dinheiro de que dispunha a organização comunista”, termina o artigo (C.P. 24/12/37 – p. 04).

Além dos distúrbios da universidade, os anti-semitas se excederam e destruíram uma sinagoga numa cidade da Hungria. Igualmente destruíram a sede dos sionistas, sob o pretexto de que era controlada pelos comunistas (nº 592 – 22/12 – p. 01). Mas houve reações a esses ataques e de Nova York veio a resposta na forma de um protesto enviado pela Associação dos Judeus Húngaros na América, ao governo húngaro. Esse protesto, reprovando as atitudes anti-semitas na Hungria, foi feito na última reunião da associação, em Nova York e diz que era um repúdio a essa situação, acrescentando que as associações anti-semitas na Hungria são financiadas pelos nazistas. Houve também, nessa reunião, uma resolução de cumprimentar os dirigentes dos camponeses húngaros e os partidos liberais, que reprovaram, no parlamento,

as atividades anti-semitas admitidas na Hungria (nº 595 31/12 – p. 04). Aparentemente, a Checoslováquia foi o país que menos margem deu a notícias sobre anti-semitismo. Ao contrário, o que lemos no S.P.I.T. é só louvor ao povo e governo desse país.

Assim, com um artigo com o título “Os tchecos continuam amigos dos judeus”, o articulista conta numerosos casos de ajuda a esse povo (nº 506 – 21/03 – p. 03). Passados alguns dias, no lugar do editorial aparece um comentário sobre a política nazista, que não teve adesões na, Checoslováquia. Diz que os judeus de lá podem ficar felizes e se indaga: “As outras nações seguirão o exemplo da Checoslováquia?” (nº 512 – 07/04 – p. 04).

De Praga nos vem a notícia de que um juiz condenou uma fábrica a pagar uma alta multa, após ser acusada de anti-semitismo e disse que na Checoslováquia era crime ser anti-semita, onde os judeus tinham todos os direitos civis (nº 588 – 12/12 – p. 02). E, finalmente, a última notícia do ano sobre a Checoslováquia. N.F., na sua coluna, nos informa que os judeus da Checoslováquia juntaram 25 milhões de corôas (cêrca de 2 milhões de dólares) para que dois mil israelitas checos que moram na Alemanha possam se estabelecer no país, pois estão sendo obrigados a sair da Alemanha pela precária situação econômica em que se encontram. A nota, que tem o subtítulo “Fundo para estabelecer 2.000 israelitas checoslovacos, da Alemanha”, diz também que houve aprovação do governo de Praga a esse plano (nº 594 – 29/12 – p. 01).

Depois da Revolução Bolchevista a situação mudou, na Rússia, por curto tempo, para os judeus. Muitos comícios e conferências se realizaram e uma imprensa judaica apareceu. Uma vez que os direitos políticos judaicos ficaram garantidos pelo novo governo, os judeus russos começaram por instar por uma autonomia nacional cultural; os judeus da União Soviética

tiveram, no entanto, cortados, por seu governo, o contato com o povo judeu em conjunto e três milhões, cerca de um terço do judaísmo europeu, ficaram isolados. Desde o começo do ano ficamos sabendo algo dos judeus na União Soviética através do jornal Emes (Verdade), de Moscou, que opina sobre a assimilação; diz que o judeu desta cidade, ou da Ucrânia não precisará mais se identificar como “judeu”, sem mais comentários do jornal ídiche (nº 476 – 08/01 – p. 01). O mesmo jornal traz um comentário, relatado por Londres, sobre o desenvolvimento de Birobidjã, república que o governo comunista quer destinar aos judeus (nº 529 – 19/05 – p. 01). Ainda sobre Birobidjã, uma notícia de Kovno, na Lituânia, nos conta que mais judeus lituanos são deportados de lá, terra onde a União Soviética queria instalar uma república judaica. Outra nota de Kovno é “sobre o conflito entre judeus ortodoxos e os judeus sionistas e revisionistas”. Todas estas notícias não trazem comentários (nº 526 – 12/05 – p. 01). No mesmo número, um editorial sobre a expulsão dos judeus de Birobidjã, constatando que as portas fechadas dos países é um golpe em um grande número de judeus (p. 04). De Kovno, na Lituânia, temos as notícias de que os jornais ídiche dali culpam o governo soviético de Moscou de proibir a língua e cultura hebraica, que são tratados como crime (nº 582 – 28/11 – p. 01) e na coluna de N.F., ficamos sabendo que o número de judeus, pelas últimas estatísticas, apontam para o número de três mil desses cidadãos nessa cidade (nº 586 – 08/12 – p. 01). Ainda de Kovno, porém, vem o relato de que o governo da Lituânia promulgou uma lei que levará centenas de famílias judias à perda de seus negócios. A declaração diz ainda que em 1938 não serão dadas permissões para judeus abrirem novos negócios; isso fará com que algumas centenas de famílias fiquem sem meios de subsistência. O governo já havia anunciado o ato há alguns meses (nº 591 – 19/12 – p. 01). Menos de uma semana após essa notícia, ataques anti-semitas são comunicados, tendo havido excessos, em várias cidades, na Lituânia. Atacam casas, lojas de judeus e quebraram vidraças e alguns arruaceiros foram presos (nº 593 – 24/12 – p. 01), numa reprodução do que acontecia na Polônia.

No jornal S.P.I.T., um artigo sem assinatura revela com o título “A situação político-econômica e espiritual dos judeus na Lituânia”, o que acontece com eles, nesse país. Faz uma análise da situação dos judeus na Lituânia, comparando-a com a péssima condição dos judeus na Polônia, Romênia, Alemanha e outros países, onde são submetidos a péssimas condições e elogiando a situação nesse país pelo que conhecem dos relatórios que chegam sobre 300 mil judeus da Lituânia. Fala do progresso cultural dos judeus daí e que é o quarto país, fora a Palestina, onde o hebraico se instalou nas modernas escolas hebraicas que se difundiram; o ídiche também se desenvolveu, mas não tanto quanto o hebraico. Os judeus também sentem, como nos outros países, o problema de serem repudiados e o sionistas tentam mostrar que a solução é a Palestina (nº 594 – 29/12 – p. 03). N.F., na sua coluna, conta, então, no mesmo número, que o governo lituano destinou 105 mil “zlotis” para fins religiosos israelitas (sic), para custear despesas relativas a essas práticas (p. 01). Enquanto isso, notícias de Moscou nos relatam que 1) Abrão Mereshin, ex-dirigente do “Ievseksie” e fundador do “Komzet”, foi deportado para a Sibéria, como trotskista; ele havia sido um dos idealizadores do projeto de mandar os judeus para a Criméia (nº 551 – 09/07 – p. 01 e 2) cinquenta judeus foram nomeados para fazerem parte do mais alto conselho soviético e três para o território autônomo de Birobidjã (nº 591 – 19/12 – p. 01).

Da Iugoslávia só temos a notícia de que o chefe do partido anti-semita se vangloria do aumento do número de associados, cuja meta é instigar o anti-semitismo (nº 476 – 08/01 – p. 01) e de Istambul, na Turquia, ficamos sabendo que escolas judaicas da Armênia, Grécia e de outros países devem empregar “turcos puros”, sob pena de fecharem (nº 532 – 26/05 – p. 01), que o parlamento turco mandou ser arquivado o anteprojeto que proíbe a imigração judaica (nº 590 – 17/12 – p. 01) e que o governo turco decidiu dar

passaportes provisórios para 200 famílias judias que estavam ameaçadas de serem expatriadas para a Bulgária (nº 557 – 23/07 – p. 01).

Na Suíça, o jornal noticia que, em Zurique, foram distribuídos panfletos anti-semitas, em forma de passagem para a Palestina de um lado, e do outro, os dizeres: “Vai para a Palestina com teus irmãos e não voltes”. Foram espalhados durante a noite, por ocasião do 20º Congresso Sionista (nº 564 – 08/08 – p. 01). No *Correio Paulistano* do dia 16 de setembro, a coluna Germania comenta esse congresso. No tópico “O Congresso de sionistas e o domínio mundial” tece considerações sobre o Congresso Sionista de Zurique, onde “personalidades, líderes do judaísmo internacional” expressaram com clareza, diz o artigo, suas pretensões em relação às finanças internacionais e em relação à Palestina. Diz que a Inglaterra se decepcionou com imigração judaica e cita o rabino Wise, “pagé – mor” dos judeus americanos, “Chaim Weizmann, chefe dos sionistas da Palestina” e também os “Sábios de Sião” como a transposição deste “Ideal da Humanidade” para a prática do bolchevismo. “O Comunismo prega o Talmud, é de sangue judaico e quer exercer a vingança contra o mundo cristão” são suas últimas palavras (C.P. 16/09/37 – p. 06).

De Madri, comunicado de que o governo espanhol quer introduzir a liberdade de culto (nº 546 – 27/06 – p. 01). Da Itália, onde o fascismo já fazia seus estragos, temos muitas notícias e artigos, inclusive sobre o Vaticano e o papa, chefe supremo da Igreja. A primeira notícia que temos de lá, vem justamente de Roma, relatando que o papa havia se comovido com a situação dos judeus conversos (batizados) na Alemanha e que na próxima encíclica se manifestaria em seu favor (nº 476 – 08/01 – p. 01). Sabemos que realmente o papa intercedeu a favor desses cristãos recém conversos, pois para Hitler era considerado judeu qualquer indivíduo que possuísse três bisavôs judeus; também havia sido introduzida a categoria de judeus

fracionários (de primeiro ou segundo grau), definidos conforme o número de avós judeus.

Num artigo do *Correio Paulistano*, já comentado no capítulo “Imigração”, o articulista escreve sobre a situação do judeu italiano, com a alternativa de ser judeu ou italiano.

Em “Mussolini mostra a sua cara”, o S.P.I.T. faz incursões no tema, dizendo que os jornais italianos exigem que os judeus larguem suas crenças ou seus direitos de cidadãos (nº 534 – 30/05 – p. 01) e em artigo sem assinatura já relatam alguns fatos do fascismo anti-semita (nº 533 – 28/05 – p. 01) mas o embaixador da Itália em Washington nega qualquer modificação no relacionamento do governo italiano com os judeus (nº 537 – 06/06 – p. 01).

Começam a proliferar os comunicados acerca dos judeus italianos: de Roma vem a notícia com o subtítulo “A questão judaica em Roma”, que relata os protestos dos judeus italianos desde a publicação do livro de uma tal Paula Oraba, violentamente anti-semita (nº 540 – 12/06 – p. 01). No mesmo número, o editorial também trata da situação dos judeus na Itália, sob a égide do fascismo (p. 04).

As pressões aumentam, um ministro de Mussolini fala no parlamento sobre a Teoria Racial de Hitler (nº 543 – 20/06 – p. 01) e comitês de judeus assimilados em pequenas cidades italianas são formados para combater os sionistas (nº 545 – 25/06 – p. 07).

Uma pequena nota nos informa também que missionários católicos na Abissínia, agora colônia italiana, querem converter os falashas (judeus negros) e que um “Livro Branco” do Vaticano vai mostrar seu relacionamento com os alemães (nº 546 – 27/06 – p. 01); o Vaticano coloca

no “Índex” um livro sobre racismo, que exalta a teoria das raças (nº 551 – 09/07 – p. 01).

Sempre com atitudes dúbias, o governo fascista de Mussolini quer mostrar serviço para todos os lados da questão do anti-semitismo. Assim, se os revisionistas italianos estão perdendo prestígio na Itália, por causa de suas campanhas fascistas-anti-semitas, (nº 555 – 18/07 – p. 01), um editorial comenta o comunicado de Mussolini aos americanos, de que não permitirá a discriminação racial na Itália (nº 562 – 04/08 – p. 04) e um artigo na coluna “Comentários”, de Regalsky com o título “Mussolini mudou sua ira contra os judeus para clemência”, fala da demissão da comissão da associação da “kehila judaica” que protestava contra os ataques cada vez mais intensos dos jornais e dirigentes fascistas, anti-semitas, contra judeus italianos. Esses ataques anti-judaicos se posicionavam contra o anti-patriotismo dos judeus, quando se sabe que oficiais e soldados judeus lutaram com Mussolini e muitos perderam suas vidas (nº 556 – 21/07 – p. 02).

Querendo se aproveitar ainda da situação e com a intenção de captar o capital dos judeus italianos para serem aplicados na Abissínia, Mussolini coloca judeus na comissão do Ministro das Finanças que trata do assunto (nº 584 – 03/12 – p. 01).

“Novos ataques anti-semitas na imprensa italiana”. Sob esse título, de Roma nos vem a notícia da revolta do comércio e intelectualidade italiana contra os brutais ataques anti-semitas na imprensa (nº 585 – 05/12 – p. 01).

Houve eleições para a executiva da comunidade judaica na Itália, e o S.P.I.T. relata que esta transcorreu em paz, sendo eleitos sionistas e não sionistas (nº 586 – 08/12 – p. 01), mas N.F., em “Notas e comentários” faz uma grave denúncia, afirmando que os elementos eleitos como membros da

Comunidade Israelita da Itália são todos membros do partido fascista (nº 586 – 08/12 – p. 01).

De Roma provém a notícia que os jornais judeus italianos relatam que, como resultado dos ataques anti-semitas nos jornais fascistas, os assimilados italianos voltaram a se unir mais às sociedades judaicas e dão nomes hebraicos aos recém-nascidos (nº 587 – 10/12 – p. 01). Reforçando o que havia divulgado no nº 551, o jornal diz que o mais alto conselho religioso do Vaticano colocou no “Índex” os dois livros que formulam uma nova filosofia para os nazistas e que seriam a base da nova igreja alemã; o subtítulo da matéria é: “O papa excomunga os causadores da nova religião nazista” (nº 588 – 12/12 – p. 01).

Duas matérias ainda de Roma nos são transmitidas: com o título “Os católicos não temem ameaças nem violências do nazismo”, N.F., nos relata em correspondência da Alemanha, que este país proíbe a leitura da carta pastoral, que lamenta a situação “sem defesa da igreja, contra a qual dirige uma campanha de propaganda anti-religiosa”. N.F. termina o artigo conclamando as duas religiões (cristã e judaica) a se unirem para “acabar com a violência dos nazistas e libertar o mundo de sua fome insaciável de vítimas”(nº 591 – 19/12 – p. 01). Para finalizar, um jornal romano descreve a briga entre um judeu e um artista que ameaça os judeus (nº 593 – 24/12 – p. 01).

Na França, que teve o caso Dreyfus como o maior acontecimento que abalaria os próprios alicerces da República Francesa, em 1894, o racismo se intensificou. Depois que foi condenado em dezembro de 1894 e afinal retornou de seu cativeiro em junho de 1899, o capitão judeu foi completamente isento de culpa em 1906, doze anos após o começo do caso. O impulso anti-semita veio principalmente de Edouard Drumont, um conservador hábil, um dos mais notórios anti-semitas que se servia do anti-

semitismo para atrair adeptos para atacar os republicanos e através de seu jornal *La Libre Parole* atacava Zola e seus partidários; para os judeus, o caso Dreyfus era muito importante, pois um Dreyfus inocente restabelecia a honra do povo judeu; foi o caso Dreyfus que proporcionou, também, o impulso para a criação do sionismo político.

Durante anos, entre a 1ª e a 2ª Guerra Mundial, o anti-semitismo na França talvez estivesse camuflado. Não houve fato que demonstrasse as indissociabilidades do seu governo.

Algumas posições, porém, denunciavam o que poderia ser um rastilho perigoso. Um artigo, no S.P.I.T., comenta que um jornal francês faz incitações contra L. Blum (1º Ministro francês e judeu) e os judeus (nº 513 – 09/04 – p. 04), depois de outro artigo, com o título “Debate sobre judaísmo na França”, mostrando o interesse no assunto (nº 509 – 31/03 – p. 06).

A seção “Germânia” do *Correio Paulistano* volta a circular, depois de algum tempo, como sempre virulentamente anti-semita; desta vez com notícias da França. Com o título “Os judeus na França”, diz que os judeus estão em todos os ramos profissionais lucrativos em todos os países e especialmente na França da Frente Popular, dando um resumo publicado pelo folheto “Lantijuiif” que fornece os percentuais dos judeus nas profissões. Nesta mesma seção, há um outro tópico, com o título: “Judaísmo desmascarado”. Trata do Congresso Internacional de Esperantistas” (sic), dizendo que não havia tantos representantes de outros países quanto antigamente e que a imprensa, no começo amável, se modificou quando verificou que a maioria era de judeus (500 no mínimo). Acrescenta que no congresso havia propaganda judaica e bolchevique (através de telegramas e congratulações) e que a Polônia não havia mandado representante; que o congresso era uma prova aos que diziam ser “o esperanto só uma invenção

dos judeus e para o intuito de atingirem eles seus alvos” (C.P. 16/09/37 – p. 06).

Em Paris, noticia o S.P.I.T., houve uma reunião de delegados da França, Inglaterra, Holanda, Polônia, Bélgica, Áustria e Suíça que procuram lugares para a imigração de judeus (nº 594 – 29/12 – p. 01). Outras notícias dispersas entre vários países, vinculadas ao tema, foram igualmente publicadas.

A troca de diplomatas em vários países menores da Europa é a temática de um editorial do S.P.I.T., onde o redator diz esperar que as conversações indiretas entre esses países paralise a propaganda alemã nazista, dando um alento ao mundo judeu (nº 507 – 24/03 – p. 04). De Nova York vem a notícia de que houve uma manifestação anti-guerra nos Estados Unidos (nº 525 – 09/05 – p. 06).

Atos anti-semitas e outros contrários a este movimento continuam a povoar os noticiários.

Da Antuérpia, chega a nota de que a Bélgica não se intimida com a ordem de Berlim para despedir mineradores e joalheiros judeus (nº 528 – 16/05 – p. 01). Um editorial do dia 06 de junho fala dos protestos na América contra os nazistas e sua vingança contra os judeus (nº 537 – 06/06 – p. 04). De Boston, informa-se que, numa conferência de católicos há um protesto contra ataques a judeus (nº 571 – 29/10 – p. 01). Um judeu polonês foi torturado e morto na prisão, pelo governo japonês, depois de um processo a que ninguém teve acesso, sob acusação de espionagem a favor de um governo estrangeiro (nº 583 – 01/12 – p. 01). O Congresso Judaico Americano conclama os judeus e principalmente a juventude da América e outros países a boicotar os produtos alemães na “Semana Anti-nazista” e em Washington um deputado denunciou a permanência no país de meio milhão

de nazistas e fascistas e pede que se interrompa sua propaganda (nº 585 – 05/12 – p. 01).

Um anti-semita e seus companheiros atacaram um judeu, no bonde (sic), em Londres, depois de levantarem seus braços numa saudação nazista e por isso foram condenados à prisão. N.F. em “Notas e Comentários” no tópico “Atividade Nazista” conta que jornais informam que foi preso um cidadão, acusado de espionagem em favor da Alemanha, na Suíça. Foram encontrados em seu poder documentos que provam que a Alemanha financia e dirige a propaganda anti-semita em países estrangeiros. Nos Estados Unidos, um legislador também denunciou as atividades nazistas no país, e até no México. Com isso, muitos países estão seguindo o exemplo dos Estados Unidos, que vêem nesta atividade uma ameaça à sua tranquilidade. Na mesma seção, conta da “Campanha contra o racismo iniciada por um bispo Sul-Africano”. Um bispo de Capetown iniciou uma campanha contra o anti-semitismo e elogia os israelitas pela sua dedicação e colaboração no desenvolvimento da África do Sul (nº 586 – 08/12 – p. 01). Da Antuérpia: não desejando que os judeus de origem polonesa que vivem no país alcancem posições de representatividade, pois poderiam conseguir votos suficientes para se eleger, os sionistas belgas interferiram num comício, dissolvendo-o. Por outro lado, os judeus locais estão indignados pelo procedimento “aventureiro” dos sionistas. Um espião alemão se retirou da França quando o governo suíço descobriu que suas atividades anti-semitas eram financiadas pelos nazistas; ele atuava sob diversos nomes. De Gent: O Congresso Mundial Judaico preparou e mandou para a Liga das Nações e para a secretaria econômica da Liga um memorando comunicando as agruras e a difícil situação financeira por que passam os judeus em muitos países da Europa. De Londres: a imprensa local escreve que os nazistas estão incentivando o ódio contra o embaixador inglês em Budapeste, sob o pretexto de que ele é ativo contra a influência nazista e que ajuda os judeus

na campanha contra o nazismo. Todas essas notícias se encontram no mesmo número do S.P.I.T. (nº 592 – 22/12 – p. 01).

“Um ministro holandês condena a propaganda racista” é o título do tópico de N.F., em sua coluna. Conta que o ministro da justiça da Holanda fez enérgicas declarações contra o racismo. Declarou, também, que o governo tomaria providência contra uma publicação que difunde o anti-semitismo (nº 593 – 24/12 – p. 01). Os judeus de Londres vão agora se unir e começar uma campanha de ajuda aos judeus poloneses e de Paris vem a notícia de que médicos judeus alemães, que trabalhavam em hospitais da União Soviética, foram intimados a abandonar o país (nº 594 – 29/12 – p. 01). “Os nazistas não conseguem local para suas assembléias nos Estados Unidos” é o tópico de N.F. neste mesmo número, contando que os nazistas não conseguiram alugar salões, inclusive de associações alemãs, para a convenção que planejavam (p. 01).

Uma notícia estarrecedora de Copenhague conta um fato inesperado: diz que o governo publicou oficialmente um decreto proibindo o casamento de judeu com não-judeu e que foi forçado a isso pelo governo alemão (nº 571 – 31/10 – p. 01). Foi proibido pelo governo de Londres o “Partido nacional-socialista da Polônia”, cujo emblema era uma suástica; seus associados se ocupavam de propaganda anti-judaica; além disso ficamos sabendo que, pelo censo de 1935 viviam em Budapeste 201.069 judeus que perfaziam 20,3% da população. A população judaica da Holanda é de 70 mil pessoas em 1869 e em 1930 subiu para 112.000, sendo 1,3% da população. Porém, em dez anos, de 1920 a 1930, a população judaica diminuiu em 3.306 pessoas. Com o título “Ação comum contra anti-semitismo” N.F. comenta a última convenção do “Congresso Israelita Norte-Americano”, realizado em Washington, onde foi aprovada uma resolução conjunta entre judeus e cristãos para combater a perseguição aos judeus. Será enviado à Sociedade das Nações um relatório das transgressões feitas aos direitos dos

judeus como cidadãos, juntamente com um apelo para que a sociedade inicie uma ação para coibir isso. Foi também solicitada abertura da imigração judaica para a Palestina (nº 595 – 31/12 – p. 01).

O nazismo, cheio de ódio, irrompeu logo após a designação de Adolf Hitler como Chanceler do Reich alemão, em 30 de janeiro de 1933. Após mais de um século de progresso do liberalismo, do racionalismo científico e até de uma crescente tolerância religiosa, quando nomes de judeus apareciam como expoentes na literatura, artes e ciência, não se podia prever a violência com que os judeus seriam tratados. A impunidade com que o nazismo sobreviveu ao primeiro dos estágios, com a sublimação do “produto da raça ariana”, fez com que as etapas seguintes se tornassem inevitáveis.

Para se entender o que se passou na Alemanha seria bom recuar no tempo para que sua imagem possa ser vista com clareza. Entre 1880 e 1914, levadas e mais levadas de judeus fugiam dos pogroms de regiões polonesas e russas e seguiram em direção ao Ocidente. Muitos emigravam para a Palestina, outros tantos para os Estados Unidos, mas muitos ficavam na Alemanha, e Berlim, nessa época, era a cidade que mais acolhia esses refugiados. Há várias gerações os judeus alemães tinham se integrado tão bem na sociedade alemã, que ninguém mais se dava conta disso: até 1933, dos quarenta prêmios Nobel que a Alemanha tinha conquistado, onze eram de judeus. Se isso não representasse algo, não seria nenhum outro fator estatístico que iria esclarecer mais a simbiose havida naquela região da Europa. Os judeus que agora chegavam, mais de sessenta mil, representavam uma imagem que não se conhecia na Alemanha da época: são judeus vindos de pequenas aldeias da Galícia e de outras regiões da Europa Oriental, que se vestiam, falavam e se comportavam diferentemente do povo local. Aqueles homens de preto, com longas barbas, falando ídiche, todos muito pobres, se destacavam na multidão. Essa onda de imigração chegou à Alemanha e lá se estabeleceu, quando uma grande crise econômica e social estava se

formando; forneceu o caldo de uma cultura que mais tarde iria alimentar, ainda mais, o anti-semitismo dos nacional-socialistas (nazis). É esse imigrante judeu que vai servir igualmente de base para a imagem racista que o regime nazista viria a criar mais à frente, e que estaria presente em toda a campanha de perseguição e extermínio.

“Em março de 1933, no primeiro ato de violência física contra judeus na Alemanha, bandos nazistas atacaram advogados e juizes judeus no tribunal de Breslau. Nas semanas seguintes trinta e cinco judeus, na maioria médicos e advogados assimilados, foram assassinados” (Abba Eban, p. 331). Goebbels, estimulado pelo aplauso de certos professores e cientistas à sua teoria, dispostos a endossar aberrações racistas, chegou a fazer uma fogueira pública onde foram queimadas obras de Heine, Thomas Mann, Einstein, Zola e Freud.

À medida que o Terceiro Reich se aproximava de sua decisão de mergulhar o mundo na guerra, mais violenta se tornava a perseguição aos judeus alemães e austríacos. Começava o boicote ao comércio dos judeus alemães e começaram a aparecer leis que excluía os judeus de ganhar sua vida na Alemanha. Em setembro de 1935, com as leis de Nüremberg, os judeus alemães perderam sua cidadania e eles não puderam mais ter acesso ou contato físico com a “raça superior”.

A reação judaica foi imediata: organizaram escolas judaicas onde as crianças puderam continuar seus estudos, foram programadas competições esportivas entre a juventude. Os judeus souberam substituir e reconstruir, dentro de suas possibilidades, a vida judaica. A solidariedade se manifestava em todas as classes sociais. A política selvagem dos nazistas não conseguiu afetar o conteúdo, a alma permaneceu fiel à tradição e aos seus valores.

Comentando os decretos anti-judaicos na Alemanha, um editorial do jornal *Ídiche* escreve que os movimentos anti-nazistas em alguns países fazem com que os nazistas reforcem sua propaganda e a mostrem abertamente para os americanos. Apela para os dirigentes judeus do mundo todo se conscientizarem e determinarem sua linha de ação para a luta contra o barbarismo, que é contra a civilização (nº 519 – 23/04 – p. 04).

Um artigo sem assinatura comenta que já começaram a organizar campanhas de contra-propaganda ao nazismo, orientada do exterior, para alertar o povo contra a influência nazista (não cita locais) (nº 525 – 09/05 – p. 01).

De Berlim, notícias dos boicotes aos judeus continuam. Depois de fecharem hotéis, casas de repouso e outros congêneres, os nazistas fazem propaganda de constrangimento contra comerciantes e agricultores judeus que vendem suas mercadorias (nº 524 – 07/05 – p. 01). Os vendedores de jornais devem ser de origem ariana. (nº 525 – 09/05 – p. 01) Cinquenta judeus proeminentes, dirigentes de associações, foram convocados pela Gestapo para serem avisados que os seus passaportes seriam cancelados por causa da propaganda anti-nazista feita por eles e pelos sionistas; e, no número seguinte, publica-se a notícia de que os nazistas estão tirando os passaportes dos judeus (nº 526 – 12/05 – p. 01 e nº 527 – 14/05 – p. 01).

No *Correio Paulistano* aparece um artigo sem assinatura, com uma caricatura de Julius Streicher e o título “O anti-semitismo na Alemanha”. O artigo, vindo de Berlim, comenta a formação no Instituto de História da Nova Alemanha da seção de estudos da questão judaica, em Munique, dirigido pelo prof. Willhelm Grau e vários outros “corifeus do anti-semitismo” e que visava estabelecer o fundamento científico do anti-semitismo oficial do Terceiro Reich. O fim do Instituto era provar que o judaísmo é responsável por todas as desgraças da humanidade e que

pretendiam “granjear adeptos contra os semitas na Alemanha e em todo o mundo, mostrando a imoralidade congênita e a inferioridade física e intelectual da raça judaica.” O Instituto se orgulha de possuir entre seus membros de honra o físico anti-semita Sr. Phillipps Bernard, da Universidade de Heidelberg e titular do Prêmio Nobel (C.P. 16/05/37 – p. 15). No mesmo dia, o S.P.I.T. traz a notícia de que os judeus da Alemanha iriam para a Costa Rica, onde já havia uma colonização judaica (nº 528 – 16/05 – p. 01).

Continuemos com os ataques à dignidade judaica, na Alemanha, transmitidas pelo S.P.I.T.:

- 1) O jornal oficial dos nazistas quer uma lei proibindo nomes da Bíblia e que aqueles que o tenham sejam deportados para a Palestina (nº 530 – 21/05 – p. 01).
- 2) O ministério da Cultura ordenou que os professores falassem aos alunos que não comprem em lojas judaicas (nº 544 – 23/06 – p. 01).
- 3) De Colônia, a nota de que um decreto nazista proíbe firmas alemãs de ter representantes judeus no exterior (nº 547 – 30/06 – p. 01).
- 4) De Berlim: os judeus não poderão mudar de domicílio das pequenas cidades ao redor de Berlim (nº 548 – 02/07 p. 01).

Enquanto isso, Regalsky escreve dois artigos investindo contra a política anti-semita do nazismo (nº 543 – 20/06 – p. 02 e nº 546 – 27/06 – p. 02).

Na Alemanha, a imprensa entrou em decadência com a diminuição do número de jornais; só em 1937 fecharam mais de mil periódicos e

diminuíram sua tiragem (nº 550 – 07/07 – p. 01); a coluna mais popular e lida de um jornal, o “*Círculo Judaico*” ficou proibida de reproduzir notícias de jornais nazistas sobre a situação judaica na Alemanha, enquanto os nazistas comemoram o 15º aniversário de sua primeira vitória nas urnas (nº 552- 11/07 – p. 01)

De Viena, o S.P.I.T. relata a organização de uma demonstração anti-judaica, mas que, entretanto, alguns nazistas foram presos (nº 530 – 21/05 – p. 01); informa ainda que o prefeito de Viena faz um discurso anti-semita e exige que se retire a cidadania dos judeus do oriente (nº 540 – 12/06 – p. 01).

Começa também na Áustria a pregação racista; antes, porém, havia aparecido um artigo sem assinatura, comentando os quatro anos desde que o nazismo havia assumido o poder, na Alemanha, com o título: “A prestação de contas de quatro anos de nazismo na Alemanha” (nº 508 – 26/03 – p. 08 e 09).

Em um comunicado de Berlim, o jornal diz que foi impressa pelos nazistas uma brochura, com uma tiragem de milhares de exemplares, com o título **Os novos tipos de judeus**, onde previnem os alemães contra os judeus que parecem arianos, mas pensam, sentem e se ligam de corpo e alma aos judeus (nº 554 – 16/07 – p. 01). Curiosamente, a imprensa nazista faz elogios a um menino judeu de 11 anos, que salvou uma menina alemã de se afogar e ele próprio não se salvou do afogamento. O menino, Moses, já havia salvo outro menino alemão de afogamento, no ano anterior (nº 556 – 21/07 – p. 01). Apesar de já serem bastante freqüentes as notícias das perseguições nazistas aos judeus alemães, o *Correio Paulistano* só vai se manifestar no mês seguinte.

Enquanto isso, de Berlim, ficamos sabendo que a municipalidade de Baierm mandou retirar os avisos que estavam afixados, de que os judeus não

eram bem-vindos, nem queridos, na cidade; mas os nazistas protestaram e pediram que a municipalidade renunciasse. Uma notícia anexa comenta que os judeus foram mandados embora de Litingheim e Isich. No mesmo número, a notícia, vinda de Nova York, de que os alemães residentes nos Estados Unidos receberam um aviso de que aqueles nascidos em 1917 deveriam se registrar até o fim de julho para servir o exército alemão, fossem eles natos, ou descendentes de família alemã, indica que os preparativos para uma ação mais ampla já estavam em andamento. Só ficam liberados pelo decreto, diz o consulado, os que têm razões muito fortes para não abandonar o país por dois anos (nº 557 – 23/07 – p. 01).

Num artigo, Regalsky, nos seus “Comentários”, se admira de como Munique, tendo sido a cidade que reunia a maior parte dos poetas e músicos livres, foi “limpa” do judeu, por Hitler (nº 562 – 04/08 – p. 02). Os judeus alemães estavam perplexos diante do fato desses ataques não evocar reprovação geral. Mas muitos líderes democráticos achavam que se houvesse boicote e protestos contra a Alemanha, tornariam piores as medidas contra os judeus.

O *Correio Paulistano*, referindo-se a uma notícia de Londres, tirada da revista *Times*, de uma correspondência de Viena, procura suavizar o tipo de boicote sofrido pelos judeus na Alemanha. Fala dos festivais esportivos em que tomam parte somente judeus, sem encontrar dificuldades de espécie alguma; que uma pessoa que esteve em Berlim para essa festividade, entrevistada, afirmou que o esporte judeu parecia ter aumentado muito na Alemanha, e que seus associados haviam crescido em número (C.P. 14/08/37 – p. 04). Trata-se, pelo visto, de competições efetivamente vinculadas às comunidades judaicas, com participação ampla de judeus que, como mencionamos, haviam sido excluídos de agremiações alemãs e que, por isto, desenvolveram os seus próprios clubes. Pode-se supor, igualmente, que com o número de atividades sócio-culturais reduzidas, seja por terem

sido excluídos, seja por constrangimento na participação, seja ainda devido a maiores dificuldades econômicas, muitos judeus podem ter se voltado ao esporte como uma das poucas opções ainda acessíveis.

Logo em seguida, esse jornal noticia, de Berlim, que as “pessoas de sangue alemão que usem nomes judaicos” poderão ser autorizadas pelo Ministério do Exterior a trocá-los por outros de origem germânica. O decreto se torna extensivo “aos mestiços judeus e alemães que tinham uma proporção mínima de sangue israelita” (C.P. 19/08/37 – p. 06). Já no jornal judaico, há um artigo sobre o apelo de Hitler aos católicos e protestantes para se unirem contra o “Anti-Cristo”. O artigo nos faz pensar que a união dos católicos e protestantes serviria para apoiarem os judeus, não o contrário, e pede que os católicos da América do Sul façam o mesmo (nº 568 – 18/08 – p. 06).

Depois de mais de dois meses sem ser editado, o S.P.I.T. traz novas notícias dos horrores que vinham sendo perpetrados na Alemanha. Os sinais dessa violência eram mais do que visíveis. São alarmantes, ao menos para aqueles que não estejam imersos em transes catatônicos por medo de sentir medo, mas em todas as partes do mundo civilizado, o sofrimento dos judeus alemães foi recebido com um estranho silêncio.

O governo alemão avisou às instituições judaicas, inclusive às sionistas, que deveriam despedir seus auxiliares que não fossem alemães; com isso, mais ou menos quinhentas famílias de judeus poloneses que viviam há muitos anos na Alemanha ficam sem emprego e sem ter seu sustento (nº 571 – 29/10 – p. 01).

Continuam as notícias da Alemanha: de Berlim, o órgão dos “camisas negras” diz que os judeus continuam, às escondidas, a se reforçarem e exige que as leis sejam mais duras com eles (nº 573 – 03/11 – p. 01). Em seguida,

de Hamburgo, vem a nota de que um conhecido advogado judeu, de 56 anos foi julgado e sentenciado a dez anos de prisão, sob a acusação de “vergonha racial” (raçn-shande). Essa sentença é a maior desde que o decreto da “vergonha racial” foi decretada (Raçn-Shande = vergonha racial, era o nome que os nazistas davam ao relacionamento amoroso entre um judeu (ou judia) com uma ariana(o) e era uma das proibições impostas pelas leis de Nüremberg) (nº 579 – 21/11 – p. 01). (Essa notícia foi repetida no nº 486 – 08/12 – p. 01); de Berlim – A agência da ITA (Jewish Thelegraphic Agency) foi procurada e vasculhada por policiais que mandaram cerrar a agência, alegando um decreto de 1933. Por intervenção do cônsul dos Estados Unidos, o chefe de polícia disse que ia verificar o que havia acontecido pois ele não sabia de nada. A ITA é um agência americana e por convenção internacional entre Alemanha e Estados Unidos, não podia ser prejudicada. A propaganda foi, no regime de Hitler, uma das mais poderosas armas para a consolidação do sistema. Assim, a par da tentativa do fechamento da agência noticiosa, realizou-se, conforme notícia procedente de Munique, a exposição “O judeu errante”, com o propósito de incentivar o anti-semitismo e dizer que o judeu é o mal do mundo.

O mesmo número informa ainda que os alemães atacam os países democráticos por receberem bem os judeus, dizendo que os mesmos irão se arrepender e, ainda de Berlim, um decreto assinado por Hitler e seu ministro da justiça tira o direito de herança dos judeus e também dos que são casados com judeus (nº 581 – 26/11 – p. 01). Em Viena, porém, a polícia dispersou um grupo de nazistas que estavam comemorando no escritório de propaganda deles o aniversário do puch em Munique, cantando canções anti-semitas e gritando “Heil Hitler” (nº 582 – 28/11 – p. 01).

A estruturação da concepção nazista sobre o destino dos judeus não se restringiu o território europeu. O S.P.I.T noticia que a imprensa nazista apoia os assassinos árabes, copiando os exemplos dos jornais fascistas italianos,

que nem falam dos assassinatos do povo judeu na Palestina (nº – 584 03/12 – p. 01).

Na busca de soluções salvadoras, sob os auspícios da Associação de Ajuda aos Judeus Alemães, foi anunciada a possibilidade da emigração desses judeus para a Austrália e Colômbia (nº 585 – 05/12 – p. 01).

As propostas diversas em prol dos judeus não estão isentas de percalços. A sugestão de se criar um estado judaico na África, feita pelo conde Calergin, de Viena, adverte para o perigo de que uma rebelião nacionalista anti-semita na Rússia ou na Polônia poria em perigo a existência do povo judeu (nº 586 – 08/12 – p. 01).

Mais notícias sem comentários, na página 01: de Berlim – Os jornais contam que dois juizes condenam alguns fregueses nazistas, que não queriam pagar o que haviam comprado de negociantes judeus, a pagarem suas dívidas; o ministro da Educação fez saber que nas cidades onde não há escolas judaicas, os pais podem mandar as crianças para a escola elementar, mas devem arcar com o pagamento do transporte; os jornais comentam que Hitler tirou a cidadania de um dos maiores jornalistas, diretor do “Berliner Togheblat”, judeu, que vive atualmente no estrangeiro, pelo decreto de 1933, que lhe permite tirar a cidadania de quem ele acha que não a merece (nº 587 – 10/12 – p. 01).

Em Paris, comentam-se as notícias da Alemanha, de que a política exterior desse país tem como mira confirmar que o lugar onde moram os alemães faz parte da nação; existem muitos boatos a respeito desse assunto na Alemanha. Em “Notas e Comentários”, N.F. relata a visita do duque de Windsor à Alemanha, afirmando que esse nobre, ao visitar Nüremberg, não quis se encontrar com Julius Streicher nesse local, que é o centro das atividades anti-semitas e que os cartazes de propaganda anti-semita haviam

sido retirados da cidade nesta ocasião (nº 588 – 12/12 – p. 01). No mesmo número, na página 02, transmite-se a notícia de que em Viena são fundados clubes nazistas, sob os mais variados títulos, pois as associações políticas são proibidas; assim, podem reunir pessoas das mais diversas posições para espalhar sua propaganda. Com um artigo versando sobre o mesmo tema, publica-se um artigo sem autoria, com o título: “Nazistas infestam a Áustria com “clubes” com nomes falsos” (p. 04).

Todas essas notícias dos horrores que vinham sendo perpetrados na Alemanha nazista foram recebidas com incredulidade e indiferença em outros países. Ninguém era capaz de acreditar que, em pleno século XX, a mente humana pudesse criar tamanho caos na vida de pacíficos cidadãos.

De Breslau – um médico judeu se suicida na prisão, depois de ser acusado de “vergonha racial”. O médico era casado com uma não-judia e o processo continuará contra os que colaboravam com ele no sanatório do qual era proprietário. Os nazistas dizem que não deve haver propriedades nas mãos dos judeus (nº 589 – 15/12 – p. 01). Esse caso é semelhante ao do advogado judeu, julgado e condenado a dez anos de prisão, noticiado anteriormente. Artigo sem assinatura comenta que foram proibidas na Alemanha campanhas para recolherem dinheiro para as igrejas católicas e protestantes. Apesar de não ser permitido por lei, ainda há doadores. A segunda parte do artigo comenta que o ministro da cultura nazista vetou o ensino do Antigo Testamento para as crianças, pelos padres católicos e protestantes, o que gerou protestos; o ministro de cultura alegou, então, que só se deveriam educar as crianças no espírito nazista e que não se podia ofender a raça alemã (nº 589 – 15/12 – p. 04). Espantosamente, um alto dirigente nazista, de nome Kerl, num discurso pronunciado em Hagen, na Vestfália, disse que Deus era nazista e Hitler, seu profeta e processou alguns religiosos por imoralidade (nº 590 – 17/12 – p. 01).

Mais notícias de Berlim: 1) Numa cidade alemã, um alto comissário nazista decretou que todas as lojas, indústrias, etc., deveriam expor cartazes onde contariam suas origens alemãs e que não tinham empregados judeus lá, nem no exterior; 2) dois alemães foram condenados a quatro e seis meses de prisão, respectivamente, por protestarem publicamente contra ataques aos judeus. Ao mesmo tempo, foi implantada a “campanha de inverno”, anti-semita, que declara que enquanto houver um judeu na Alemanha, o problema judeu será prioritário (nº 591 – 19/12 – p. 01). Na página 02 do mesmo número, um artigo sem assinatura conta o caso de que a propaganda de lojas e profissionais judeus foi proibida, em Berlim; pela nova lei, os judeus não podem enaltecer seus artigos, nem colocar placas na porta.

Um boato circula em Berlim: os jornais nazistas divulgam que a epidemia de inflamação da garganta que grassa em algumas cidades alemãs foi propositadamente espalhada pelos comerciantes judeus (nº 592 – 22/12 – p. 01); na mesma semana, um assunto que afeta a comunidade judaica: a falta de líderes jovens; os dirigentes mais velhos, que puderam, emigraram e os jovens não foram preparados para a chefia (nº 593 – 24/12 – p. 01).

Obras faraônicas faziam parte do plano nazista de “construir” a grande nação alemã. Assim por ocasião da colocação da pedra fundamental da “Faculdade das Ciências Militares”, Hitler declarou que essa edificação seria o início da eternidade de Berlim e que a cidade seria remodelada, para a volta do orgulho de seus cidadãos. Ao mesmo os jornais nazistas noticiam as grandes ações dos seus simpatizantes na América e alardeiam que o movimento nazista na América já catequizou todos os alemães de lá, e até americanos.

Na mesma página do mesmo dia, o jornal *Ídiche* traz mais notícias de Berlim: com o título “Notícias do inferno nazista”, relata que os círculos judaicos de lá estão muito aborrecidos com a demissão do único não anti-

semita do partido nazista. Eles temem que Goering, que ficará no lugar do demitido, intensifique os atos de afastar os judeus, na sua política econômica, apoiado por leis, na sua atividade de boicote. E mais ainda, quarenta e cinco padres católicos, cento e setenta freiras e vinte e um funcionários de diversas ordens foram condenados por imoralidade (notícia já veiculada anteriormente); pela comunicação, outros padres, freiras e funcionários serão, também, condenados à prisão. Os nazistas clamam contra a Lituânia, dizendo que o governo lituano não respeita o direito dos alemães de lá; dizem que Hitler não é só o guardião dos alemães da Alemanha, mas dos alemães do mundo todo (nº 594 – 29/12 – p. 01).

No último dia do ano, ainda uma notícia de Berlim, acerca de uma conferência de dirigentes sociais judeus; proeminentes figuras de diversas atividades discutiram importantes problemas, inclusive a proteção à saúde, a emigração e ajuda social.

De Viena a nota de que foi fechado um jornal pró-Goering, que usava estereótipos anti-judaicos e insuflava o anti-semitismo; outra notícia, também de Viena é de que um renomado professor de cirurgia alemão recebeu o prêmio nazista “Anti-prêmio Nobel” na última reunião da Academia alemã, em Berlim, mas que lá esqueceram de salientar que seu trabalho sobre anestesia era baseado na pesquisa e descoberta de um professor judeu oftalmologista, de oitenta anos, que vive nos Estados Unidos (nº 595 – 31/12 – p. 01).

A imprensa ainda não estava totalmente controlada pela censura oficial e deve ser por isso que se podia ler a grande quantidade de notícias sobre os ataques e afrontas aos judeus, pois no governo brasileiro já se abrigavam simpatizantes do eixo Roma-Berlim.

Considerações finais

Através do S.P.I.T. ficamos sabendo das perseguições, boicotes, pogroms e ofensas à população judaica indefesa em quase todos os países em que esses ataques eram perpetrados, transmitidos pela agência de notícias judaicas americanas I.T.A. No entanto, o *Correio Paulistano* se abstém de noticiá-las; quando muito, lemos artigos em que contam que os judeus, na Alemanha mantêm seus padrões de vida secular e desportiva ativas ou alguma outra notícia, contando as restrições feitas a eles; fala também da formação de um instituto cuja finalidade era provar que o judaísmo era responsável por todas as desgraças da humanidade. A coluna “Germânia”, inserida em muitos dos exemplares, só divulgava entre outros itens , artigos virulentamente anti-semitas.

As restrições à imigração do judeu no México foi um dos tópicos que foram divulgados por ambos os jornais, sem comentários ferinos.

Palestina (Eretz Israel)

Palestina (Eretz Israel)

Para se entender o sentido dos artigos e notícias sobre a Palestina, faz-se mister conhecer um pouco da história do desenvolvimento do movimento sionista e que levou a região a ficar sob o mandato Britânico.

Durante o século XIX, quando movimentos nacionalistas sacudiram a Europa, com a idéia essencial do direito de cada nação a uma soberania completa, o povo judeu também foi afetado e país após país da Europa lhes concedeu igualdade de direitos. O judeu esclarecido do século XIX sentiu-se preparado para fundir-se com a maioria nacional. “Dever-se-ia abrir mão de todos os ingredientes nacionais na fé judaica e os judeus deveriam tornar-se membros individuais das várias nacionalidades ocidentais. Mas isso não aconteceu. Os judeus continuaram a ser mantidos unidos por uma poderosa tradição e ligação emocional” (Abba Eban – p. 261). Os primeiros sionistas (nacionalistas judaicos usando a idéia e o ideal do estabelecimento dos judeus na terra dos antepassados, a Palestina) foram todos homens do século XIX, intensamente envolvidos com os problemas do seu tempo (p. 261). O século XIX assistiu a uma completa transformação da situação judaica, particularmente na Europa ocidental. Judeus, muito freqüentemente, atingiam posições de destaque na economia e desempenhavam um papel predominante no desenvolvimento industrial e comercial na Europa Oriental e Central (p. 263). Na Europa Oriental, porém, os direitos civis aos judeus tardaram a chegar.

A onda de pogroms que teve início em 1871, depois da rebelião polonesa, intensificou-se na política russa anti-judaica, e o “Numerus Clausus”, ou seja, a limitação do número de judeus que poderiam freqüentar a universidade, foi introduzido em etapas progressivas.

Em maio de 1881, após o assassinato de Alexandre II, a nova política anti-judaica foi inaugurada, com a cooperação da polícia russa.

Em 1882 Leon Pinsker, um judeu de Odessa, em panfleto intitulado “Auto-Emancipação”, procurou encontrar a “forma” de emancipação que não deixasse o judeu perpetuamente à mercê de outros. Era a idéia da libertação nacional.

Os judeus continuaram a viver, em sua maioria, na Rússia e Polônia, em condições de miséria e opressão, mas não se sentiam proscritos ou desarraigados; suas relações entre si e com o mundo exterior não sofriam qualquer ambivalência sistemática, segundo Abba Eban: “Suas vidas estavam ligadas à observância religiosa e suas mentes e corações estavam repletos das imagens e simbolismo da história da religião judaicas” (Abba Eban, p. 269).

Para debater a problemática da situação judaica, em 1897 realiza-se na Basiléia, Suíça, o Primeiro Congresso Sionista, convocado por Theodor Herzl, depois do sucesso da publicação da sua brochura *O Estado Judeu*, em 14 de fevereiro de 1896. O congresso, com 196 delegados de países da Europa e América, aconteceu em 29-30-31 de agosto de 1897 e Herzl chegou à conclusão de que uma vivência judaica decente somente poderia ser atingida no território da Palestina.

Antes disso há havia sido cogitado que outros países aceitassem os judeus que haviam sofrido os massacres na Rússia e Ucrânia. Assim, sugeriram receber de Portugal a permissão para o estabelecimento de judeus em Moçambique; da Bélgica, para os judeus colonizarem as terras do Congo; da Itália, para que cedesse aos judeus a Tripolitânia; a Uganda fora sugerida, depois, por Chamberlain e os sionistas passaram a considerar essa colonização “auxiliar”; a colonização judaica, na Criméia, Ucrânia e

finalmente Birobidjã foram as últimas tentativas de criar territórios de concentração judaica na Rússia, mas nenhuma delas deu resultados.

Em 1897, a Palestina era governada pelo Império Otomano e assim permaneceu até 1917. O país estava grandemente devastado com a decadência econômica e política, acentuada por uma série de terremotos, pragas em colheitas e fome. Por várias vezes surgira a idéia de restituir a Palestina aos judeus. Napoleão Bonaparte, já em 1799, emitira uma proclamação aos judeus do mundo considerando-os legítimos herdeiros da Palestina. No século XIX, diversos grupos judaicos da Europa Central começaram a demonstrar interesse pela Palestina. Organizações estudantis adotaram como parte de sua plataforma a restauração de um estado judeu lá. Sir Oliphant, um escritor e diplomata, membro do parlamento inglês, advogou o estabelecimento de um Centro Judaico na Palestina, sob o protetorado da Grã-Bretanha, em seu livro **The Land of Gilead**.

Em 1845, havia aproximadamente 12.000 judeus em toda Palestina, em sua maioria concentrada nas cidades sagradas de Jerusalém, Safed, Tiberíades e Hebron. Eram pobres, sustentados pela caridade do exterior. Em 1882 teve início a primeira onda imigratória dos tempos modernos, com parte de seus membros dedicando-se à agricultura. Quando o Primeiro Congresso Sionista se reuniu na Basileia, a moderna Palestina Judaica tinha 15 anos de idade e em 1897 existiam lá 18 colônias judaicas.

No V Congresso, em 1901, foi criado o Fundo Nacional Judaico (Keren Kaiemet Le-Israel), o que possibilitou a compra, reflorestamento e criação de cooperativas agrícolas socializadas experimentais.

Enquanto o sionismo crescia vertiginosamente, aproximava-se a Primeira Guerra Mundial, desencadeada em 1914 e, com o renascimento de

várias nacionalidades, era o momento decisivo para as reivindicações nacionais e políticas do povo judeu.

Em 2 de novembro de 1917, o Gabinete Britânico aprovou o texto que se tornou famoso como “Declaração Balfour”, em que “o governo de sua majestade encara favoravelmente o estabelecimento de um lar nacional para o povo judeu” na Palestina. Obteve a aprovação dos governos francês, italiano e norte-americano.

Os representantes da Organização Sionista pediram, então, por ocasião da Conferência de Paz, em Paris, em 1919, que transferissem a soberania da Palestina para a Liga das Nações, sob a administração da Grã-Bretanha, como potência mandatária. Em 16 de julho de 1922, o Conselho da Liga das Nações ratificou o mandato, reconhecendo, assim, o direito histórico do povo judeu à Palestina.

Enquanto vários governos de países europeus sugerem a formação de colônias para abrigar os judeus “sobressalentes”, como dizem os polacos, em regiões como Madagascar (nº 483 – 24/01 – p. 04 e nº 490 – 12/02 – p.06), mandando inclusive uma delegação para estudar a possibilidade de instalação naquela região da África (nº 533 – 29/05 – p.01) e da União Soviética escolher Birobridjã como local do estado judeu de lá, o Mandato Britânico tenta resolver os problemas entre árabes e judeus assentados na Palestina.

O S.P.I.T. desfia, ao longo do ano de 1937, uma série de notas, notícias e comentários sobre os mais variados aspectos da vida na Palestina ou a eles vinculados. Assim, aos comentários sobre o governo palestino, que faz muito pouco pela educação judaica, conforme confirma o diretor de cultura da Agência Judaica, Humphrey Ernst Bauman, juntam-se testemunhas do valor do Dr. Arthur Ruppín, economista da mesma Agência,

e de A. Epstein, do seu departamento político, sobre a aplicação do dinheiro na Palestina, divulgados perante o comitê Real (US\$ 24.500 aplicados na Agricultura, pelo Keren Hayessod e pelo Fundo Nacional Judaico) (nº 474 – 01/01 – p. 06 e nº 475 – 06/01 – p. 06).

Em 1937, o nível econômico e tecnológico dos assentamentos judaicos era espetacular pelos padrões do Oriente Médio, mas abaixo do nível médio europeu. O traço destacado dessa sociedade era o de encarar o mundo com sua própria imagem e o seu caráter hebraico. A velha língua, ampliada e renovada, era o veículo de um impressionante movimento literário. Sua força motriz era a busca de identidade. Os seus ideais eram coletivos e importava como servir à nação em crescimento. A política floresceu, com diferentes matizes de esquerdismos e direitismos.

Os distúrbios, greves e motins dos árabes contra os “chalutsim” (pioneiros que se instalaram com a idéia de redimir o solo e se redimir como judeus em várias cidades da Palestina) são assunto para editoriais do S.P.I.T., fazendo apelo para que o povo e jovens judeus de todo o mundo amparem e defendam esses trabalhadores no resguardo de seu patrimônio e sua posição conquistada com suor. “Eles serão os mais confiáveis guardiões da propriedade do povo e da terra da liberdade judaica.” Com o pacto Roma – Berlim e o pronunciamento de Mussolini, na África, se dizendo o redentor do Islã no mundo, os judeus são incentivados mais ainda a levantar a voz em defesa da libertação do povo judeu. Em outro número do jornal, na sua coluna “Comentários”, M. Regalsky se refere, em um dos tópicos, a essa declaração de Mussolini (nº 479 – 15/01 – p. 01, nº 486 – 31/01 – p. 04, nº 505 – 19/03 – p. 04 e nº 509 – 31/03 – p. 02).

As ocorrências policiais e agitações entre árabes e judeus na Palestina são motivos que atraem a atenção do jornal *Correio Paulistano*, pois o número de notícias que traz a respeito é volumoso. Traz fotos, inclusive, da

comissão inglesa que foi à Palestina decidida a acabar com os confrontos entre judeus e árabes (C.P. 21/01/37 – p. 24) e comenta, numa nota ao pé da página, a lei marcial promulgada naquele dia, ao meio dia, a pedido dos chefes das organizações judaicas que temiam agitações entre a população árabe contra a imigração dos judeus. A decretação do estado de sítio em toda a Palestina evitaria novos e sangrentos conflitos (C.P. 19/03/37 – p. 16). Notícias sobre os distúrbios são trazidos no jornal *Ídiche* (nº 484 – 27/01 – p. 06). Uma observação importante que temos que registrar é que o jornal *Ídiche* raramente usa o termo “Palestina”; usa sempre o termo judaico “Eretz Israel” (Terra de Israel). No nosso estudo passamos a escrever “Palestina”, nome pelo qual o país era mencionado na maioria das línguas sempre que o jornal se refere a “Eretz Israel”.

Os terroristas continuam a ameaçar o tráfego entre Jerusalém e Tel-Aviv, onde houve vários assassinatos. Nas proximidades de Haifa, um bando armado atacou quatro carros e despojou os viajantes. Em Calinéa, numa colônia judaica, houve tiroteio e a intervenção da polícia (C.P. 20/03 – p. 03 e 30/03 – p. 02).

A Histadrut, Federação Geral dos Trabalhadores de Israel – (Federação Sindical fundada em 1920), realiza na “Liga dos Trabalhadores na Palestina” sua reunião e, houve imponentes comemorações pelos sucessos obtidos e o público se divertiu até a noite. David Ben Gurion, ativista do movimento sionista e, posteriormente, chefe do governo, discursa nessa reunião, respondendo aos ataques árabes e defendendo os operários da Palestina, enquanto a Comissão de Investigação inglesa nesse território faz seu trabalho de investigação sobre a parte que ficará para os judeus. Esses tópicos fazem parte de dois editoriais e um artigo, onde ainda é comentado que os principais problemas da Palestina são imigração e segurança e que o comitê deverá dar respostas a essas questões (nº 475 – 06/01 – p. 05, nº 506 – 21/03 – p. 04 e nº 516 – 16/04 – p. 05).

Vários artigos são escritos no jornal judaico sobre o desenvolvimento das cidades onde os judeus se estabeleceram. Assim, L. Valman escreve “O porto de Tel-Aviv cresce dia a dia”; S. Niger diz que “Os judeus não voltarão ao gueto”, mostrando o tipo de vida no novo assentamento; M. Regalsky, no artigo “Os que recuperaram as rochas”, de seu livro *O que vi na Palestina*, conta do sucesso dos judeus nessa terra; ainda M. Regalsky fala do “O Milagre de Kfar Guiladi”, outro assentamento agrícola judeu; Dr. A. Mabashan escreve sobre “Lembranças da Palestina para Eretz Israel”; Dr. N. Slushtz conta em “Importante escavação arqueológica na Palestina” sobre a descoberta de cemitério; Z. Katler comenta “A obra das operárias judias na Palestina” e o Dr. A. S. Yuries escreve sobre “A Palestina neste momento” (nº 489 – 10/02 – p. 03; nº 492 – 17/02 – p. 02; nº 502 – 12/03 – p. 06; nº 505 – 19/03 – p. 02; nº 508 – 26/03 – p. 04; nº 512 – 07/04 – p. 03 e 07; nº 518 – 21/04 – p. 03 e nº 521 – 28/04 – p. 06 e 07).

Todos esses artigos pretendem motivar os leitores com as vitórias obtidas pelo “novo” judeu em terras que pretendem obter do governo britânico, quando este deixar o seu mandato.

Esse é o objetivo também do artigo “Os trabalhos do comitê Real” – “Falou a consciência do povo judeu”, quando escreve que as notícias transmitidas pelo Dr. Chaim Weizmann, numa reunião fechada, foram as mais grandiloquentes desde a Declaração Balfour e o Dr. Shekster, nesta reunião, descreveu como os judeus construíram um país produtivo (nº 482 – 08/01 – p. 02).

Enquanto isso, um artigo, de Londres, comenta o depoimento de um comissário da Liga das Nações sobre os imigrantes que chegam à Palestina sem documentos e sua declaração favorável à conferência sobre imigração e, das queixas que os judeus dirigem ao comitê Real, uma é muito importante:

é a dificuldade na compra e na garantia de propriedades, pois estas não ficam registradas (nº 482 – 22/01 – p. 04).

Os árabes também se queixam: o Emir Shekiv Arslan critica a Inglaterra, que antes era aliada da Alemanha, segundo suas palavras, e agora é pró-judeus (nº 483 – 24/01 – p. 03).

Os judeus respondem mostrando as possibilidades industriais na Palestina e sobre o contínuo progresso em Tel-Aviv. Contam ainda dos novos trabalhos científicos da Universidade Hebraica e dos “passos em frente” dos operários da Palestina (nº 483 – 24/01 – p. 03 e 06; nº 491 – 14/02 – p. 03; nº 493 – 19/02 – p. 04 e nº 499 – 05/03- p. 04).

Com isso procuram incentivar a imigração à Palestina, em “Seja um imigrante da Palestina”, contando o que acontece “Dentro e em torno da pátria judaica” (nº 491 – 14/02 – p. 03).

Senadores americanos exigem que se “Abra a margem oriental do Jordão, para os judeus”, ficamos sabendo por um artigo; grandes conferencistas, na América, apoiam as reivindicações dos judeus, em “Dêem todos os direitos dos judeus” e dirigentes sindicais de trabalhadores judeus, da América, se associam a movimento da Palestina (nº 487 – 05/02 – p. 02; nº 488 – 07/02 – p. 02 e nº 500 – 07/03 – p. 04).

No S.P.I.T. ainda há artigos sobre os territórios que seriam destinados à colonização judaica e um artigo comentando a palestra do Prof. Brodsky sobre a situação do sionismo de então (nº 488 – 07/02 – p. 02 e nº 492 – 17/02 – p. 03).

Curiosamente, um artigo sem assinatura, publicado em 12 de março de 1937, comenta o apoio dos operários da Palestina aos legalistas espanhóis

e a notícia das mortes heróicas de quatro oficiais judeus, no exército popular da Espanha (O S.P.I.T. traz, durante o ano todo, notícias, na primeira página sobre a Guerra Civil Espanhola) (nº 502 – 12/03 – p. 04 e nº 486 – 31/01 – p. 03).

Em todos os números do jornal *Ídiche* temos artigos e notícias da Palestina, uns com títulos como “Sobre a vida na Palestina”; “Impressões sobre a Palestina”; “Em torno do plano de distribuição”; “Os judeus palestinos exigem proteção”; “Notícias da Palestina” e mais, que traduzem as ânsias do povo judeu em relação à “Terra Prometida”, comentando a vida e percalços desse povo, nesse lugar (nº 512 – 07/04 – p. 04, nº 514 – 11/04 – p. 03, nº 519 – 23/04 – p. 06, nº 520 – 25/04 – p. 03 e nº 522 – 30/04 – p. 05).

Desde 1929, a tranquilidade na Palestina havia sido quebrada por distúrbios árabes em que 133 judeus foram mortos, várias centenas feridos e houve destruição em grande escala de propriedades judaicas. Houve protestos da liderança judaica, inclusive do Dr. Weizmann contra o governo britânico que demonstrara “indiferença, ineficiência e hostilidade, que ajudaram a dar aos líderes árabes sua oportunidade” (Eban, p. 320). Durante algum tempo, depois de confabulações políticas, o país progrediu economicamente. Em 1935, com a intensificação das medidas anti-judaicas na Alemanha, a imigração judaica alcançou um total de 62 mil pessoas. Propostas britânicas para um conselho formado por judeus, árabes e funcionários britânicos foram rejeitados pelos judeus, porque lhes ofereciam muito pouco e pelos árabes, porque ofereciam demais aos judeus.

As desordens que começaram em abril de 1936 tiveram a dimensão de uma revolta árabe em grande escala. A princípio, foram esporádicas, mas sob a instigação da liderança árabe, não tardaram a propagar-se por todo o país.

O jornal *Correio Paulistano* se dedica mais e mais à cobertura dos fatos e relatos dos acontecimentos na Palestina. Assim, há dois tópicos no mesmo dia: o primeiro descreve que os ataques terroristas dos árabes aos judeus, contando vários desses ataques, onde o “ódio de raças ensangüenta os campos”. Num deles um grupo de árabes teria massacrado os judeus que oravam ao pé do Muro das Lamentações de Jerusalém, se não interviesse uma patrulha escocesa que se encontrava próxima ao local. Com o subtítulo “Juramento de fanáticos”, conta que agitadores muçulmanos, inimigos declarados do sionismo, estão dispostos a impedir, com armas na mão, que os hebreus estabeleçam na Palestina um Estado Judeu. Houve tentativas de restabelecer a ordem por parte do governo e aumentaram até os efetivos militares. Houve a detenção de um beduíno suspeito da matança de mais nove judeus em Hebron, mas não havia provas e os beduínos ficaram mais audaciosos: “atacam automóveis cheio de turistas; descem até as lavouras dos israelitas para destruir seus laranjais; preparam emboscadas; incendiam. Sua insolência chega ao extremo de penetrar num bairro de Jerusalém e disparar contra uma multidão pacífica que saía de um cinema. As balas vitimaram homens, mulheres e crianças.” Continua descrevendo que a captura desses terroristas é bastante difícil e eles continuam a atirar bombas nos trens e na estrada de rodagem. Além disso, o pior é a aparição da “Legião Negra”, associação que merece, como nenhuma outra, o nome de terrorista e “tem como aliados os beduínos do deserto, nômades para quem a pilhagem, a guerra de rapina e assassinio são coisas de todos os dias.” Os ingleses crêem que os árabes copiaram sua seita da chamada “Legião Negra” que tanto trabalho deu à polícia dos Estados Unidos e que se assemelha a Ku-Klux-Kan (sic). O artigo parece mostrar que o articulista deplora os fatos na Palestina, estando contra os atos dos árabes e beduínos terroristas, deflagradores dos ataques e lutas na região (C. P. 15/04/37 – p. 17).

Enquanto um Comitê Superior Árabe, estabelecido para organizar os distúrbios, proclamou uma greve geral que deveria durar até que as exigências árabes para imediata cessação da imigração judaica fossem atendidas, o comitê também exigiu uma proibição da venda de terras árabes a judeus.

As autoridades britânicas tentaram uma política de conciliação, mas as desordens prosseguiram, até que o governo mandatário fez vir reforços e até entregou armas a judeus, para a sua defesa.

Num artigo sem assinatura, o *Correio Paulistano* faz uma descrição da cidade de Tel Aviv, elevando às alturas seu alto nível. Com título e subtítulo como: “A cidade que é um poema de luzes e de cimento armado sobre a areia dos desertos”, “Rápida história da mais bela metrópole” e “O velho sonho judeu perturbado pelo barulho e vibrante ‘Jazz-band’ ocidental”, o artigo fala da vibrante cidade que 60 famílias judias fundaram em 1908, ao norte de Jaffa, fugindo aos altos aluguéis de Jaffa. Relata em termos elogiosos o que contam e as impressões que turistas descrevem “ao regressar desta nova maravilha.” Do modernismo das edificações, da iluminação, da vibrante vida nas suas ruas. Enumera as personalidades judaicas que se sobressaíram, desde cientistas, filósofos, escritores, músicos, como se estes louvores estivessem sendo ditos pelos judeus de Tel-Aviv. Não deixa de ser um preito ao povo judeu, mas comenta a real situação da Palestina, na luta entre árabes e judeus, e que a luta tem um significado mais profundo que o de uma simples questão racial ou religiosa; que é “uma evidente manobra do imperialismo ocidental, que sabe distribuir bem as armas que põe nas mãos de seus colonizados orientais”. À Inglaterra interessou ser árbitro dessas lutas árabe-semitas. Mistura o caso da Inglaterra com a Abissínia, fazendo comparação de Lawrence com o “Negus”. Ao analisar o movimento sionista, no seu propósito de repovoar a Palestina, com o retorno dos judeus à colonização de terras, “ao serviço de um novo imperialismo”, o de um

“imperialismo dominado pela banca judia”, diz que deveria se tratar de “criar uma república semita mas não na forma em que preconizam os sionistas, mas eliminando os grão-senhores que utilizam sua condição de hebreus para realizar magníficos negócios. A nação judia terá de ser a nação das massas judias, únicas sacrificadas pelos movimentos regressivos”. Fala de Birobidjã e Tel-Aviv como as únicas que poderão levar o povo judeu à história. Analisa o momento histórico da cidade, dizendo que só fora do foco de influência dos traficantes de armas e de crises de super produção, se pode criar, com tranqüilidade, uma nação. “E como não existe sobre a terra lugar que esteja longe de tais coisas, contra tais coisas deve estar alguém que queira construir algo”. Diz que as “massas judias” não vão à Palestina senão quando expulsas de alguma parte. Elogia ainda Tel-Aviv como cidade de personalidade própria, “uma carta de apresentação que os judeus exibem ante a história, para ocupar o lugar que lhes corresponde” (C. P. 25/04/37, p. 17).

Enquanto o articulista do S.P.I.T., N. Herman, escreve um artigo propondo um comitê para coordenar a paz entre judeus e árabes, um apelo de Jerusalém pelo diálogo entre árabes e judeus, antes que seja tarde, é feito. Os judeus se dispõem a explicar aos trabalhadores árabes o verdadeiro esforço construtivo e de amizade dos chalutzim, em função do diálogo judeu-árabe (nº 522 – 30/04 – p. 09, nº 526 – 12/05 – p. 01 e nº 527 – 14/05 – p. 01), e ficamos sabendo que os ingleses afirmam que o mandato não será modificado, pois ainda há muito espaço para a imigração judaica e que é meta da Inglaterra não só permitir, mas incentivar a ida de judeus à Palestina (nº 525 – 09/05 – p. 01 e nº 526 – 12/05 – p. 07).

O diálogo árabe-judeu é reclamado cada vez mais pelos líderes sionistas judeus, tanto para resolverem a situação de quotas que os judeus não podem ultrapassar para entrar na Palestina, quanto sobre o mandato da Palestina, de que a Inglaterra não quer se desfazer. Sobre esse item, há um

editorial no jornal *Ídiche*, dizendo que os judeus saberão o que fazer, com a compreensão no diálogo com os árabes “na terra mãe dos dois povos” (nº 527 – 14/05 – p. 01 e nº 528 – 18/05 – p. 04).

No S.P.I.T., há o relato de que um jornal inglês se refere à sugestão feita ao governo britânico de se dividir a Palestina entre árabes e judeus, mas que algumas cidades ficariam sob o mandato britânico (nº 530 – 21/05 – p. 01) e o *Correio Paulistano*, então, conta das reuniões dos sionistas judeus, depois da publicação do projeto de divisão da Palestina em zonas judaicas e árabes; os oradores, diz a notícia, entre os quais o Sr. Goldman (Nahum Goldman, líder sionista), se opunham à limitação de imigração judaica e a proibição de venda de terras na Palestina (C. P. 25/05/37, p. 04).

O *Correio Paulistano* traz mais notícias sobre os incidentes entre judeus e árabes: conflitos entre dois árabes e dois judeus deixaram um árabe ferido; sob o título “As agitações na Palestina custaram um milhão de libras à Inglaterra”, uma nota de Londres conta que, no ano anterior, os combates entre árabes e judeus fizeram com que a Inglaterra aumentasse consideravelmente seus efetivos militares, enviando fortes contingentes da Grã-Bretanha e do Egito para a Palestina (C.P. 22/05/37 – p. 02 e 26/05/37 – p. 03).

Com a formação de uma Comissão Real, presidida por Lord Peel, que foi à Palestina para investigar os distúrbios e propor medidas que assegurassem a paz, o problema da Palestina entrou, então, numa etapa nova e decisiva.

O relatório da comissão foi publicado em 07 de julho de 1937, junto com um Livro Branco do governo, e recomendava um plano de partilha para a Palestina, segundo o qual a parte árabe do país tornar-se-ia um estado árabe e uma parte menor seria constituída como um estado judeu. A Agência

Judaica tentou negociar com o governo britânico, a fim de melhorar a proposta da partilha à qual os árabes eram contrários. Os violentos distúrbios continuaram durante 1937 e 1938.

Sobre a divisão da Palestina, tanto o jornal *Ídiche* quanto o *Correio Paulistano* trazem sempre notícias. No S.P.I.T. a nota, de Londres, sem comentários, é de que o relatório da Comissão Real para a Palestina segue para o Parlamento e de que o plano de divisão já está no comitê do mandato (nº 532 – 26/05 – p. 01 e nº 538 – 09/06 – p. 01) e no *Correio Paulistano*, também de Londres, notícia conta que o relatório apresentado ao governo britânico prevê a divisão da Palestina em dois estados delimitados por zonas judaicas e árabes, também sem comentários e em seguida uma nota onde comenta, sob o título “Pela divisão da Palestina”, que esta terra teria um Estado autônomo judeu e um Estado árabe ligado à Transjordânia. Mas essa divisão só poderá ser adotada com a decisão da Comissão de Regimento e do Conselho das Sociedades das Nações (C.P. 26/06/37 – p. 02 e 30/06/37 p. 06). Temos também outras categorias de notícias amenas da Terra Santa: notícia de Jerusalém nos dá conta de que 10.000 judeus requereram a cidadania nos últimos meses; querem ser cidadãos da Palestina; um comentário e um editorial, em seguida, sobre o 20º Congresso Sionista, apoiam-no (nº 532 – 26/05 – p. 01, nº 535 – 02/06 – p. 05 e nº 536 – 04/06 – p. 04). No nº 554 de 16/07 há outro editorial sobre eleições para o 20º Congresso Sionista.

O Atentado contra o Mufti de Jerusalém, o mais virulento antagonista dos judeus, é noticiado no S.P.I.T., mas não no *Correio Paulistano* (nº 539 – 11/06 – p. 01).

Os árabes exigem, nas suas condições para a paz, que a proporção entre a população judia e árabe seja de 30% e 70% respectivamente, diz uma

nota de Londres e em outra nota os judeus dizem que a proporção do assentamento no país deve ser a mesma (nº 543 – 20/06 – p. 01).

Sobre as turbulências, há a notícia de que dois árabes foram feridos quando passavam por um quartel judeu e ainda comentários acerca da entrega do relatório do Comitê Real sobre a Palestina, além de contar a discussão sobre as fronteiras de um suposto estado judeu, feita no jornal *Daily Herald*, no artigo “O Estado Judeu”, o que estaria na ordem do dia (nº 545 – 25/06 – p. 01 e 07).

Outra notícia sobre a divisão da Palestina é divulgada pelo *Correio Paulistano*: de Genebra, sob o título “Não querem a Palestina dividida entre árabes e judeus”, a nota diz que o representante da Agência Judaica acreditado junto à Liga das Nações, “faz saber que os judeus se opõem, decididamente, a toda divisão da Palestina entre judeus e árabes” e que a única base para o futuro desenvolvimento do Lar Nacional Judaico deve ser o princípio da capacidade de absorção dos imigrantes judeus na Palestina (C.P. 02/07/37 – p. 02) e, logo em seguida, um longo artigo sem assinatura, sob o título “Espera-se em Londres”, com o subtítulo “O agravamento da pendência árabe-judaica?”, explora o problema que a Comissão Real tem que resolver. Conta, reportando-se a Londres, que o governo inglês espera terminar logo o assunto Palestina, como o fez há 15 anos com a Irlanda do Sul e do Norte, mandando as informações da Real Comissão para a Palestina para a Liga das Nações e que pedirá a revisão do mandato, que se dará na próxima reunião de setembro. Espera-se, em Londres, o agravamento da situação, como o que ocorreu na Irlanda, quando da divisão desse país em 1921, mas o governo britânico está apto a manter a ordem. É crença geral que a Palestina terá um “statu de dominion” geral com certas modificações, como na Rodésia do Sul, que tem seu próprio parlamento e gabinete. Se tanto os judeus como os árabes protestarem, isso é prova da imparcialidade dos ingleses (C.P. 04/07/37 – p. 12).

Voltando à notícia sobre um estado de sítio, relatada pelo jornal em 19/03, o *Correio Paulistano* volta à carga: com o título “Aptas a proclamar o sítio na Palestina” e subtítulo “As forças britânicas em aumento constante”, esse jornal nos dá conta, de Jerusalém, que as autoridades britânicas estariam prontas a declarar o estado de sítio em todo território da Palestina. Estão formando um contingente de muitos milhares de soldados: 8000 britânicos, 3300 “agentes de polícia” recrutados na Palestina comandados por 72 oficiais britânicos, 900 agentes de polícia britânicos e 1000 homens destinados aos departamentos de fronteira. 2000 agentes hebreus da polícia e 2000 agentes árabes receberam ordem para manterem-se alertas para uma imediata mobilização (C.P. 07/07/37 – p. 06), e no dia 15/07/37 em “Notícias do exterior”, de Jerusalém, escreve que o jornal *Haboker* teve sua publicação proibida por duas semanas, como penalidade por ter publicado notícias inverídicas acerca do plano divisionista.

Continuam os protestos árabes contra o plano britânico de divisão da Palestina e o *Correio Paulistano*, no artigo “Os árabes querem a Palestina una” e subtítulo “Impressionante manifestação do protesto” conta que em Bagdad, mais de 50 mil árabes, de todas as classes sociais, percorreram as ruas do reino insurgindo-se contra a partilha da Palestina. Foram mandados telegramas de protesto para os reis do Iraque, Egito, Iemen, para o presidente da Síria, para a Liga das Nações e várias outras representações diplomáticas. Desde as primeiras horas da manhã, os 60 mil judeus residentes ali fecharam suas portas e o governo proibiu aos manifestantes de percorrerem o bairro judeu, com medo de incidentes (C.P. 17/07/37 – p. 16).

O S.P.I.T. transcreve, no lugar do editorial, uma carta de Jerusalém sobre os acordos sobre a Palestina (nº 556 – 21/07 – p. 04) e no número seguinte, o artigo de Sh. Tsichick, comenta que a Itália treme de medo do sionismo, pois uma Palestina judaica serviria aos interesses britânicos. (nº

557 – 23/07 – p. 06). Além da Itália, também os nazistas protestaram por não estarem satisfeitos com o plano inglês de divisão da Palestina (nº 560 – 30/07 – p. 01).

Durante cinco números seguidos, o jornal *Ídiche* transcreve o resumo do informe do Comitê Real de Investigação na Palestina que havia sido entregue e publicado em 07 de julho, como já exposto (nº 561 – 01/08 – p. 06 e 07, nº 562 – 04/08 – p. 05 e 06, nº 563 – 06/08 – p. 06 e 07, nº 564 – 08/08 – p. 06 e 07 e nº 565 – 11/08 – p. 06 e 07). Em 03/08/ 37, o *Correio Paulistano*, sem falar do relatório que havia sido entregue pelo Comitê Real, transcreve uma notícia de Genebra, onde comenta a “Reunião da comissão de mandatos da S.D.N.”. Diz que a comissão de mandatos da Sociedade das Nações fez uma recomendação de que poucos funcionários poderiam assistir suas seções e que não poderiam ser nem maometanos nem judeus, ficando estas secretas. O presidente da comissão propôs também que se apresentasse um relatório ao Conselho das Sociedades das Nações, em que sejam enumeradas as vantagens e inconvenientes na solução proposta pelo governo britânico, mas sem nenhuma recomendação por parte da comissão (C.P. 03/08/37 – p. 08).

Como resultado das passeatas árabes em Bagdad, noticia-se “O governo do Iraque protesta contra a divisão da Palestina”. Com esse título, vem de Genebra a notícia de que o governo do Iraque rejeita a divisão da Palestina e que declara que esse projeto não oferece nenhuma esperança para a solução definitiva do problema, pedindo o reconhecimento de uma Palestina integral e independente e que a imigração judia já não constitui um obstáculo para a continuação e o desenvolvimento das instituições judias na Palestina (C.P 07/08/37 – p. 03).

No 20º Congresso Sionista, realizado em Zurique, em agosto de 1937, o Dr. Weizmann criticou o relatório da comissão pela parcimônia da sua

proposta, mas chamou a atenção sobre a importância histórica da recomendação para o estabelecimento de um Estado judeu. Pelo interesse nesse 20º Congresso, o S.P.I.T. traz muitas vezes o assunto à baila: um editorial dizendo de sua importância no momento; um artigo sobre esse congresso, discurso do Profº. Weizmann no Congresso, outras notícias sobre o discurso do Profº Weizmann no Congresso e sobre a reeleição do Prof. Weizmann como presidente da Organização Sionista Mundial, no 20º Congresso Sionista (nº 563 – 06/08 – p. 04, nº 566 – 13/08 – p. 03, nº 567 – 15/08 – p. 03 e nº 569 – 20/08 – p. 01, respectivamente).

Continuam também, nesse jornal, as especulações sobre o plano de divisão da Palestina, inclusive comentando que o Vaticano era contra essa divisão, com várias notas sobre a Palestina e um artigo sem assinatura, sobre a Inglaterra e a divisão. Não é preciso enfatizar que nem todos os judeus querem uma pátria judaica lá; uns defendendo, outros criticando a maneira como foi feita a partição (nº 565 – p. 11/08 – p. 01, nº 566 – 13/08 – p. 01, nº 567 – 15/08 – p. 01 e nº 568 – 18/08 – p. 03). O jornal *Ídiche* também comenta um artigo do “*Morgn Freiheit*”, jornal comunista de Nova York, que fala simpaticamente sobre a divisão da Palestina com um estado judeu. O redator chefe desse jornal era M. Olguin, escritor, poeta e jornalista de grande conceito internacional (nº 569 – 20/08 – p. 01).

No intervalo sem as edições do jornal *Ídiche* São Paulo, já noticiado em outro tópico, só temos notícias da Palestina através do *Correio Paulistano*. Os conflitos, terrorismos são noticiados como se segue: “Sangrentos conflitos na Palestina”. De Jerusalém: Novos e sangrentos conflitos entre árabes e judeus fizeram com que a polícia redobrasse a guarda e foram feitas buscas nas residências à procura de armas e munições (C.P – 01/09/37 – p. 06). Com o título “Resoluções do Grande Congresso Árabe em Jerusalém”, conta que na reunião do “Grande Congresso Árabe” foram aprovadas várias propostas em relação à Palestina: fundação do

Estado Árabe na Palestina, no qual seriam acordados certos direitos das minorias judias; se a Palestina fosse dividida seriam boicotadas em toda a Arábia as mercadorias árabes e judaicas. Foram mandados telegramas para os reis e dirigentes árabes pela cooperação e um alerta ao Papa quanto a questão Palestina (C.P. – 12/09/37 – p. 24). Na seção que aparece até o fim do ano, “Germania”, como o próprio nome indica germanófila, encontramos o seguinte tópico: “O Judaísmo Internacional”. Um artigo virulento contra os judeus, agora voltado para a pressão do ‘Judaísmo Internacional’, citado por Lord Peel, no seu relatório sobre a Palestina. Fala que existe certa “prevenção e certa consideração para com os fatores do poder do judaísmo internacional, o capital internacional.” Cita o vigésimo Congresso Sionista, em Zurique, dizendo que os judeus querem a Palestina toda e rejeitam a restrição da imigração dos judeus à este território, querendo ser a maioria. “O relatório britânico encara o problema, em primeira linha, como sendo político. Os judeus encaram a questão toda como sendo de caráter econômico” (C.P. 30/09/37 – p. 06).

Com o título: “Novos incidentes na Palestina e uma foto com os dizeres: “Guerreiros árabes na Província de Tafilaleet”, uma notícia de Londres conta de novos incidentes na Palestina, apesar das medidas tomadas pelas autoridades britânicas. Um posto policial em Hebron foi atacado por árabes armados, houve um violento tiroteio contra operários judeus num subúrbio de Jerusalém; uma sinagoga de um bairro judeu foi atacada por terroristas por meio de bombas e foi morto a tiros um fotógrafo armênio a serviço dos ingleses. Um judeu foi morto nas proximidades de Tel-Aviv e outro passageiro de um carro caiu e ficou gravemente ferido. Foram reforçadas as patrulhas policiais (C.P. 22/10/37 – p. 16).

Com o título “Novos atos de terrorismo na Palestina” e subtítulo: “Gravemente feridos um detetive e dois árabes”, de Jerusalém vêm notícias de novos atos de terrorismo, principalmente no norte da Palestina. Em Haifa,

um detetive “israelita” foi gravemente ferido a tiros de revólver, assim como dois árabes. Um banco israelita foi atacado e em Djenin lançaram bombas na rua principal da cidade. Em Sahria houve fuzilaria entre a polícia e um bando armado e na estrada de Jaffa foi atacado um ônibus havendo quatro feridos. Houve toque de recolher entre 20 e 5 horas. O número de detidos em Acre é de 500. Em Jerusalém um árabe foi ferido gravemente a tiros (C.P. 23/10/37 – p. 02).

Voltando novamente a circular, o jornal S.P.I.T. vem com dois pronunciamentos acerca da Palestina: o editorial, falando da situação política na Palestina e um artigo de David Ben Gurion sobre as tarefas do Estado Judeu, já prevendo sua implantação. Essas tarefas seriam mais tarde implementadas, após Ben Gurion ler a Proclamação da Independência do estado judeu e a declaração do fim do mandato britânico. O Estado de Israel estaria aberto à imigração judaica, asseguraria completa igualdade de direitos sociais e políticos a todos seus habitantes sem distinção de religião, raça ou sexo, protegeria lugares santos de todas as religiões e outras generalidades (nº 570 – 24/10 – p. 04). Interessante verificar que nesse número não aparece o quadro da página quatro, com os nomes dos diretores, sua fundação e outras informações que aparecem sempre nesse local. (Não aparece o quadro citado, nem o editorial da página quatro, nos nºs 571 – 28/10 e nº 572 – 31/10).

Uma série de artigos com pronunciamentos e declarações de personalidades judaicas, pró e contra a partição da Palestina começa a aparecer em sucessivos números desse jornal: discursos de J. Magnes, Iacov Lestchinsky, e outros (nº 571 – 29/10 – p. 06, nº 572 – 31/10 – p. 02 e nº 573 – 03/11 – p. 04).

Apesar da coluna “Germania” aparecer em quase todos os números do *Correio Paulistano* até o fim do ano, só em 12/11/37 o tema Palestina

aparece novamente, com o título “Revista da Semana” e com o subtítulo “Palestina”; tece considerações sobre a imigração judaica nessa terra e a causa dos distúrbios, misturando capital judeu, interesse inglês por motivos estratégicos e a coadjuvante Moscou, e o custo dessa luta aos ingleses, pago pelos altos saldos nas caixas da administração inglesa pelo dinheiro que “os judeus importaram no país” (C.P. 12/11/37 – p. 06). Até o fim do ano o *Correio Paulistano* traz notícias catastróficas sobre a Palestina, o terrorismo e os boicotes aos judeus de lá, apesar de não parecer tomar partido a nenhum dos envolvidos no processo. Em artigo de primeira página com o título: “Jerusalém convertida em praça de guerra” e os subtítulos: “As forças inglesas expulsaram quatro agitadores comunistas – O patrulhamento do bairro feito às expensas da população”, o jornal comenta, com notícia do Cairo, a crise política na Palestina, alcançando um ponto culminante com os assassinatos e atentados a dinamite, durante o dia anterior. Fala de folhetos contra as autoridades mandatárias e sobre mais de 30 líderes do movimento revisionista presos, e que a indignação entre os operários judeus atinge o auge. A animosidade entre judeus e árabes está muito grande e Jerusalém parece uma praça de guerra; dizem que se a situação persistir, será aplicada a lei marcial com a pena de morte. De Jerusalém, a notícia de que “quatro agitadores comunistas foram expulsos pelas autoridades mandatárias inglesas.” Conta que as autoridades inglesas expulsarão além desses, todo estrangeiro apanhado em flagrante propaganda do credo vermelho. Também de Jerusalém – “Destacamentos policiais fazem patrulhamento dos bairros judaicos”, comenta que a população terá de pagar destacamentos policiais especiais, por causa dos distúrbios do dia anterior no bairro judaico e que hoje, dia 14, houve outros distúrbios graves, nesta cidade, entre árabes e judeus. Houve sete mortos e muitos feridos (C.P. 16/11/37 – p. 01).

Logo em seguida, com o título: “Complica-se a situação na Palestina” e os subtítulos “Caso a Inglaterra persista em seu plano, os árabes prometem declarar a Guerra Santa” e “Forte resistência contra o plano britânico”, as

seguintes notícias vindas de Jerusalém, nos mostram o estado de ânimo reinante na região: a) a reclamação do Rei Ibn Saud sobre a devolução dos direitos de soberania sobre o porto do Mar Vermelho em Ákaba; b) o estado de sítio para a cidade foi suspenso; c) o partido da “Defesa Árabe” reclama solução para o problema do plano divisionista; d) 450 judeus presos pelas autoridades mandatárias, em consequência dos sangrentos incidentes. Alguns foram internados no campo de concentração de Aco; f) foram presas numerosas pessoas e foram reforçadas as medidas em relação à vigilância das linhas telefônicas e de Londres, notícias de Jerusalém comunicam que devido aos recentes atos de violência, a cidade se encontra dividida em dois grupos: israelitas e árabes (C.P. 17/11/37 – p. 16).

Com o título “A Palestina agitada” e subtítulo “Novos e sangrentos combates entre árabes e judeus”, notícias também de Jerusalém nos contam que judeus e árabes são encontrados mortos em vários lugares. O jornal socialista judaico *Davar*, editado em Haifa, foi suspenso pelas autoridades mandatárias, por tempo indeterminado. Foram instaladas cortes marciais para julgar os implicados em tiroteios e atos de sabotagem. Além disso informa que “Três companhias britânicas dispensaram grupos árabes na região de Safed” (C.P. 19/11/37 – p. 15).

No S.P.I.T. as notícias sobre a Palestina aparecem em todas as edições. Com pequenas notas sobre as agruras que os judeus têm passado com os repetidos ataques terroristas a suas casas e pessoas, escreve sobre as novas fronteiras da imigração, sobre os votos contra a partilha, além de falar sobre o teatro hebraico de Tel-Aviv, entremeadas pelas notícias sobre a situação na Palestina (nº 580 – 24/11 – p. 01).

N.F., em sua coluna em português, que começara no número anterior (580) escreve que Chaim Weizmann, presidente reeleito da Organização Sionista, entregou ao rei Jorge VI, da Inglaterra, um Sefer Torá, uma

mensagem de lealdade e um álbum de fotos dos trabalhos que estão sendo feitos, de reconstrução da Palestina, sem maiores comentários; e em outra página, um artigo de Regalsky comenta o Congresso Mundial Judaico, com o título “Após o congresso ter se proferido”, sobre as resoluções que foram lá tomadas (nº 581 – 26/11 – p. 01 e 03).

Em dezembro não melhoram as notícias; o *Correio Paulistano* traz uma notícia que tem em manchete o seguinte título: “Repetem-se os incidentes na Palestina” e o subtítulo “Vários árabes lançaram bombas contra um ônibus que conduzia vários judeus”; isso resume o fato acontecido em Haifa, onde houve um morto e vários feridos (C.P. 09/12/37 – p. 01) e também conta que os judeus sofreram vários ataques, em “Novos atentados terroristas na Palestina (C.P. 14/12/37 – p. 03).

Sabemos que em Damasco, na Síria, nazistas incitam a juventude árabe contra os judeus (nº 590 – 17/12 – p. 01), mas algo diferente é contado em “Notas e Comentários” de N.F. Com o subtítulo: “Os atentados terroristas na Palestina”, a notícia, de Jerusalém, de que terroristas (judeus) planejaram e mataram um policial árabe; no mesmo número, um artigo de Regalsky, em seus “Comentários”, diz que “Os revisionistas jogam novamente gasolina no fogo...”, deplorando as atitudes desse grupo (nº 593 – 24/12 – p. 01 e 04); já tínhamos tido conhecimento de que vinte revisionistas (judeus) haviam atacado operários judeus da Histadrut, que trabalhavam na construção do hospital Hadassa e ameaçaram o diretor da organização médica do hospital (nº 476 – 08/01 – p. 01).

As últimas notícias do *Correio Paulistano*: “A situação na Palestina é de anarquia” e subtítulo: “Continuam os atos de banditismo e terrorismo – violento choque entre árabes e tropas britânicas”; com várias notas vindas de Jerusalém, contando das desordens ao norte da Palestina. Ataques judeus e prisões de arruaceiros e que os fios telefônicos entre Jerusalém e Jaffa foram

cortados em vários lugares. Depois de um sério ataque por parte dos árabes, as forças policiais tiveram que pedir, pelo rádio, o auxílio da aviação. Houve muitas baixas nas forças britânicas. De Londres, notícias de Haifa avaliam em mais de 300 o número de mortos durante as operações dos três últimos dias na Galiléia (C.P. 26/12/37 – p. 19). Além disso, há um artigo com o título “É grave a situação na Palestina”, subtítulo “Agentes árabes percorrem as aldeias levantando a população, recrutando jovens e angariando subsídios. Os judeus de nenhum modo pretendem abdicar de seus direitos.” Novamente com várias notícias de Jerusalém e Londres, tomamos conhecimento que foram libertados 25 árabes e 9 israelitas recolhidos ao campo de concentração de Acre, mas a polícia prendeu muitas pessoas suspeitas e um árabe que guardava bombas na cama. Grupos armados de beduínos vêm engrossar os bandos terroristas. A “Jewish Agency” comunica que nenhum convênio entre judeus e árabes será levado a efeito e que, sob pretexto algum, os judeus renunciariam aos seus direitos à Palestina. De Londres se informa que a divisão da Palestina será adiada “sine die” e de Jerusalém, novamente, a notícia de que foi possível provar que mais de 90% dos terroristas são constituídos por sírios, que estão equipados com armas e munições, “recebendo além disso uma paga mensal de origem misteriosa”. O desejo de paz, a maior preocupação, é demonstrada pela notícia “O governo está tomando uma série de drásticas medidas para restaurar a paz, ordem e disciplina na Palestina” (C.P. 30/12/37 – p. 03).

Considerações finais

A Comissão Peel (Comissão Real), que havia ido à Palestina para investigar os distúrbios e propor medidas que assegurassem a paz, chegou à conclusão de que, na Palestina, judeus e árabes não procuravam se esforçar por objetivos comuns. Os violentos distúrbios continuaram em 1938; um Livro Branco, publicado em maio de 1939 continha uma virtual sentença de morte para o Lar Nacional e restrições aos interesses judaicos foram

instituídas. Um máximo de 70.000 imigrantes judeus seria admitido durante os cinco anos seguintes e cinco anos depois a Administração Mandatária Britânica seria substituída por um governo palestinese de maioria árabe. Houve protestos da Agência Judaica para a Comissão Permanente de Mandatos da Liga das Nações e não houve vitórias. Mas estabeleceram-se mais comunidades novas onde a colonização, cultivo da terra e defesa própria constituíram a resposta prática do judaísmo palestinese à hostilidade árabe e à vacilação britânica.

Em 1939, o Lar Nacional tinha uma população de 450.000 habitantes e em sua estrutura social contava com centros urbanos, o Kibutz (aldeia coletiva) e o Moshav (aldeia cooperativa). A Histadrut (Federação Geral do Trabalho) foi a entidade que levou o princípio cooperativo a muitos setores.

Era uma sociedade microcósmica, porém articulada. Era quase um Estado Nacional em miniatura e tinha sua própria língua. Tinha também seu exército e Weizmann, Ben Gurion e Moshe Sharet eram aceitos como líderes que consolidaram as diretrizes do movimento trabalhista e admirados na comunidade diplomática internacional.

Enquanto isso, a luta contra o Livro Branco que restringia a imigração continuava e na Segunda Guerra Mundial, 6 milhões de judeus viriam a perecer pelo nazismo; um ímpeto de emigrar para a Palestina apoderou-se dos sobreviventes. Após a política britânica arbitrária e cruel em relação aos refugiados que procuravam a Palestina, a 14 de maio de 1948 os últimos elementos da era mandatária deixaram o solo da Palestina e às 16 h daquele dia, nasceu o Estado de Israel.

O S.P.I.T. não poderia deixar de tratar dessa temática, pois além de ter uma orientação sionista, seus leitores sofriam com a evolução e incertezas do que acontecia na Palestina, além do que já sabiam da

conturbada Europa. Já o *Correio Paulistano*, mais afastado, evidentemente, emocionalmente, do assunto, também deu bastante ênfase aos aspectos das lutas que se desenvolviam lá e parecia bastante próximo aos ideais judeus, a não ser na seção “Germania” que, como o próprio nome sugere, germanófila.

A seguir, encabeçado por uma caricatura de La Guardia, um artigo vindo de Berlim, com o título “Insultou o Reich”, fala sobre o mencionado discurso que o prefeito fez numa reunião feminina no Congresso Judeu Americano; o governo do Reich protestou junto a Washington contra este discurso feito em Nova York; a atitude de La Guardia é considerada audaciosa, atacando ferozmente o chanceler Hitler e o órgão nacional-socialista *Angriff*; diz que “o chefe dos judeus de Nova York insultou Hitler em linguagem obscena” e que o fizera para garantir os votos dos judeus; afirma também que toda a sociedade alemã se insurgiu contra tal discurso, que acusa a Alemanha de “tentar aniquilar a paz do mundo”, é um perturbador da paz (C.P. – 05/03/37 – p. 01).

A polêmica, por causa do discurso que La Guardia proferiu prossegue; com o título “La Guardia mantém o que disse”, o jornal conta que houve pedido de desculpas de Washington pelo incidente, mas que pelas leis americanas havia a liberdade de palavra; no entanto, La Guardia mantém o que disse e reiterou sua posição. Há indignação de toda imprensa alemã e os seus jornais continuam a protestar, dizendo que La Guardia devia ser confinado em um asilo para loucos, comparado a criminosos (C.P. – 06/03/37 – p. 01).

O S.P.I.T., então, num editorial, escreve sobre a resposta “não diplomática” de La Guardia às reclamações alemãs (nº 501 – 10/03 – p.04).

Novamente o *Correio Paulistano* traz à baila o assunto, num alentado artigo não assinado, com o título ocupando quatro colunas da página, sob uma foto do Templo Rodoph Shalom, uma sinagoga no coração de Nova York, pintada com suásticas. “A guerra entre nazistas e judeus nos Estados Unidos” é o título do artigo, que tem três subtítulos, “dezesesseis cruzeiros suásticas, quase indelévels, aparecem em um templo hebreu de Nova York” – “60.000.000 de americanos descendem de alemães” - “Fritz Kuhn, o chefe

da Liga Germano-Americana e das Tropas de Assalto que dizem contar com 80.000 homens é um alto funcionário de Ford”, e faz uma análise da “guerra privada” entre nazistas e judeus, que se desenvolve na época, nos Estados Unidos, dizendo que tudo começou porque La Guardia, que tem 1/6 de sangue judeu (por parte de mãe) e é casado com uma judia e será candidato à reeleição, por querer os 2,5 milhões de votos da comunidade, propôs que a exposição de 1939 para mostrar as perseguições nazistas na Alemanha se denominasse “A câmara dos horrores”.

Depois das respostas de Washington aos protestos da Alemanha, La Guardia reiterou seu discurso e os jornais alemães chamaram La Guardia de “miserável judeu”, “líder de gangsters”, “homem dos bas-fonds que desafogava seus instintos ante um auditório de mulheres de rua,” (mulheres judias para as quais falava). Aparentemente não anti-semita, o artigo prossegue descrevendo a Liga Germano-Americana como uma instituição bem financiada e célula matriz de todas atividades nazistas, tendo à frente Fritz Kuhn, alto funcionário da Ford Motor Company e que dias antes se deixou pegar em fotos, por descuido, com a bandeira nazista.

Os judeus americanos, por meio de seu deputado federal Dickstein, afirmam que 80.000 dos 60 milhões de descendentes alemães americanos estão militarizados e muito cedo chegarão aos 200 mil e que a Ford manteve um jornal quase exclusivamente dedicado a atacar os judeus e depois publicou um folheto dando um alarme contra a absorção hebraica nos Estados Unidos. Mais tarde, depois de lançar os seus carros no mercado e devido à queixa de distribuidores por essa atitude anti-judia, a Ford fechou o jornal e repudiou o folheto.

O jornal paulistano comenta que a suástica se tornou um emblema de ódios e de uma guerra surda num país que “proclama se manter longe das propagandas genuinamente européias.”

As manifestações nazistas e as contra-manifestações são enumeradas ainda no mesmo texto:

Dezesseis suásticas apareceram pintadas numa sinagoga e seus fiéis não conseguiram apagá-las; elas tinham sido desenhadas com as astes ao contrário, e por isto, os nazistas dizem que foram os próprios judeus que as pintaram como parte da campanha para recolher fundos e adesões em sua luta contra o Terceiro Reich. Num comício no Madison Square Garden, onde cabem somente 23 mil pessoas, 250.000 pessoas tentavam entrar: aplaudiram La Guardia, o general Johnson (na N.R.A.) (sic), o Rabi Wise, uma filha de Thomas Mann, exilado escritor alemão e uma dezena de outros oradores, frenéticos inimigos de Hitler. À mesma hora se verificava no bairro alemão de Yorkville, um outro comício ao qual assistiram 100 pessoas que protestaram com violência e arrogância contra a atitude favorável aos judeus no ato do Madison Square Garden. J. Smith, presidente do Comitê Nacional contra o Comunismo, falou entre outras coisas: “Vamos tirar nosso país das mão dos judeus e do alcaide La Guardia, que o mandaremos de volta aos bas-fonds de que veio e de onde nunca deveria ter saído” (C.P. 11/04/37 – p. 27).

Prosseguem os artigos sobre o caso La Guardia. Com fotos, sob a manchete: “Hitler versus La Guardia” (do correspondente em Nova York, Abril) e com três subtítulos: “A penetração nazista nos Estados Unidos” – “Fritz Kuhn, o líder fascista com quartel general em Detroit, declara que seu objetivo é combater o comunismo” – “É lamentável que entre os marxistas existam tantos judeus”, continua a guerra de palavras entre América e Alemanha. Os jornais alemães dizem impropérios contra La Guardia, Blum, franceses, americanos, mulheres americanas e outros vinte países que Hitler chama de degenerados. O artigo fala do exército de Fritz Kuhn, da grande obediência que os alemães americanos rendem ao “fuehrer”, que contribuem

com uma cota por mês; esse dinheiro, no dizer de Kuhn, é para os campos (“converter-se-ão algum dia em campos de concentração de prisioneiros?”) (sic, no original, entre parênteses), que têm por finalidade proporcionar férias em contato com a natureza aos associados. Sua doutrina nazista tem por fim “provocar uma revolução para devolver aos cristãos americanos o país que agora está nas mãos dos judeus “sujos”. Aponta alguns elementos americanos como chefes desse movimento; em sua cartilha, prometem obedecer cegamente a Hitler ou a outra pessoa por ele designada. Kuhn ainda faz o seguinte comentário: “...é lamentável que entre os marxistas existam tantos judeus.”

Os associados são obrigados a assinar juras, das quais o jornal destaca: “Sou ariano e não tenho sangue de judeu ou de negro.” No meio do artigo, há duas fotos super postas que mais parecem ser alemãs do que americanas: Fritz Kuhn no seu escritório na Ford Motor Company, em Detroit, com a cruz suástica na mesa e uma assembléia nazista (C.P. 02/05/37 – p. 09).

O acontecimento ainda rende comentários. Em “Figuras do mundo contemporâneo”, sem assinatura, e subtítulo: “Fiorello Henry La Guardia – Luzzatti, possuidor de algumas gotas de sangue judeu e inimigo pessoal de Hitler, prefeito e candidato a futuro prefeito de Nova York”, vem artigo onde é impresso pela primeira vez o nome completo de La Guardia. Diz que tem como herança genética sangue judeu, através de sua mãe, Irene Coen – Luzzatti e é casado com uma judia. Sua biografia, que não o desmerece, no jornal, conta que havia sido várias vezes deputado federal pelo partido Republicano, que depois abandona. Nas suas decisões e locuções, defende os judeus em qualquer ponto do mundo, principalmente na América, levando esta querela (já descrita em outros artigos) entre jornais da Alemanha e Estados Unidos. O incidente ficou encerrado depois que o governo alemão se limitou a explicar os insultos a La Guardia, às mulheres americanas e

outros, como consequência de “justificada fúria alemã”. La Guardia repetiu duas ou três vezes mais suas acusações e os insultos alemães voltaram à baila. Recebeu, nos primeiros dias de maio de 1937, a medalha anual que a Federação das Associações Judias dos Estados Unidos outorga aos que se distinguem na “obra de conciliação entre judeus e cristãos...”(C.P. 03/06/37 – p. 10).

Só em novembro vemos o nome do causador de toda a questão lembrado pelo S.P.I.T., quando o jornal escreve que La Guardia, “o bravo alcaide de Nova York” deverá agora enfrentar a prova das eleições (nº 578 – 19/11 – p. 01).

Talvez como consequências do caso La Guardia, ocorre uma investigação contra agentes nazistas nos Estados Unidos (nº 535 – 02/06 – p. 01) também citado pelo *Correio Paulistano* em 02 de maio. No S.P.I.T. a nota que Yehud Menuhim tocou pela primeira vez, no Carnegie Hall, o concerto perdido de Schuman, em protesto aos atos nazistas (nº 591 – 19/12 – p. 01). É proferido um discurso contra os nazistas, no congresso americano, (a notícia é de Washington) (nº 536 – 04/06 – p. 01). O editorial no S.P.I.T. aborda o fato da diplomacia alemã protestar contra o boicote americano aos nazistas, na feira de Nova York, dizendo, ironicamente, que o embaixador norte-americano pecou perante os nazistas (nº 555 – 18/07 – p. 04) e a notícia de que os operários americanos boicotam mercadorias alemãs (nº 571 – 29/10 – p. 07).

O *Correio Paulistano*, com notícia de Washington e título “A conferência Cristã Americana protesta contra a perseguição aos judeus”, conta do protesto dessa confederação contra a “perseguição injusta e cruel cometida contra os judeus, que atualmente degrada a Alemanha, a Polônia e a Rumania”, (sic) enviado à comissão dos mandatos da Liga das Nações e pede também à Inglaterra que cesse os trabalhos de obstrução contra os

acordos judaicos, pondo fim à “ilegal, injusta e indefensável divisão da Palestina.”

O cabograma é assinado por La Guardia, presidente dessa confederação e prefeito de Nova York (C.P. 03/08/37 – p. 11).

Outro assunto que também merece atenção foi o caso “Frankfurter”. Ainda em janeiro, o S.P.I.T., em uma notícia de Paris na primeira página, diz que há pedidos para que o processo Frankfurter seja revisto (nº 476 – 08/01 – p. 01); logo em seguida, no *Correio Paulistano*, num dos tópicos em que faz comentários sobre diversos assuntos, com o título “Os fundamentos da sentença contra o assassino de Davos”, o jornal explica que o estudante judeu David Frankfurter foi acusado e sentenciado pelo assassinato de Wilhem Gustloff, chefe da seção suíça do Partido Nacional Socialista, em Davos. No documento que o tribunal do Cantão de Grisões distribuiu para as partes interessadas, consta que desde muito tempo o assassino planejava o crime, sendo, portanto, um assassinato premeditado. O material apresentado pela defesa, a respeito da maneira como os judeus eram tratados na Alemanha, não ajudou em nada no processo. As únicas atenuantes a atender foram a falta de qualquer antecedente penal e a circunstância do réu se haver apresentado imediatamente à polícia, mas o tribunal repeliu veementemente a tentativa de Frankfurter querer explicar seu delito pelo desejo de libertar a Suíça de um homem que estava pondo em risco a própria organização do país (C.P. – 28/01/37 – p. 09).

O S.P.I.T. aborda vários outros temas, além dos políticos e os descritos nos capítulos anteriores. Como exemplo, T. Mishkes, em tradução do hebraico, conta das “Nossas crianças maravilhosas na América” e descreve o trabalho de Simon, um jovem escritor e poeta, que foi convidado para ser correspondente do *Time* em Nova York (nº 475 – 08/01 – p. 03); S. Tsischik relata que na Abissínia existem cem mil judeus negros, os falachas,

e que o novo governo quer manter boas relações com eles. (nº 475 – 06/01 – p. 03).

L. Teler, de Nova York, conta que existem cem mil fazendeiros judeus nos Estados Unidos (nº 486 – 31/01 – p. 02); Melech Ravitsch, numa série de artigos, se refere aos famosos “judeus chineses” e narra “lendas e realidades”, “padres em defesa dos judeus chineses” e “os próprios judeus salvarão os judeus chineses”. (nº 493 – 19/02 – p. 06)

Mendel Kan nos conta o que acontece no Japão.

Desde que o pacto “anti-Komintern” foi assinado com a Alemanha, o Japão ficou inundado de literatura chegada daquele país. Os poucos judeus que moram nas cidades japonesas são cidadãos de outros países e se dedicam à exportação e importação. Suas crianças não têm orientação judaica, pois não existem clubes nem escolas nas pequenas comunidades; nem líderes que os orientem. Os estrangeiros judeus que chegam da América ou outros lugares não têm uma “casa” que possam freqüentar. Quando os judeus do Japão ficam com saudades de “idishkeit”, vão para xangai, mas nem todos podem se dar a esse luxo. Kan termina o artigo perguntando: “O que farão eles quando o anti-semitismo chegar lá?” (nº 548 – 02/07 – p. 07).

No fim do ano, o jornal judaico traz o pedido de socorro “Judeus de xangai apelam para os judeus do mundo por ajuda”, onde dizem que o inverno será rigoroso e eles não têm meios de enfrentá-lo. (nº581 – 26/11 – p. 01) Em seguida, N.F. reitera o chamamento: “Hospital da Bnei-Brith de Xangai” apelou para o bureau central da entidade, pedindo auxílio, porque seus meios estão se acabando, pois atende a mais de mil e quinhentos feridos de guerra por mês. Outro tópico do mesmo N.F. é sobre os “Veteranos israelitas da Inglaterra”, onde conta que sete mil e quinhentos veteranos de

guerra israelitas, vindos de todo o país, se reuniram e foram homenageados. (nº 583 – 01/12 – p. 01).

Também de N.F. as notícias que procuram enaltecer feitos judaicos: de Londres, que a imprensa louva o novo professor de direito internacional de Cambridge, um judeu alemão, cuja cátedra é uma das mais importantes da universidade e que “o célebre artista israelita Jacob Epstein”, nascido em Nova York e há muito tempo estabelecido em Londres foi escolhido para representar a Inglaterra no Congresso de Escultura de Veneza (nº 591 – 19/12 – p. 01).

De Adolfo Coelho, com tradução para o ídiche de M. Hanaft, a série “O internacional do dinheiro”, a partir de março, descreve como os fabricantes de armas preparam a guerra (nº 507 – 24/03 – p. 06 e nºs seguintes). Os judeus religiosos da Espanha são o tema de artigo de L. Schnaiderman (nº 516 – 16/04 – p. 07) e com o título “Pelo pecado do pai, pagam os filhos” ficamos conhecendo um caso que aconteceu em Tel Aviv, num concerto de Toscanini. Dois músicos não puderam atuar na orquestra pois, pelas leis na Palestina, na época, teriam que ser judeus, mas estes, apesar de terem pais judeus, não foram circuncidados (nº 481 – 20/01 – p. 08).

Dois contos humorísticos, ambos de Zashtshenko, servem de exemplo para o amplo espectro dos assuntos publicados no S.P.I.T.. O primeiro, “Um telefone”, conta uma história envolvendo um telefone e seu dono, que não tinha para quem telefonar. Sofre um trote que o afasta de casa e esta é assaltada (nº 482 – 22/01 – p. 03). No segundo, “Eles que se matem” (folhetim soviético), o protagonista jura que não ajuda mais ninguém, mesmo que esteja correndo perigo de morte, pois, ao querer auxiliar uma pessoa que parecia acidentada, teve que pagar uma multa para o pronto

socorro chamado, pois tudo não passava de uma farsa (nº 483 – 24/01 – p. 06).

Durante o ano de 1937 o *Correio Paulistano* ainda fala algumas vezes dos judeus, além dos assuntos já expostos nos capítulos anteriores. Em “Ascensão da casa dos Rothschilds” se refere ao “Dia dos Historiadores Alemães”, quando o Dr. Wilhelm Grau falou sobre “A Casa dos Rothshilds”, expondo que, até aquele dia esta ainda não havia aberto os seus arquivos; fazendo um histórico sobre o desenvolvimento da família desde o começo do século 19, quer mostrar que essa família conseguiu uma posição monopolizada nas transações estaduais; mais tarde tiveram que dividir o domínio entre as novas potências financeiras, em sua maioria judaicas; não havia princípios básicos para seus negócios: a política dos Estados com quem negociavam podia ser reacionária ou revolucionária, o principal era que as transações progredissem; os “Rothschilds são os magos do dinheiro e fazem questão de formar o mundo segundo o protótipo do dinheiro”: “as decisões dos povos sobre a guerra e a paz iam ter às suas mãos e eram tomadas segundo ponderações nuas e cruas”. O artigo termina dizendo que “a idéia do mundo feita pelo capitalismo financista judaico não conhece nações; conhece providências econômicas. Este alvo tem profunda afinidade como que deseja o marxismo” (sic). O local onde foi realizado o evento não é mencionado.

O interessante é que o artigo dá a impressão de que as opiniões e assertivas são do próprio redator (sem assinatura) e não do Dr. Grau (C.P. 12/08/37 – p. 08).

No dia seguinte, na coluna “De relance...”, assinada por ATAHUALPA (seria um pseudônimo?), há um relato do que se passou na Câmara Municipal de São Paulo. Segundo o redator, o vereador Tenório Brito investiu, baseado em sólidos argumentos, contra o escritor Gustavo

Barroso, “ teuto-cearense, um dos maiores do integralismo” que procura denegrir João Ramalho, por ter sido judeu, como diz o articulista. O artigo explica a vinda de judeus ao Brasil pela perseguição religiosa em Portugal e da descendência de judeus convertidos espalhados em todo território brasileiro. Um trecho chama a atenção: “Ora, o judaísmo não é em rigor, uma raça, mas sim religião, puramente religião, tanto assim que seus representantes apresentam todos os tipos raciais do mundo. Unidos pela religião, apegados a uns tantos bens terrenos, ligados por absolutamente, espírito de solidariedade, é possível que se tornem nocivos nos países onde não existam leis capazes de conter o que há de malefício em sua atuação.” (sic). Conta que o “inteligente e operoso vereador Tenório de Brito”, ligado pelos seus ancestrais a famílias oriundas dos dois grandes patriarcas João Ramalho e Antonio Rodrigues, genros de “Tibiriça e Piquerooby” exaltou o valor das índias casadas com os patriarcas de nossa nacionalidade. Diz ainda que as acusações de Gustavo Barroso a João Ramalho nada apresentam de ponderável ante as provas em contrário da história (C.P. 13/08/ 37 – p. 05).

Em setembro, um conto de Wladimir de Toledo Piza, “A ilustre casa dos Sefardim”, ocupando três colunas, ironiza uma “família célebre da Arábia, de origem hebraica” ridicularizando a sua pseudo cultura (C.P. 02/09/37 – p. 05); com o título de “Memórias póstumas de Sefardim I”, o mesmo autor, também em três colunas, responde e transcreve uma pseudo (?) carta de um leitor que, aparentemente, protesta contra o conto acima descrito e ironiza a posição do missivista (C.P. 05/09/37 – p. 04).

Em dezembro desse ano, uma notícia no S.P.I.T. conta, vinda de Insbrück (Áustria), que foram presos organizadores de voluntários que queriam ir para a Espanha juntar-se aos legalistas. Entre estes haviam alemães, italianos e húngaros; eles atravessaram as fronteiras da Suíça e da França para alcançar seus objetivos (nº 589 – 15/12 p. 01). Em “Notas e Comentários”, N.F. dá três notícias do mundo judaico, com os seguintes

Diversos

Houve assuntos que não foram incluídos nos cinco capítulos e que, porém, pelo seu interesse, decidimos agrupar nesse item.

Um dos casos que mais chamou a atenção, principalmente pela insistência do *Correio Paulistano* em apresentá-lo, foi o da querela entre o prefeito de Nova York, La Guardia, e Hitler. Fiorello La Guardia, falando em uma reunião feminina no Congresso Judeu Americano, manifestou-se de forma ofensiva contra o nazismo e Hitler, em particular e isto desencadeou reações violentas da imprensa alemã: na realidade, as manifestações nazistas procuravam atingir todos os tipos de alvos.

A primeira vez que o nome do prefeito é citado, no *Correio Paulistano*, é quando, na coluna já mencionada anteriormente, “Germania”, apareceu uma matéria, como correspondência especial; um dos tópicos é “O boicote judaico contra Max Schmellig” e se refere à notícia esportiva procedente da Alemanha sobre boxe, falando sobre as influências judaicas que, já por ocasião das olimpíadas de 1936 “buscavam impedir a participação das equipes americanas nos ditos jogos”. Diz ainda o articulista que a “Liga Anti-Nazista”, cujo presidente é La Guardia, é dirigida por um judeu de nome Samuel Untermeyer e que um de seus acólitos declarou que Schmellig “é uma espécie de mercadoria” e que precisam “obstar que os nazis tirassem dela qualquer proveito”. Pensam que o alemão seria o vencedor, senão não haveria interesse de evitar o encontro. A população não toma parte na briga, mas um dos jornais declarou que “os judeus muito bem preferiam deixar de ir às lutas”. O artigo termina dizendo que o desejo dos verdadeiros esportistas é que haja a luta e que “consideram um combate segundo seu valor desportivo e não como uma ‘mercadoria’ de que se possa tirar maior ou menor proveito” (C.P. – 28/01/37 – p. 09).

títulos: “Homenagem ao Rabino Pereira Mendez”. O falecimento em Nova York do Rabino H. Pereira Mendez causou pesar à comunidade. Seu féretro foi solene, na Sinagoga Portuguesa de Nova York. O Presidente Roosevelt mandou carta de pêsames pela perda do grande historiador e estudioso. Com o título “A rainha Mary no museu Israelita de Londres”, informa que a rainha Mary visitou e ficou cerca de 1 hora no Museu Israelita de Londres, onde foi calorosamente ovacionada. Ainda de Londres, “Um Israelita doa 200 mil dólares ao Hospital do Câncer de Londres”, dá conta que um judeu doou 200 mil dólares para o hospital do Câncer dessa cidade (C.P. 593 – 24/12 – p. 01).

Considerações Finais

Apesar de aparecerem somente dois temas comuns nos dois jornais, nesse tópico, a diferença encontrada nos tratamentos dos outros assuntos, com referências a judeus, é flagrante.

Não temos dúvidas que é dever do jornal S.P.I.T. enaltecer ou pelo menos amenizar os feitos dos judeus pelo mundo afora, enquanto que o *Correio Paulistano*, se não declaradamente anti-judaico, nada faz para esconder o caráter anti-semita de alguns dos artigos, assinados ou não.

Considerações Finais

A leitura do material correspondente ao ano de 1937 do *San Paulel Idiche Tsaitung*, primeiro dos quatro volumes conservados, significou o levantamento de aproximadamente 950 páginas de jornal, sendo metade ocupadas por anúncios, o que corresponde a uns 50% do que foi publicado naquele ano.

Nosso interesse em averiguar o nível de inserção na ambientação à vida brasileira dos judeus que, em sua maioria, haviam chegado poucos anos antes à cidade onde projetavam construir uma nova vida, com o aproveitamento da igualdade que em geral desconheciam em seus locais de origem, foi amplamente satisfeito. Da mesma forma, na nossa leitura do S.P.I.T. cotejado com o *Correio Paulistano*, pudemos averiguar que o nível de interesse nas vivências judaicas ou que afetavam a vida judaica em outros países manteve-se alto naquele ano, o que é comprovado pela grande quantidade de notícias e artigos que davam conta do desenrolar dos acontecimentos que iam agravando a situação dos judeus em diversos países, em particular naqueles de onde a maioria dos leitores locais provinham, ou seja, a Alemanha e a Polônia.

O jornal ídiche apresentou, em forma de notícias, comentários, artigos ou anúncios, o que mereceu maior destaque dentre as atividades comunitárias e as apoiou: inauguração de escola, assembléias de entidades beneficentes, a atuação em prol dos desprovidos de recursos – de imigrantes a tuberculosos, eventos culturais ou sociais, espetáculos teatrais, a ajuda a conterrâneos; o jornal, porém, nem sempre se mostrou favorável a todas as atuações, como foi o caso em que se preparava a inauguração de um lar de velhos. A única fonte que possuímos hoje para apreciar a matéria é o próprio jornal, o que invalida conjecturas opinativas que poderíamos tentar formular a respeito.

A integração na vida brasileira, ao mesmo tempo em que se mantinha a preocupação e o trato com assuntos especificamente comunitários, pode ser atestada pela grande quantidade de anúncios publicados. Escritos principalmente em ídiche, mesmo quando apenas se transliterava alguma palavra sem correspondência por pertencer ao um universo mais avançado em atividades, os anúncios indicavam toda a gama de atividades a que membros da comunidade se dedicavam ou os serviços que desta forma eram oferecidos, preenchendo as necessidades de pessoas que, poucos anos antes, sequer teriam cogitado disto: curso de admissão ao ginásio (ascensão a que nem todos tiveram acesso em suas localidades de origem), gráfica (cartões de visita e documentos comerciais atestando uma vivacidade nos negócios, convites para festas, celebrações, ingressos de teatro, indicando atividades sociais e culturais), moda (algo que nos locais de origem era muito menos acessível; troca de hábitos, com a assimilação de conceitos de aparência, beleza, de adaptação ao novo clima, universalização; profissionalização; industrialização; entrada no mercado de trabalho brasileiro com novas opções de sustento; escolha de um campo de trabalho que conduzisse a uma comercialização de produto básico); associação dos vendedores ambulantes (entrada num campo de trabalho primário e primitivo, do qual muitos emergiram para os níveis de lojistas e fabricantes); tradutores, despachantes, agências de navios e agentes de remessa de dinheiro (atingindo imigrantes, seus filhos que precisavam de documentos para ir à escola, mulheres e filhos que precisavam ser ajudados nos países de origem ou ser trazidos para a reunião das famílias). Os anúncios indicavam também que os judeus chegados anteriormente ou já aqui nascidos tinham conseguido chegar a posições mais elevadas, obtendo formação superior e exercendo profissões liberais.

Quanto à participação política na vida brasileira, o levantamento do material pertinente indica que, apesar de incentivar a participação política

dos seus leitores nas eleições que se avizinhavam, o jornal *Ídiche* adota uma posição de cautela em relação à problemática nacional com referência ao Estado Novo, chamando, inclusive, a atenção do seu público para que obedeça às leis e normas políticas oriundas dos decretos emitidos; não há questionamento do sistema e nada é posto em dúvida.

Quanto ao anti-semitismo nem todos os textos desse periódico se dedicam especificamente às brutalidades das perseguições; é preciso reconhecer que tratam da questão tomando como eixo o nazismo e suas conseqüências e anunciavam com entusiasmo o reflexo das derrotas sofridas pelos seus inimigos, principalmente os integralistas, no Brasil; no entanto, o jornal mostrava-se apreensivo com sua propaganda, que atingia a comunidade.

O *Correio Paulistano*, órgão que participava do núcleo do Partido Republicano, no poder, demonstrou, como diz Boris Fausto, “como bons oligarcas autoritários, franca simpatia pelo regime de Mussolini” (p. 18) e seus artigos mostravam que “as relações entre a oligarquia paulista e os imigrantes foram bem mais complexas do que poderia supor à primeira vista” (p. 11).

O S.P.I.T., de tendência francamente sionista patenteia sua posição com os artigos que publica. Já o *Correio Paulistano* não se mostra contrário às posições judaicas na Palestina.

Consideramos que o levantamento e análise destes materiais jornalísticos puderam proporcionar um conhecimento mais acurado da comunidade judaica paulistana e de suas preocupações no ano em questão, 1937; ao mesmo tempo em que se averigua a vitalidade da forma jornalística apresentada pelo S.P.I.T., que indica o empenho de que o periódico foi dotado para marcar o seu espaço na vida comunitária e se fazer uma

publicação imprescindível para a informação e a formação de seus leitores, fica comprovado seu dinamismo pelo número de páginas de cada exemplar e pelo aumento da periodicidade que viria a ocorrer nos anos seguintes. Sua pujança refletiu a vida agitada e profícua da comunidade ídiche de São Paulo.

Bibliografia

Bibliografia

AQUINO, Maria Aparecida (1990). *Censura, imprensa, estado autoritário (1968-78). O exercício cotidiano da dominação e da resistência. O Estado de S. Paulo e Movimento*. Dissertação de mestrado apresentada na área de História Social da F.F.L.C.H. U.S.P.

BLAY, Eva (1º sem. 1989) “Inquisição, inquisições: aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30” in *Tempo Social* 1 (1), São Paulo, p. 105 – 130.

CACCESE, Neusa Pinsard (1971). *Festa – Contribuição para o estudo do modernismo*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, U.S.P.

CONSOLMAGNO, Marina (1993). *Fanfulla: perfil de um jornal de colônia (1893 – 1915)*. Dissertação de Mestrado apresentada na área de História Social. F.F.L.C.H. U.S.P..

CORREIO PAULISTANO (01/01/1937 a 31/12/1937).

CYTRYNOWICZ, Roney (1990). *Memória da barbárie. A história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, Nova Stella.

CYTRYNOWICZ, Roney (1992). *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. Dissertação de mestrado apresentada na área de História Social da F.F.L.C.H. U.S.P.

EBAN, Abba (1971). *A história do povo de Israel*. Rio de Janeiro, Bloch.

ENCICLOPÉDIA JUDAICA CASTELLANA (1940). México, D.F. Ed. Enciclopédia Judaica Castellana.

ENCICLOPÉDIA JUDAICA CECIL ROTH (1967). Rio de Janeiro, Tradição.

ENCYCLOPAEDIA JUDAICA (1971). Jerusalém, The Mac Millan Company.

FALBEL, Nachman (1984). *Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil*. São Paulo, Federação Israelita do Estado de São Paulo.

FAUSTO, Boris (1991). *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo, Sumaré.

GRÜN, Roberto (1995). “Os judeus na política paulista: identidade, anti-semitismo & cultura” in *Imigração e política em São Paulo*. P. 71-125. São Paulo, Sumaré.

GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes (1987). *Novíssima: estética e ideologia na década de vinte*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros. U.S.P.

GUINSBURG, Jacó (1996). *Aventuras de uma língua errante*. São Paulo, Perspectiva.

LARA, Cecília de (1971). *Nova cruzada (contribuição para o estudo do pré-modernismo)*. São Paulo, Instituto de Estudo Brasileiros. U.S.P.

LESSER, Jeffrey (1988) “Continuity and Change Within an Immigrant Community: The Jews of São Paulo, 1924 – 1945” in *Luso Brazilian Review*, XXV, 2 p. 45-58.

LESSER, Jeffrey (october 1994, I). “The immigration and integration of Polish Jews in Brasil, 1924-1934” in *The Americas*, 51:2 p. 173-191.

LESSER, Jeffrey (inverno 1994, II) “Imigração e mutações conceituais da identidade nacional, no Brasil, durante a era Vargas” in *Luso Brazilian Review* 31:2 p. 121 – 150.

LESSER, Jeffrey (1995, I) “Images of Jews and refugee admissions ‘in Brasil, 1937 – 42” in *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*, vol. 20, nº 39 – 40 – p. 65-90.

LESSER, Jeffrey (1995, II). *O Brasil e a questão judaica – imigração – diplomacia – preconceito*. São Paulo, Imago.

LESSER, Jeffrey (Berlim, 1995, III) “Jewish Refugee Academics and the Brazilian State, 1935-1945” in *Ibero-Amerikanisches Archiv*, 21 1/5, p. 223-239.

LESSER, Jeffrey (July 1996, I) “(Re)creating ethnicity: middle eastern immigration to Brazil” in *The Americas* 53:1 – p. 45-65.

LESSER, Jeffrey (1996, II) “From Antisemitism to Philosemitism: The Manipulations of Stereotypes in Brazil, 1935 – 1945” in *Patterns of Prejudice*, vol. 30 – nº 04 – p. 43-55.

MONTIEL, Rosana (1996). *Movimento: a janela de uma geração. A organização do fundo de arquivo “Jornal Movimento”*. Dissertação de mestrado apresentada na área de História, F.F.L.C.H. U.S.P.

NAPOLI, Roselis Oliveira de (1970). *Lanterna Verde*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, U.S.P.

RATTNER, Henrique (1977). *Tradição e mudança (A comunidade judaica em São Paulo)*. São Paulo, Ática.

“SAN PAULER IDICHE TSAITUNG” (A Gazeta Israelita de São Paulo (1937) nº 474 ao nº 595).

TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza (1988). *O anti-semitismo na era Vargas (1930 – 1945)*. São Paulo, Brasiliense.

TRUZZI, Oswaldo (1992). *De mascate a doutor: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo, Sumaré.

Anexos I

COLABORADORES (Em ordem alfabética)

DO Nº 474 AO Nº 523

Abadavsky L.

Sobre a vida na Rússia Soviética

Nº478 pg..2

Abramson, Boris

Um dos fundadores do Centro Brasileiro de Cultura Idiche (Rio de Janeiro) em 1963. O objetivo do Centro era incentivar o estudo do idiche, promover atividades relacionadas com essa língua e organizar um curso para formação de professores de idiche.

A nova epidemia anti-judaica na Polônia

Nº486 - pg. 2

Abreich, Y.

Os caminhos da Alemanha para ganhar a guerra

Nº484 - pg. 3

Alpern, A.

Vida econômica e otimismo, na França

Nº482 - pg. 6

Atlis, K. R.

A Europa se suicidará?

Nº508 - pgs. 3 e 8

Baratz, Yosef

Nasceu em 1890 na Ucrânia e morreu em 1968 em Israel, para onde emigrou em torno de 1920. Escritor de literatura hebraica

Ahmed Duban e sua história

(De um ladrão selvagem para um político vencedor)

série de artigos:

Nº501 - pg. 6 - 1ª parte

Nº502 - pg. 3 - 2ª parte

Nº503 - pg. 6 - 3ª parte

Birenberguer, M. Y.

Kamil Hoisman, sobre a Espanha

Nº515 - pg. 6

Blander, A.

A história tragi-cômica com os 200 dissidentes rumenos

Nº494 - pg. 2

Boruch'Ke

O terceiro seder

Nº510 - pg. 1

Bukoviner, A.

O decreto lesivo ao destino do cidadão na Romênia

Nº503 - pg. 4

Cimerman, M. G.

Gente em ruína

Nº480 - pg. 2

Coelho, Adolfo

O internacional do dinheiro

(Como os fabricantes de armas preparam para a guerra)

(Tradução para o ídiche: M. Hanaft)

série de artigos:

Nº507 - pg. 6 - 1ª parte

Nº508 - pg. 5 - 2ª parte

Nº509 - pg. 3 - 3ª parte

Nº510 - pg. 3 - 4ª parte

Nº511 - pg. 3 - 5ª parte

Nº513 - pg. 3 - 7ª parte

Nº514 - pg. 3 - 8ª parte

Nº515 - pg. 3 - 9ª parte

Nº516 - pg. 3 - 10ª parte

Nº517 - pg. 3 - 10ª parte

Nº518 - pg. 3 - 11ª parte

Nº519 - pg. 3 - 12ª parte

Nº520 - pg. 3 - 13ª parte

Nº521 - pg. 3 - 14ª parte

Nº522 - pg. 3 - 15ª parte

(Observação: não houve publicação do artigo no Nº512 e houve repetição da contagem no Nº517 - artigo diferente)

Druk, D.

Barcelona, antigamente e hoje.

Nº481 - pg. 6

Duker, Abraham Gordon

(1907.....) - Historiador, nascido na Polônia, fixou-se nos Estados Unidos em 1923. Foi diretor do "Contemporary Jewish Record", em 1938-1941, e "Jewish Social Studies", desde 1952. Em 1956 foi designado presidente do College of Jewish Studies em Chicago e em 1963, professor de história e instituições sociais, bem como diretor das bibliotecas da Yeshiva University, New York

A situação dos judeus na Polônia

(contado pelo correspondente da "Imprensa Americana")

Nº511 - pg. 6

Feigin, T.

Escritor e ativista da Argentina.

"O que tem que acontecer que aconteça a mim"

(Quadros da vida rumena)

Nº481 - pg. 2

Fish, Erwin

Uma cidade com loucos

Nº518 - pg. 6

Flagstein, Dr.

A riqueza da natureza do Marrocos Espanhol

Nº502 - pg. 6

Greisan, Djei

A pátria dos negros

Nº499 - pg. 6

Herman, B.

L. Blum sana a imprensa francesa

Nº474 - pg. 3

Herman, N.

Um comité para a paz entre judeus e árabes

Nº522 - pg. 9

Kaganovsky, A.

Um tal conhecido

Nº493 - pg. 3

Kaltzav, M.

"Atravessem!", clamam as rádios nas trincheiras de Madri

Nº522 - pg. 5

Kan, Dr. Alfred

Sob a sombra da cruz gamada

Nº477 - pg. 3

Katler, Z.

Ussishkin's espera pelos judeus de todos os países

Nº513 - pg. 6

A obra das operárias judias na Palestina

Nº518 - pg. 3

Kovner, B.

Só se está sentado (Um pouco de ironia e seriedade sobre a greve sentada)

Nº508 - pg. 5

Lang, H.

Lord Meltshet conclama os cristãos para um julgamento

(por ocasião de sua chegada ao Brasil)

Nº510 - pg. 4

Latsky - Bertoldi, Jacob-Wolf

(1881-1940) Líder solicialista, militou inicialmente no movimento revolucionário russo; foi, depois, atraído por

Achad Ha-am para o nacionalismo judeu e, juntamente com Nachman Syrkin fundou em Berlim o periódico Ha-am. Participou da fundação do partido socialista sionista S.S.. Em 1918 foi ministro para questões judaicas na Ucrânia; mais tarde mudou-se para Riga, onde dirigiu o jornal "Frimorgen". Em 1934 estabeleceu-se na Palestina.

Jacob Letshinsky - 60 anos de idade

Nº475 - pg. 2

Lazinsky, Saadia

De origem holandesa e um dos fundadores da Biblioteca Sholem Aleichem, no Rio de Janeiro, em 1915. Judeu religioso se tornou de esquerda e foi da diretoria da Escola Sholem Aleichem.

Sem título.

Nº477 - pg. 2

Lensky, S. (Lemberg)

"Gaudeamus Igitur..."

Nº485 - pg. 4

Outono polonês

Nº489 - pg. 2

Nossos presentes de Ano-Novo

Nº514 - pg. 6

Judeus e a consolidação nacional

Nº522 - pg. 6

Lentsh, Leonid

Uma história com sabedoria

(Um humorismo soviético)

Nº479 - pg. 6

Lentsh, M.

Consumado um ardil

Nº488 - pg. 6

Lestchinsky, Jacob

(1876-1965) Sociólogo, nasceu na Rússia e dedicou a maior parte de suas primeiras investigações à sociologia dos judeus da Europa Oriental. Foi para a Alemanha em 1921, para os Estados Unidos, em 1938 e para Israel em 1958. Ligou-se ao Yivo e ao Congresso Judeu Mundial e sua maior popularidade decorre de grande atividade intelectual na imprensa ídiche e por outras formas de expressão, especialmente no campo da sociologia e no domínio do status econômica do povo judeu

Os distúrbios dos estudantes em Vilna

Nº482 - pg. 2

Judeus e Judias! Para a escola!

Nº509 - pg. 3

Devem os deputados judeus abandonarem o parlamento polonês?

Nº516- pg. 3

Linder, N. B.

O despertar espiritual dos judeus alemães

Nº485 - pg. 4

Lipshim, D.

Um povo de 100.000 pigmeus vive na África

Nº484 - pg. 6

A matéria ardente da terra

Nº515 - pg. 3

Mabashan, A.

Nome literário de Menachem Mendel Braunstein (1858 - 1944). Escritor em hebraico. Propagou a cultura hebraica em sua terra natal, a Romênia e em 1914 estabeleceu-se na Palestina. Sua obra inclui poemas, narrativas, folhetins e traduções.

(Sheliach do Keren Haissod na Argentina)

Lembranças da "Palestina" para Palestina

Nº508 - pg. 4 e 7

Marcel, G.

Catalunha

Nº501 - pg. 4

Margoshes, Samuel

(1887 -) Jornalista em ídiche. Nascido na Galícia, mudou-se para os Estados Unidos em 1905.

Como colunista (desde 1923) e diretor (1924-1944) do diário ídiche "Tog", apoiou enérgicamente o sionismo.

Margoshes foi elemento de destaque no Congresso Judeu Americano e nas atividades sionistas.

Tschernovitz - uma cidade judia em ídiche.

Nº478 - pg. 6

Marshalik, Josef

A estratosfera está como que sob medida (folhetim)

Nº498 - pg. 6

Michal, K.

Dolares (esboço)

Nº477 - pg. 2

Ela chorou... (esboço)

Nº523 - pg. 2

Mishkes, Isaac

Tendo emigrado para São Paulo, desde cedo colaborou para o desenvolvimento do ensino judaico. Muito culto, foi professor do Colégio Renascença.

Nossas crianças maravilhosas na América

Nº475 - pg. 4

Período de libertação

Nº509 - pg. 3

Mukdoni, Alexander

Pseudônimo de Alexander Kappelo (1887-1958). Ensaista em ídiche. Nascido na Rússia, onde se dedicou à literatura ídiche, foi para os Estados Unidos em 1924. Seus ensaios críticos e históricos sobre teatro ídiche aparecem em

Varsóvia (1909) desde 1922, porém tornou-se mais conhecido como crítico teatral do "Morgen Journal" de New York.

Um sacrifício

Nº490 - pg. 3

Como o governo polonês se comporta

Nº486 - pgs. 3 e 5

Niger, Samuel

Pseudônimo de Samuel Charney (1883-1956). Escritor e crítico literário. Dirigiu periódicos em ídiche na Rússia e trabalhou no desenvolvimento da vida literária judaica.

Conseguiu escapar aos pogroms poloneses e foi para os Estados Unidos em 1919, onde se tornou diretor literário do "Der Tog", onde continuou seu trabalho de crítico. Seus estudos críticos de literatura ídiche apareceram em muitos volumes, sendo de notar o "Vegen Ydishe Shreiber", "Mendele Moicher Sforim", "H. Leivik" e "I. L. Peretz". Niger foi o principal crítico de literatura ídiche, cujos ideais nacionais e culturais ajudou a formular. Lecionou literatura ídiche na Universidade Columbia

Os judeus não voltarão ao gueto!

Nº502 - pg. 6

Novak, Aron

Pertenceu à primeira diretoria do Centro Israelita de Niteroi, que foi fundado em 01 de agosto de 1925.

o objetivo do Centro era unir todos os judeus domiciliados em Niterói, no cultivo ao judaísmo - sua cultura e religião - fomentando o respeito a suas tradições.

Umas tais lembranças...

Nº518 - pg. 6

Ravitsh, Melech

Poeta judeu em língua ídiche, entre as duas grandes guerras; nasceu na Polônia e morreu no Canadá.

Foi da vanguarda literária e sua obra é uma das mais importantes da literatura judaica.

Os mundialmente famosos "judeus chineses"

(Lenda e realidade)

série de artigos:

Nº493 - pg. 6 - 1ª parte

Nº494 - pg. 3 - 2ª parte

Nº495 - pg. 6 - 3ª parte

Nº496 - pg. 2 - 4ª parte

Nº497 - pg. 6 - 5ª parte

Nº498 - pg. 3 - 6ª parte

Nº499 - pg. 3 - 7ª parte

Nº500 - pg. 6 - 8ª parte

Regalsky, M.

Jornalista profissional, correspondente de Buenos Aires

Na Degania

Nº489 - pg. 3

No mundo político

Nº490 - pg. 2

Comentários:

Nº491 - pg. 2

Nº492 - pg. 4

Nº493 - pg. 2

Nº494 - pg. 2

No mundo político

Nº495 - pg. 3

Nº496 - pg. 2

Comentários:

Nº497 - pg. 2

Nº498 - pg. 2

Nº499 - pg. 2

Nº500 - pg. 2

Nº501 - pg. 2

Nº502 - pg. 2

Nº503 - pg. 2

Nº504 - pg. 2

Os que recuperaram as rochas

(do livro "Os que eu vi em Palestina")

Nº505 - pg. 2

O milagre de Kfar Guiladi

Nº506 - pg. 2

Em Kafar Yehezkel

Nº507 - pg. 2

O futuro judeu na União Soviética

Nº508 - pg. 5

Comentários:

Nº509 - pg. 2

Nº510 - pg. 2

Nove meses de guerra civil espanhola

Nº511 - pgs. 2 e 7

Comentários:

Nº512 - pgs. 2 e 7

Nº513 - pg. 2

Nº514 - pgs. 2 e 7

Interessante comentário na Constituição Soviética

Nº515 - pg. 2

Uma conversa com Lord Meltschet

Nº516 - pg. 2

Comentários:

Nº517 - pg. 2

Nº518 - pg. 2

Nº519 - pg. 2

Nº520 - pgs. 2 e 5

Nº521 - pg. 2

Nº522 - pg. 2

Nº523 - pg. 4

Reichman, Aba

Mais perto do objetivo - mais succulenta a luta

Nº517 - pg. 7

Revautsky, A.

Uma conversa com um anti-semita

Nº485 - pg. 3

Rheinlender, Hanz

A guerra humanitária, com suas obscuras expectativas

Nº483 - pg. 3

Riguer, B.

Primeiros seres humanos na América

Nº508 - pg. 6

Riklim, G.

12 recomendações

Nº486 - pg. 3

Rotshtein, Yacov

O primeiro jornal judaico do mundo - Detalhes, aparência, conteúdo

Nº522 - pg. 8

Schenderai, Moishe

Escritor, jornalista, orador, ativista do Congresso Mundial Judaico e da AMIA da Argentina.

Um povoado argentino.

Nº516 - pg. 6

Schnaiderman, S. L.

Mulheres heroínas da guerra espanhola

Nº505 - pg. 3

Judeus religiosos na Espanha

Nº516 - pg. 7

Slushtz, Dr. Nachum

Jornalista, historiador, foi professor de história na Sorbonne, intelectual respeitado, escreveu sobre os Marranos. Deixou uma grande obra.

Importante escavação arqueológica na Palestina

Nº512 - pags.3 e 7

Tabaliakov, V.

O pulso apalpado (folhetim soviético)

Nº484 - pg. 2

Teitlroit, S. - São Paulo

Paralelos... (comparações...)

Nº509 - pg. 3

Sobre a palavra "democracia", na última revolução em São Paulo

Nº516 - pg. 4

No país:

Nº518 - pg. 4

Nº519 - pg. 4

Nº520 - pg. 4

Nº521 - pg. 4

Nº522 - pg. 4

Teler, L. - Nova York

100.000 fazendeiros judeus nos Estados Unidos

Nº486 - pg. 2

Tsishik, S.

Nasceu na Rússia e emigrou para a Palestina na 2ª Aliá, no começo do século. Muito ligado a Ben Gurion, estudava o problema das Tribus Perdidas

Os falachas na Abissínia

Nº476 - pg. 3

Tunkelen.

A arte de falar resumidamente.

(Uma piada)

Nº510 - pg. 4

Valman, L.

O porto de Tel-Aviv cresce, dia a dia.

Nº492 - pg. 2

Yuris, Dr. A. S.

Originário da Galícia, era conhecido jornalista de Israel, para onde emigrou nos anos 20. Sheliach do Keren Kaiaemet e do Congresso Mundial Judaico, viajou para muitos países a

fim de divulgar o sionismo. Membro do executivo da Histadrut, dirigia o departamento de cultura.

De vasta cultura judaica, viveu alguns anos em Buenos Aires
A Palestina neste momento

Nº521 - pg.s 6 e 7

Zak, S.

Judeus em Trípoli

Nº504 - pg. 3

Zacharov, N.

Zaracharov, sua vida e morte

Nº479 - pg. 2

Zashtshenko, M.

Um telefone

Nº482 - pg. 3

Que eles se matem (folhetim soviético)

Nº483 - pg. 6

Cuide da saúde (Humorismo soviético)

Nº497 - pg. 2

Zinger, Lejbus

São Paulo - Escritor judeu em ídiche, com temática de assuntos de interesse geral ou vida judaica.

S. Granievitsh

Nº509 - pg. 4

Zinguerevitz, Moishe (rabino)

Fez parte da primeira diretoria da Sinagoga Religiosa Israelita Beith Itzchak Elchonon - São Paulo, fundada em 1936 por judeus de origem lituana.

Viveu em seguida no Rio, e depois emigrou para Israel, onde faleceu.

O tempo de nossa libertação

Nº509 - pg. 5

NUMERO
1
(1582)

ANO
1
(11.º)

הדפעה פון פאפער

Diretor Responsável: DR. LEONARDO FRANKENTHAL

São Paulo, 8 de Janeiro de 1959

Redator: MARCOS FRANKENTHAL

גלייכע פארטרעטערשאפט

פארערט די וועלט - קאנפערענציע פון אלגעמיינע ציוניסטן

די מענטשליכקייט פון באשיסען אין פאראויס די צאל קאנגרעסן דעלעגאטן, וואס וואלן באשיסען ווערן פאר יעדן לאנד, אפגעווען פון דער צאל שטיל-קויפער. לויט דעם פלאן וואלטן אנדערע פאקטאָרן נענטערן געווארן אין אנבאטראכט, ווי די גרויס און ווייב-טיקייט פון דער יידישער באפעלקערונג, די מאַס שטארקהייט פון ציוניסטישער מעטיקייט, א. א. וו.

דאָס איז א ריכטיקע פראָצעדור, האָט דר. ניומאן געזאָגט, בתנאי אז די פארטיילונג פון דעלעגאטן זאל נעמאכט ווערן ניט אויף דער באזע פון דעם אויניווערסעלן, דאָסעלעסן שפיל, וואָס דארף איינמאל פאר אלעמאל אויפגענומען ווערן. שוין צייט אז מען זאל אנערקענען, אז דער ציוניזם איז געהויבן א חידולאָרן באוועגונג און דער צוואכענעטעל פון ציוניסטישן קאנגרעס דארף אָפּשניטלעך דעם דאָזיקן פאקט. אזוי פון ניער פילאן, וואָס וואָלט פארזיכערט א גענוגער פארטרעטערשאפט האָט

דער קאנפערענציע אין ניו יארק. ערשטערונג פון דר. עמנואל נוימאן

ניו יארק — אמעריקע דארף באקומען גלייכע פארטרעטערשאפט מיט ישראל ביי צומענטשע ציוניסטישע קאנגרעסן. עמנואל נוימאן, פרעזידענט פון דער וועלט-קאנפערענציע פון אלגעמיינע ציוניסטן, אין א דערקלערונג פון הויפט-ביוראָ פון דער קאנפערענציע אין ניו יארק.

דר. ניומאן האָט פארענטפלעכט די דערקלערונג נאָך א יוצונג פון דער וועלט-קאנפערענציע פון דער קאנפערענציע, ווי די טראגע פון וואָלן און פארטרעטערשאפט ביים קומענדיקן ציוניסטישן קאנגרעס אין באטראכט געוואָרן, אין דער קאנפערענציע האָט זיך באטייליגט מאַס שטארקמאן פון בענאָס אירעס, וועלכער האָט פארטראָט די אמטן-אמטיראָנער קאנפערענציע פון אלגעמיינע ציוניסטן וואָס זענען אַריין 23 לענדער.

אנדערער אייפנאבן אין ציוניזם

אויסמוסקעניק מיט אונדזער היינטיקן נומער, "פאָלער יידישע צייטונג", ווילן מיר דערקלערן פאר אונדזערע ליינער די אויפנאבן און צילן פון אונדזער אלגעמיינע צייטונג "פאָלער יידישע צייטונג" וועט האָבן א ספער ציעלע אפטיילונג וואָס וועט זיין א טריבונע פארן יידישן גע-ראַטיק. וועט אנטפלעקן די אומפארענליכע אוצרות פון אונדזער נייער נייעסטיקער זיכט.

די "פאָלער יידישע צייטונג" וויל כסדר דערמאנען דעם יידן, וואָס איז פארמאן אין זיינע קאנפערענציע וואָכער-היינטיקע און העלדן פון גייסט, וועלכע האָבן מיט זייער לעבן און מיט זייער ווערק, געגעבן דעם לעבן א זין פון הייליגקייט און דערהויבנקייט.

די "פאָלער יידישע צייטונג" וויל וועגן ביים וועגן דער דאָס באוועגונג, אז ער איז א זון פון א גרויס פאָלע, און איינציק פאָלע — אן עס עולם, א פאָלע וואָס קען נישט צעשטערט

פאן פארשער צייטונג

פראנקענשטאט

מדרש

רעדאקטאר

פרייטיק, כ"ח שבט תשי"ט

סאן פאולא

פראנקענשטאט

לעאנארדא

פראנקענשטאט

נאט אין א רייז צייטונג פאר

נישטן דער אויסגאב פון צווייטן

וועלטליכע האט אים געפונען

אין דעם וועלט, ווי ער איז

געווען דעלעגאט צום 21-סטן ציר

ניסטאט קאנגרעס פון דארטן

איז ער אנגעקומען אין די פאר

רײַזעס שטאטן.

דער דעפוטאט קמע

ניט אַז כבוד דעם

פון יוסף שפירצאק

דער דעפוטאט איליאמאר בא

יעי א האט מיר געווען, איידע

די צייט האט זיך אנגעפאנגען,

ווען דער פון די יוסף שפירצ

צאק, פרעזידענט פון כנסת פון

כריתת ישראל.

דער דעפוטאט קאמער האט

באשלאסן צו יעדן מיר-מיט

דעם צום ישראלי אסכאסארא,

אין צום יידישן פאליק, וואס האט

פאריירן איינעם פון זיינע בעם

כע זין.

מפא"י אויפגעקענט מיכ

משה דיין'ס עפנטליכע

ארויסטריטן

תל-אביב (ציונים) — משה

דיין'ס אויסטריטן האבן, זעט

אויס, אויסגעשטופט די געווענ

פון דער מפא"י פירערשאפט,

טויבס, האבן זיך לעצטע דע

דע געהאט אין ירושלים, האט

ארויסגעפון שטארק אויספ

גונג אין דעם מפא"י לאנדע, די

געווענע אויפגענוג האט ארויס

געווען דיין'ס עפנטליכע אויס

קעמפט ישראל'ס אומאפהענגיקייט

פארשטייען זיכער גיט ווייניקע

די איינציקע בארעפערניש פון

ישראל, ווי די וואס זיצן אויס

פירטן שטאק אין דער הסדרות

געביידע.

דער דאזיקער טאן פון שטע

לן דעם יונג דער עמפער גענ

די פאליטיקער, אומהאלט אין זיך

א זייער אומאנגענומען ביינעש

מאק, שרייבט דער "דבר" אויף

דעם פירטן שטאק פון דעם הס

אנגעשטרענגטע מפא"י

מפא"י באצייגט אין זי

דאך רעגירונג

תל-אביב (ציונים) — מפא"י

דוילד און אויסגעהאלטענע אין

אירע באצייגט מיט דער מפא"י

מערות אין דער רעגירונג, האט

דערמאנט מאיר יערי, פירער פון

מפא"י, אויף א קאנפערענץ פון

זייער אנגעשטרענגטע זייער

דעם ווייטער פארלייבן פון

מפא"י אין דער רעגירונג אומ

הויכער שווער, ער האט באשול

דיסט אין מפא"י מיניסטער פון

מאכטאזשור, די ארבעט פון די

מיניסטער, וואס ווערן אנ

פירט דורך מפא"י מיניסטער.

ער האט אבער צוגעגעבן, אז

מפא"י וועט גיט פארלאזן די

רעגירונג, מראץ דעם וואס מפא"י

שטופט איר דערעז.

מאדלונג פון אמעריקא

זיכונג פון עקוועטור

פון וועלט קאנפערענץ

ציע פון די אלגעמיינע

ציוניסטן

לעטסטע און 22-סטן פע

דאך אין תל-אביב

ניו-יארק (ציונים) — די עק

וועטווע פון דער וועלט קאנ

פערענע פון די אלגעמיינע

ציוניסטן וועט אפהאלטן אירע

וועט פון תל-אביב, אונטערן

פארויז פון פרעזידענט פון דער

קאנפערענץ, דר. עמנואל

גרימאן, דעם 21-סטן און 22-סטן

פערזאנל, ד. י. האט דא דער

קעמפט א פארשטייער פון הויכע

ביורג פון דער וועלט קאנפערע

ראציע, ביידע ציוניסטן וועלן פאר

קומען אין דעם 2. א. יי. הויז

אין תל-אביב.

א סאט שפעטער, דעם 23-

סטן פעברואר, וועט אין ירושלים

פארקומען, באראמאנט פון די

פארשטייער, וועלכע פארמאגט

וועלט קאנפערענץ פון אלע

מדינת ישראל און נאמען

די דראמאטישע ענדערונגען וואס זיינען פארגעקומען אין

ליניע פון דער אינטערנאציאנאלער פאליטיק.

די דאזיקע ענדערונגען ברענגען מיט זיך, צוזאמען מיט דער

אינטערנאציאנאלער וועלט פאליטיק, ערנסטע זיכערקייטס-סע

פאן און שווערע פאליטישע פארגעקומען, שפעטער פאר מדינת

ישראל, פאר שטרענגע און האבער ווי ווען עס איז פריער.

די דאזיקע ענדערונגען צווינגען מדינת ישראל אפצונעמען

מיטלען אויף צו פארשטאנדן און פארשטאנדן איר זיכערקייט

און נאראטירן איר נאציאליזם.

די נאטורלישע עקספאנאט אין אירע אראבישע לענדער, אירע

ישראל, וועלכע ווערט ארומגעניגט, פון איר זייטן, דורך ארא-

בישע, נאט געשעטע ארמיען, אונטער דער איינהאלטענע קאמאנ

דע פון נאטורלישע, וועלכער האט קיינמאל נישט אויסגעהאלטן ווי-

נע כוחות. לכא פאר, וועמען ער ווייזט אן, יעדע געלעגנהייט

איר, "שונא נאטע איינס" און ווארט אויפן פאסיקן מאמענט.

אפצונעמען מדינת ישראל פון דער מיטל-מזרחדיקער לאנד-מארגע.

און, די נאטורלישע נעמאר איז געווארן נאך שטרענגער און

ערנסטער א דאנק די אינטערנאציאנאלע אין איראק און שפעטער

צווייטע די אומבאקאנטע אין לבנון און עבר הירדן אונטערן מצריש-

מירישן דרוק, וואס אינטערנאציאנאלע ווי אנשליסן צו דער נאטורלישער

אפגעפער, וואס די אינטערנאציאנאלע פון די אמעריקאנער צייט אפגעפערט,

און די ענגעלעכע אין ירדן האבן אויף א קורצע צייט אפגעפערט פון

אבער, די נעמאר איז נאך פאראן, ווייל, די עסטאבליזאציע פון

די ריזיגע לענדער זיינען נאך אונטער א גרויסן פראגע-צייט

A Gazeta Israelita de São Paulo

NUMERO

2

[1583]

ANO

1

[11.º]

Director Responsável: DR. LEONARDO FRANKENTHAL

São Paulo, 6 de Fevereiro de 1959

Redator: MARCOS FRANKENTHAL

Oração proferida pelo Dr. Moysés Kahan por ocasião da comemoração do 30.º dia do falecimento do snr. Salo Wissmann

No trigésimo dia da última jornada empreendida pelo salo Wissmann às regiões etíreas, aqui se reúne a coletividade de São Paulo para dizer o seu derradeiro adeus àquele que à morte rendeu o tasto corpo.

Salo Wissmann foi arrebatado do numero dos vivos. Na mansão celeste, ferido no sono de sem horas, não mais poderá acartidar o pobre, desvelar-se pelos tracos, velhos e doentes, ou fazer que o seu coração se compadecesse e fizesse seus os sofrimentos alheios. Não mais se ouvirá a sua mensagem de caridade, de bondade, de tolerância; não mais alforaão às asas lípidas do seu espírito humanitário às mentes ténimas e obstinadas dos que descrem da unidade do nosso Povo; não tremulará mais em mãos de Salo Wissmann a bandeirola de

Oração proferida pelo Dr. Moysés Kahan, Presidente da Federação, no ato do 30.º dia do falecimento do Snr. Salo Wissmann, realizado no dia 29 de Janeiro no Templo da Congregação Israelita Paulista.

judaicos, e dá do melhor do seus esforços para a criação da Congregação Israelita Paulista, a fim de restabelecer neste hemisfério os valores culturais, sociais e religiosos de seus antigos concidadãos.

O seu intenso judaísmo, nos alhores da Restauração do Estado de Israel, em 1948, levou-o à preocupação apaixonante com o movimento de judeus nacionalistas. Salo Wissmann identifica-se com os anseios do sionismo político e empolga-se pela comunhão de interesses judaicos no mundo, a qual se lhe revela em toda a plenitude do seu complexo bíblico, começa a forjar o instrumento financeiro da comunidade de São Paulo e de temperar, destarte, em torno de suas instituições e da lealdade para com o Estado de Israel, a unidade social do "yishuv" paulista.

O Estado de Israel e Nasser

Os dramáticos acontecimentos que tiveram lugar no Oriente Médio, colocaram Israel no primeiro plano da política internacional.

Tais eventos, bem como a política internacional, acarretaram sérios problemas, de ordem política e militar para Israel, obrigando o novo estado a adotar medidas para garantir sua defesa e integridade territorial.

A política imperialista Nasseriana visa subjugar todos os países árabes de fronteiras comuns com Israel. Tendo todos os exércitos árabes unidos sob seu comando, legítimo a ele, realizar seus propósitos maliciosos contra Israel. Aliás, seus frequentes pronunciamentos, apontando Israel como inimigo N.º 1 do pan arábismo e prometendo riscá-lo do mapa do Oriente Médio, mostram claramente as aspirações do ditador egípcio.

O perigo nasseriano tornou-se mais agudo com a revolução no Iraque e as convulsões no Líbano e Jordânia. Estes acontecimentos foram influenciados pela flau, com o objetivo de anexar estes países ao império sonhado por Nasser.

A intervenção americana no Líbano e Inglaterra na Jordânia acalmaram temporariamente a cobiça de Nasser, mas não a eliminaram por completo. Eis porque a estabilidade destes dois países ainda está sob ponto de interrogação.

Realmente, Nasser conseguiu o que almejava.

Pelo fato das intervenções americana e inglesa, que

עצמנו

**פרצקעמאך א
מרדכי, רעדאמאך:**

איבערנעמען אינדרוקן פון זיין באזוך אין ישראל. רעדנדיג וועגן דעם נייעם וואס הערשט אין ישראָל, האָט אירונגמאַן אויסגע-ראָל וועט זיך ניט אָפּשייטן פאַר קיין שוועריקייט און וועט זיי נישט כער בייקומען, טראָץ דער ארא-בישער שטאַה און פערמאנענטער אנדעמיע. די אלגעמיינצייטיגסטע שטע אָרגאַניזאַציע אין ענגלאנד אין אָנערשלאָסן אַז דער וועלט קאָנ-פערדראַטע פֿון אלגעמיינע ציי-עיסטן אונטער דער פירערשאַפט פון דר. עמנואל גימאַז.

מיט "ישראל" ו
 שטענדיג פראגמאטיש און
 פארסונליך פאפולאר צו באהאנדלן
 אונזער דאס געפאלענע

פאנפאני בעת זיין באזוך אין חות פון איטאליענישן פֿעמיער, תל אביב (ציגס) — די שטיי.

[illegible]

תל אביב (ציונים) — די רעדעס פון די פירערע פערזענלעכקייטן פון מפא"י, וואס זיינע געהאלטן געווארן אויף סעמינאר פון מפא"י-פירער, האבן אלגעמיינליכע אונטערשיידן איינציע ריי פון אונטערשיידן דעם געדאנקען. מען האט געהאט ווערסער און איידען, וועלכע זיי זען פשוט אריינגענומען פון אל-געמיינ - ציוניסטישן פראגראם, שרייבט, "הבוקר", אין די באריכט, וועגן דעם סעמינאר, וואס איז אפגעהאלטן געווארן אין "בית-בערל".

פארמיטירט אים צו געבן אן אומגעוויינלעכע
אומשטאנד. ער האט דאס געוואלט
אויסצושטעלן און דער שטח וואס ער
האט געוואלט אומשטעלן איז געווען
אין אן אומגעוויינלעכע אומשטאנד.

אונטן מענטשן אויסערן געווען, נאכדעם ווי מען האט זיי בארא-
כעוועט און דאס, אויב מען האט זיי געלאזט לעבן. אויב, נאך
היינט, מען צוליב א פאליטישן צווא אומקומען צענער מיוזשער
אומשולדיקע מענטשן. אויב בלבליים, לינגס און צונויפגעשטער-
קעוועטע פראצעסן דרייען. און יאר, אויב, ווען עס לינגט זיך, פארשינדע-
מען דאס לעבן פון „ידידות שרידע“, פארשיקט מען אומ-
שולדיקע יידן און „ידידות פון „בידג“ ביזנעס“, מאכט מען
פאליטיש פראצעסן אויף „ידידות דאסמוריס“, פירט מען אן אנא-
פונען, פארזיכערט שטאנצ צו „בידג ישראל“, תמים מען זיך
צו „די ווילדע אראבער“, ברעכט מען אן א פארוואס „קאמער-
ציעלע אפמאכן“ מיט ישראל. אויב דאס איז דער וועג און דאס
וועגן וויין די שטענדיג - אייניקע מיטלען אויף צו שאפן א בע-
קערעס אדרונג, וועט עס נאך האבן. דאס רעכט אנגערופן צו ווערן:
א „ריסושע אדרעגונג...“ מיט אלע אויסמישונגען... אבער
כישום אונז וועט מען א רעכט זיך אנצורופן אן אדרעגונג
פון ישר און גערעכטיקייט.

[illegible][illegible]

והוא ר' אברהם אבן עזרא

אנחנו רוצים לראות אתכם

די לעצמע טעלעגראמען מאכן אינדר באקאנט מיט פאפולער פאסטן: "זאדע, ווען מייסטא קרוינעו האט ביים שליסן דעם 21-טן קאנגרעס פון דער קאמוניסטישער פארטיי, אין רוסלאנד, דערקלערט אז די איין פון "נערוון-קרוי" הייבט אן זיך צווייגן — גראדע איצט, ווען מייסטא קרוינעו זיך אנטפערט אן די באציינעט צווישן מרת און מערב קרוינעו ווי אן צו מארכעסטרן — גראדע איצט, האבן די אמעריקאנער גענוגען פאר רייכטיג און פאסט צו פארעכענענאן א דאקומענט, דורך ווי גרא-ווירט, וואס זאגט ערד אז דער "אמעריקאנער, מיליטערישער מאנאפאסט" - אויפן וואס איז דעם 2-טן סעפטעמבער 1968, אראפגעפאלן אויף "ארבעטער, מעריטאריע און האט געקאסט, אויסער דעם עכט - שאדן, 17 יונגע לעבנס, איז נישט געווען אין געוויינלעכער אקציענס נאר א באברארישער גולזשער, באוועגונגער, אדומערגעשאפן.

ליוון ווי עס גיט איבער דער אמעריקאנער "וואַרשזאָנער", זיינען די דאָזיקע דאָקומענטן געווען געוואָרן צו מיטאָגאָנען, קרעשעווער רעכטע האַנדל, בעט וויל בוזור וואָס ער האָט נאָר-וואָס געמאכט אין די פאַרזיכטיקע שטאָטן, דעוואַרסנדיק, בעט וויל אומבאַקאנט וויל אין רוסלאַנד, צו באַקומען אַ צעפּרודצירטע פּלע-דיקע ענטפּער, וואָס אין גיטש געקומען.

אומער, 'אז צו א צאמערקע, די קלערער פון זעס פון די יונגע לופט.
מומען מיט אים פריער, איידער די רובן האבן געארבעט
די באשולדיגטע מען די באוועטן רופלער, איז אויך גע-

Gazeta Israelita

de São Paulo

NUMERO

3

[11584]

ANO

1

[11.º]

Diretor Responsável: DR. LEONARDO FRANKENTHAL

São Paulo, 13 de Fevereiro de 1959

Redator: MARCOS FRANKENTHAL

Retratos e adeuses

C. M.

Quando, pela manhã, o presidente do Senado, Sr. Sprintzak, que me honrara com um convite para visitar a Knéset (Parlamento), me perguntava com a sua cordial vivacidade se já tinha visto as crianças de Israel, a pessoa que me acompanhava respondeu-lhe que não; que ia vê-las pouco depois, antes de partir. Na verdade, eu apenas vi as crianças que se encontram em qualquer lugar: pelas ruas de Safed, nos "kibutzim", nas praias, nas aldeias, no Purim de Tel-Aviv, entre as pedras de S. João de Acre... Crianças louras de olhos claros; crianças morenas, de olhos pensativos, crianças que por toda parte pareciam felizes, mesmo as que encontréi convalescentes na enfermaria de uma das casas que a Wizo mantém num maravilhoso lugar onde, entre o campo e o céu, parece que o mundo está começando outra vez.

Quando saímos da Knéset, levaram-me a visitar um senhor que há muito tempo se ocupa dessa obra admirável de recuperação das crianças israelitas. Valeu a pena subirmos e subirmos muito andares para encontrarmos um homem tão apaixonado pelo seu trabalho, que me conta coisas do tempo da guerra, que me fala do problema da Educação em Israel, que me descreve as aldeias da juventude e, finalmente, me leva para uma

BEN CURION, "JIVAGO" devia ser ainda mais reacionário.

Jerusalém — O "Dr. Jivago" de Boris Pasternak é dos livros mais desprezíveis jamais escrito sobre os judeus por um homem de origem judaica, declarou o primeiro-ministro de Israel, sr. Ben Curion, no curso de uma conferência relatada pela imprensa israeliana.

O primeiro-ministro acrescentou que "isso é tanto mais desolador quando esse livro foi escrito por um homem que teve a coragem de desafiar o governo de seu próprio país."

A grande censura formulada pelo Sr. Ben Curion, contra o "Dr. Jivago" é que Pasternak se mostra partidário da assimilação dos judeus e não do sionismo.

AREF, Condenado a morte

Jerusalém — O Coronel Aref, ex-vice presidente do Conselho iraquiano e ex-chefe do Estado-Maior do Exército do Iraque, foi condenado à pena de morte — anuncia a Rádio de Jerusalém, citando a Rádio de Bagdá.

O Tribunal Militar, ao expedir seu veredito, reconheceu todavia o coronel Aref à clemência do general Kassam, cuja aprovação é necessária para a execução da sentença.

A condenação foi pronunciada quinta-feira, mas ela foi anunciada somente esta noite pela Rádio de Bagdá.

ARABES E JUDEUS gostaram dos soldados brasileiros

Orquestra Filarmônica de Israel

O diretor artístico da Orquestra Filarmônica de Israel, Zvi Haftel, que se encontra presentemente nos Estados Unidos a fim de contratar artistas norte-americanos para a próxima temporada sinfônica, revelou alguns dados estatísticos interessante durante uma recepção que lhe foi oferecida pela "América Israel Cultural Foundation", que contribui com quase cem mil dólares anuais para a manutenção da Orquestra. Durante o temporada 1957-58, a Orquestra deu 181 concertos, ouvidos por um total de cerca de 40.000 pessoas.

A receita da orquestra foi de perto de um milhão de libras israelenses, provenientes de assinaturas de concertos em Tel-Aviv, Haifa, Jerusalém. A receita de discos, este ano deverá alcançar um total de 36.500 libras. Os 93 professores que formam a orquestra recebem um total de 745.000 libras de salário e 228.000 libras são averbadas para "guest artists" de Israel e de outros países.

R. A. U., Arábia Saudita, Jordânia, Iemen e Líbano, numa Frente Árabe

Beirute — A constituição de uma frente árabe independente, agrupando a República Árabe Unida, a Arábia Saudita, o Iemen, a Jordânia e o Líbano seria atualmente objeto de estudos, afirmam, esta manhã, os dois jornalistas libaneses, o "Oriente" e o "Jaryda", referindo-se a fontes próximas dos meios oficiais jordanianos.

Esse agrupamento teria um caráter de união federativa em que cada membro conservaria a sua com-